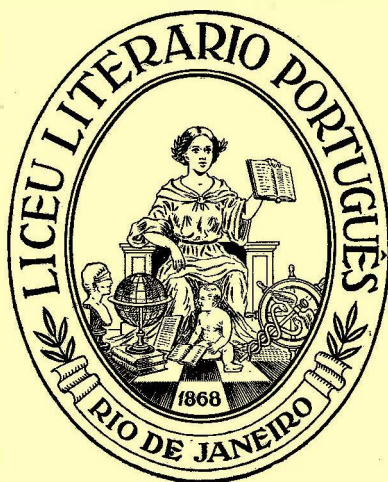


CONFLUÊNCIA

REVISTA
DO
INSTITUTO DE LÍNGUA PORTUGUESA

Per multiplum ad unum



N.º 15 - 1.º semestre de 1998 - Rio de Janeiro

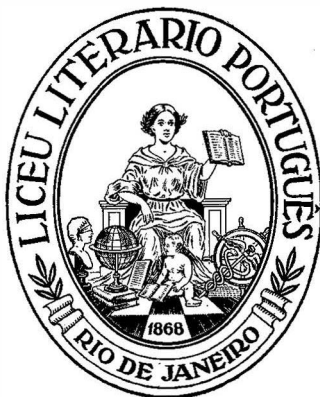
CONFLUÊNCIA

ISSN 1415-7403

Per multiplum ad unum

*“As armas e padrões portugueses
postos em África, e em Ásia, e em
tantas mil ilhas fora da repartição
das três partes da terra, materiaes
sam, e pode-as o tempo gastar: però
nã gastará doutrina, costumes,
linguagem, que os portugueses
nestas terras leixarem.”*

(JOÃO DE BARROS, *Diálogo em Louvor
da Nossa Linguagem*)



N.º 15 - 1.º semestre de 1998 - Rio de Janeiro

CONFLUÊNCIA

REVISTA
DO
INSTITUTO DE LÍNGUA PORTUGUESA

LICEU LITERÁRIO PORTUGUÊS
Presidente: Manuel Paulino

CENTRO DE ESTUDOS LUSO-BRASILEIROS
Diretor: Antônio Gomes da Costa

DIRETORIA DO I.L.P.
Manuel Paulino (Presidente)
Sílvio Elia (Vice-Presidente)
Gladstone Chaves de Melo
Maximiano de Carvalho e Silva
Evanildo Bechara
Antônio Basílio Rodrigues

CONFLUÊNCIA
Diretor: Evanildo Bechara
Comissão de Redação:
Sílvio Elia
Gladstone Chaves de Melo
Maximiano de Carvalho e Silva
Antônio Basílio Rodrigues

Produção Gráfica
Editora Lucerna Ltda
Cx. Postal 32054
CEP 21933-970 - Rio de Janeiro - RJ

Pede-se permuta
Pídese canje
On demande l'échange
Si chiede lo scambio
We ask for exchange
Man bitte um Austausch

Endereço para correspondência:
Liceu Literário Português
Rua Senador Dantas, 118 - Centro
CEP 21031-201 - Rio de Janeiro - RJ - Brasil
Tel.: (021) 220-5495 / 220-5445 - Fax: (021) 533-3044

A matéria da colaboração assinada é da responsabilidade dos autores.

Este número de *CONFLUÊNCIA* contou com o apoio especial da
Secretaria de Estado da Cultura de Portugal, da Federação das
Associações Portuguesas e Luso-Brasileiras e da TAP – Air Portugal

SUMÁRIO

	Pág.
Editorial (ANTÔNIO GOMES DA COSTA)	5
Sentido e Missão da Comunidade (INSTITUTO DE LÍNGUA PORTUGUESA)	8
Homenagem a Sousa da Silveira	11
Sousa da Silveira: O Homem e a Obra (MAXIMIANO DE CARVALHO E SILVA)	13
Pequena Lembrança de um Grande Mestre (GLADSTONE CHAVES DE MELO)	44
Lembrança de Sousa da Silveira (SÍLVIO ELIA)	46
Incursões de Sousa da Silveira na Romanística (EVANILDO BECHARA)	47

ARTIGOS

Fonética Sintática (RICARDO CAVALIERE)	61
As edições da <i>Arte da Grammatica da Lingua Portugueza</i> de Antônio José dos Reis Lobato (CARLOS DA COSTA ASSUNÇÃO)	68
O sufixo -ACO ² em português (estudo histórico-etimológico) (ANTÔNIO GERALDO DA CUNHA)	85
Cirigüela (EDMÍLSON MONTEIRO LOPES)	92
As idéias lingüísticas de Fernão de Oliveira (JOSÉ LEMOS MONTEIRO)	98
Honrar o português como língua materna (FRANCISCO GOMES DE MATOS)	117

REGISTRO BIBLIOGRÁFICO	121
------------------------------	-----

NOTICIÁRIO	136
------------------	-----

COLABORADORES DESTE NÚMERO	143
----------------------------------	-----

EDITORIAL

NO 10 DE JUNHO

Dr. Antônio Gomes da Costa

Não mudam as posições, mudam apenas os momentos. Hoje, como no ano passado, como há 50 anos, como há um século, os portugueses do Brasil e os luso-descendentes reúnem-se neste templo camoniano, ou noutro qualquer altar da Pátria, para evocar, com orgulho e fervor, a Epopeia de nossos maiores. Não o fazem para cumprir uma liturgia desprovida de conteúdo e vazia de simbolismo. Nem para mostrar simplesmente as raízes étnicas ou as origens culturais. Fazem-no por impulso e de forma espontânea, como se ouvissem, na própria alma, um grito de portugalidade e esse grito os conduzisse para qualquer lugar, não importa se entre os igarapés da Amazônia, ou nos descampados gaúchos, desde que haja um busto de Camões, ou um mapa quinhentista dos Descobrimentos, ou a bandeira de Portugal, ou as marcas e alegorias de um povo. Não se procure outro motivo para isso senão o gostar de Portugal – e o gostar muito de Portugal.

De uns, porque nasceram do outro lado do atlântico, pelo berço e pela nacionalidade, até se poderia cobrar deles a devoção; de outros, entretanto, diríamos que se vêm cultivar Camões e as glórias lusitanas, já o fizeram, não por compromisso, mas porque sentem que na construção e grandeza deste país não foi pequeno o contributo daqueles que desde 22 de abril de 1500, quando a armada de Pedro Álvares Cabral chegou a Porto Seguro, até às levas da emigração mais recente, souberam apostar e investir sem cansaço e sem parcimônia no seu progresso e na sua projeção no mundo.

Costumamos dizer que o Dia de Portugal no Brasil é celebrado de modo diferente. Primeiro, é diferente se compararmos os procedimentos. Qual-

quer outra “data nacional” comemora-se com uma recepção na embaixada do país, ou com um “vin d’honneur” nos consulados. Há cumprimentos diplomáticos e saem as notas nas colunas sociais. Com Portugal, já não é assim. Também o Senhor Embaixador recebe o corpo diplomático e as autoridades brasileiras em Brasília; também os agentes consulares abrem os salões para o tradicional “Porto de honra”. Em todas as partes do mundo não se vai além disso. Mas no Brasil, no Dia de Portugal, toca-se mais perto o coração do povo, nas associações canta-se o “lauserene” da luso-brasilidade, mistura-se gente simples aos senhores de bandeira e de pendão, emigrantes humildes brasileiros ilustres, para, todos juntos, evocarem Ourique e Aljubarrota, o Infante de Sagres e a História trágico-marítima, a Restauração e a vinda de D. João VI, o sonho do mapa cor de rosa e o levante dos republicanos da Rotunda. Neste Real Gabinete ou nas Casas de Portugal em tantos Estados do Brasil há uma celebração diferente. E se hoje já não acontece o mesmo que acontecia nos anos 30, quando havia empresas que dispensavam mais cedo os trabalhadores portugueses para virem assistir à sessão solene, no Dia de Portugal, em compensação, nas Câmaras dos Vereadores e nas Assembléias Legislativas não faltam as noções e os registros pela efeméride camoniana.

A outra diferença nestas comemorações está no fato de que no Brasil entranhou-se de tal forma o culto ao Poeta e a ele se ligou a própria essência da portugalidade que tivemos em determinados momentos uma primazia e um papel que surpreenderam o próprio Portugal. Lembremos, por exemplo, os anos que precederam – e os que seguiram – ao tricentenário da morte de Camões. O país esvaia-se em crises. A propaganda republicana explorava as mazelas do regime. Os vencidos da vida escarpelizavam uma sociedade que não tinha forças para reagir e as instituições caíam de podres. As potências mundiais, na Conferência de Berlim, não escondiam o seu interesse nas colônias da África. O embaixador de Sua Majestade em Lisboa entregava o ultimato e exigia a retirada dos portugueses das terras de Gungunhana. Estourava o escândalo do tabaco e os déficits da Coroa eram cada vez maiores. Satirizavam-se as homenagens a Camões com os “cortejos do bacalhau” a passar, sob as janelas engalanadas, nas ruas da baixa lisboeta. Pois em oposição a esse ambiente de decadência e de desânimo que tomava conta do país inteiro, no Brasil as comemorações camonianas, por parte da colônia portuguesa, atingiam um brilho extraordinário. Fazem-se edições riquíssimas de “Os Lusíadas”; lança-se a pedra fundamental deste edifício que vai transformar-se, como dizia Joaquim Nabuco, em “Os Lusíadas” em pedra de lioz, trazida especialmente para sua construção das jazidas de além-mar; promovem-se récitas nos teatros com a presença do Imperador; recordam-se os grandes vultos da História de Portugal. E enquanto junto ao Tejo as divergências ideológicas e a mesquinhez política eram reduto-

res das comemorações do tricentenário da morte do Poeta, no Brasil o patriotismo da colônia levava-a a escrever uma das páginas mais emocionantes de sua História.

Mais tarde, na década de 30, retoma-se a celebração do Dia de Portugal. Todos os anos, em 10 de junho, Presidentes da República ou Ministros de Estado, diplomatas e professores, mestres da Universidade e intelectuais de renome, de um e do outro lado do oceano, vêm a esta tribuna para louvar os nossos Maiores. Nunca falhamos na oblação à Mãe-Pátria e mesmo quando se pretendeu momentaneamente confundir o Dia de Portugal e negar-lhe o debruço camoniano, foi daqui que partiu a reação e contra a apostasia de alguns, que amaldiçoavam o passado e tinham vergonha dos legados recebidos, continuamos fiéis ao calendário cívico – por Portugal, por Camões e pela Grei.

É nesse contexto que hoje celebramos as glórias, os heróis, os valores e as conquistas de um povo. E fazemo-lo não apenas para reverenciar o passado e enaltecer os protagonistas; e fazemo-lo não apenas para lembrar o esforço e as lutas de uma nação que para se manter livre na meseta hispânica teve, em determinada altura, de sair para desbravar mares por navegar e construir o Império; e fazemo-lo não apenas para cantar as armas e os varões assinalados – mas, sobretudo, para arrancar dos impulsos da História a certeza de que todos os sonhos e todas as aspirações coletivas estão ao nosso alcance. Ontem, eram as ameaças de Castela ou a tarefa sobre-humana da ocupação e do povoamento das terras descobertas; eram os falhanços das *élites* e as desavenças internas; eram os desatinos da administração e a falta de vontade para as mudanças. Mas Portugal venceu e superou-se a si próprio. Hoje, pode ser a ameaça de uma integração europeia a comprometer parcelas crescentes da soberania; pode ser a invasão de culturas e a influência dos países ricos a atingir a própria identidade nacional. Mas, não temos dúvidas em afirmá-lo, que Portugal será sempre vencedor e mesmo se um dia, num formato europeu em que se queira diluir as pátrias, viermos a correr o risco de perder os valores da portugalidade, que hoje consideramos essenciais, os portugueses terão sempre, na vertente atlântica e no Brasil, a razão do milagre para, como no poema de José Rego, dizerem – *por aí não vamos. Nós vamos por aqui.*

SENTIDO E MISSÃO DA COMUNIDADE DOS PAÍSES DE LÍNGUA PORTUGUESA

A Comunidade dos Países de Língua Portuguesa foi institucionalizada em 17 de julho de 1996, em Lisboa. Completará, pois, em breve, dois anos de vida. Mais importante, porém, do que avaliar o que se fez ou se deixou de fazer é, neste momento, ressaltar a sua significação e desígnios, em face de um mundo que redefine o seu mapa cultural e político.

A Comunidade existe de fato há alguns séculos, mas, na hora presente, tornou-se necessário dar-se-lhe estatuto jurídico. Das razões desse ato e de suas implicações institucionais é que cumpre tomar consciência, a fim de que se possa agir com urgência e clarividência.

Encurtou-se o raio da esfera terrestre, passamos a viver, diz-se, numa aldeia global, esfumam-se as fronteiras políticas, sacudidas pelas ondas do poder econômico, entra em crise o próprio conceito de soberania. Eis o espectro da globalização monocrática. Sobreviveremos? Sem dúvida, se nos mantivermos fiéis às nossas raízes históricas e soubermos revigorá-las.

As raízes históricas dos povos se alimentam da seiva chamada *etnias*, e é nessa realidade, que poderemos chamar *etnias* políticas, que se irão alicerçar as novas configurações nacionais capazes de reafirmar a sua identidade cultural na constelação do próximo milênio. Etnias que já avultam claramente a nossos olhos: *cristã, judaica, islâmica, indiana*, apenas para exemplificar.

A nossa cultura é latino-cristã, ibérica e mais precisamente lusíada. Ora, os laços mais fortes que unem as culturas são, no domínio espiritual, a religião e, no temporal, a língua. A institucionalização da Comunidade dos Países de Língua Portuguesa veio, portanto, na hora exata. O mundo lusofônico vai ingressar no novo ciclo histórico, já na linha do horizonte, com a mesma garra e galhardia com que escreveu as páginas memoráveis de sua história multissecular. Mais que isso, vai trazer a sua contribuição de fraternidade a uma nova civilização que se constrói sobre as ruínas de um século que se sangrou em lutas fratricidas entre a liberdade e a igual-

dade. E este V Encontro das Comunidades Luso-Brasileiras, em que está integrado o Instituto de Língua Portuguesa, do Liceu Literário Português, já é um passo firme e avançado nessa caminhada luminosa.

Rio de Janeiro, RJ, 18 de abril de 1998

Com. Manuel Paulino
Presidente do Liceu Literário Português
Sílvia Elia
Evanildo Bechara
Maximiano de Carvalho e Silva
Gladstone Chaves de Melo
Antônio Basílio Rodrigues

(Lido na sessão de encerramento do V Encontro das Comunidades Luso-Brasileiras, realizado no salão nobre do Liceu Literário Português, no dia 19 de abril de 1998)

**NÚMERO EM HOMENAGEM A
SOUSA DA SILVEIRA**



ÁLVARO FERDINANDO DE SOUSA DA SILVEIRA
(1883 – 1967)

SOUSA DA SILVEIRA: O HOMEM E A OBRA

Maximiano de Carvalho e Silva
UFF

1 - Nascimento / Formação escolar

Nascido a 11 de maio de 1883 na cidade do Rio de Janeiro, Álvaro Ferdinando de Sousa da Silveira era filho de Luísa Alfonsina de Oliveira Costa, de nacionalidade brasileira, e do cidadão português Pedro Sátiro de Sousa da Silveira, natural de Guimarães, na região do Minho. O pai, que tinha a profissão de fotógrafo (um dos pioneiros da daguerreotípia no Brasil), e exercia várias atividades culturais, foi seu professor de primeiras letras, e transmitiu-lhe desde cedo o amor a Portugal e o reconhecimento dos valores mais relevantes da nossa formação histórica. No ambiente do lar, também muito significaram para Sousa da Silveira os exemplos de apego à família que observou em sua mãe, sobretudo depois de 1895, quando, em decorrência da morte de Pedro da Silveira, teve ela de arcar com os problemas da educação dos nove filhos do casal: foi então que, na companhia da mãe e dos irmãos, sentiu o carinho da proteção maior que passou a dispensar-lhes um tio-avô pelo lado paterno, o abastado homem de negócios Fernando Antônio Pinto de Miranda, também português de Póvoa do Lanhoso (Minho), que em razão da projeção alcançada no Brasil fora agraciado pelo governo português, em 1891, com o título de Visconde de Taíde.

Na casa em que passou o restante do período da infância e a adolescência, na Rua Cosme Velho (Laranjeiras), vizinha do solar do Visconde de Taíde, dono do terreno em que se ergueram essas duas construções, o menino Álvaro Ferdinando teve oportunidade de expandir a visível inclinação para os estudos e a reflexão, revelando qualidades raras de inteligência e caráter que não passaram despercebidas ao tio-avô, também seu padrinho. Numa outra casa ao lado da sua, também de propriedade do Visconde de Taíde, residia o escritor Machado de Assis, um nome consagrado das nossas letras, de cujos escritos Sousa da Silveira tomou conhecimento desde logo, o que seria uma das influências predominantes em sua formação literária.

De 1897 a 1902, Sousa da Silveira foi aluno do Ginásio Nacional (o antigo Colégio Pedro II, com o nome mudado nos anos iniciais da República), integrando uma turma privilegiada, de cujo corpo docente fizeram parte vários ilustres professores, como Ramiz Galvão (Grego), Vicente de Sousa (Latim), Silva Ramos e Fausto Barreto (Português), Said Ali (Alemão), Carlos França (Francês), João Ribeiro (História Universal e História do Brasil), José Veríssimo (Geografia), Francisco Cabrita (Matemática), Rodolfo de Paula Lopes (História Natural), Nerval de Gouveia (Física e Química), e outros. Grande singularidade foi ainda o fato de se reunirem nessa turma alguns alunos que, pelos dotes pessoais e persistência na caminhada, atingiriam como Sousa da Silveira lugares de destaque na vida cultural do país: Manuel Bandeira, Antenor Nascentes, Alfredo Lopes da Costa, José de Castro Nunes, Artur Moses, Lucilo Bueno¹. Como recordaria um deles, Castro Nunes, em artigo publicado em 1958², todos na turma viam o colega Sousa da Silveira como “primus inter pares”, aquele a quem alguns recorriam para melhor assimilarem a matéria das aulas do Ginásio: Manuel Bandeira, três anos mais moço, ainda aproveitava esse convívio para colher outros ensinamentos, e cultivou o hábito de se valer ao longo da vida da boa vontade do amigo fraterno, que chamaria muitos anos passados “o mestre” de toda a sua vida³.

2 - Aprimoramento da formação cultural

Conquistado no Ginásio Nacional o título de bacharel em Ciências e Letras, ingressou Sousa da Silveira em 1903 na Escola Politécnica do Rio de Janeiro, para fazer o curso de Engenharia Civil. Ao fim da primeira etapa do curso, de três anos, recebeu o título de engenheiro-geógrafo, de acordo com a legislação vigente. Prosseguia nos estudos, sempre como bom aluno, e em destaque entre os colegas, quando foi acometido de forte depressão nervosa, agravada pelo seu exagerado senso de responsabilidade. Forçado a interrom-

1 Nascentes e Bandeira projetaram-se no magistério de Letras e também como escritores; Lopes da Costa e Castro Nunes - no campo das ciências jurídicas (o primeiro como processualista e titular do cargo de Desembargador em Minas Gerais, e o segundo como Ministro do Supremo Tribunal Federal); Artur Moses - no campo das ciências médicas, como bacteriologista, levado pelo seu saber ao exercício do cargo de Presidente da Academia Nacional de Ciências; Lucilo Bueno - como poeta e diplomata de carreira (Embaixador do Brasil em vários países).

2 “Tempos de Ginásio”, in *Revista de Cultura*, Rio de Janeiro, fasc. 269-273, maio-set. 1958, p. 69-79.

3 “Mestre Desde Menino”, in *Alfa-Ômega*, publicação dos alunos do Colégio Pedro II, Rio de Janeiro, ano 2, nº 5, nov. 1945, p. 1.

per o curso da Politécnica, acabou aceitando com relutância em 1908 a sugestão insistente do Visconde de Taíde para que se dispusesse a acompanhá-lo numa viagem de descanso e recreio a Portugal.

A permanência de Sousa da Silveira na Europa foi de cerca de três anos – de agosto de 1908 a junho de 1911, quatro meses dos quais para excursões à Espanha, à França e à Inglaterra. Na terra de seus ancestrais e na região da Galiza (Espanha) muito enriqueceu o seu espírito com observações de usos e costumes e das peculiaridades lingüísticas. Para mais aproveitar a viagem, ele, que nunca perdera ensejo de ler os bons autores, entregou-se à leitura meditada de escritores portugueses, sobretudo os que refletiam em sua obra a vida regional, e se assenhoreou dos mistérios da língua espanhola e da língua galega, e conheceu e leu na íntegra as obras principais de pelo menos dois autores galegos: Curros Enríquez e Rosalia Castro ⁴. Atento e metuculoso, anotou durante os agradáveis dias de Lisboa as mais notáveis diferenças entre a pronúncia da capital portuguesa e a do Rio de Janeiro, do que se valeria mais tarde para as suas preleções de aulas e escritos diversos.

Como é possível perceber claramente, foi-lhe bastante benéfica a temporada de férias na Europa – apesar mesmo do rude golpe que o atingiu na cidade de Sevilha, quando viu morrer em seus braços, a 29 de março de 1910, no hotel em que estavam hospedados, o tio-avô, padrinho e benfeitor Visconde de Taíde. De fato, lendo obras-primas da literatura e livros fundamentais de estudos históricos e lingüísticos, anotando com curiosidade os fatos da língua falada e da língua escrita, e escrevendo para a família no Brasil numerosas cartas, cheias de comentários que revelam o seu invulgar interesse cultural, foi em Portugal que Sousa da Silveira descobriu a sua mais forte vocação, a de lingüista e de filólogo, a que se devotaria incansavelmente daí por diante.

Um ano após o regresso ao Brasil, veio a casar-se com a sua prima Clarice de Carvalho, e então, para atender aos novos compromissos, se empregou como engenheiro geógrafo na Estrada de Ferro Central do Brasil. Aí, trabalhando com o Dr. Heitor Lira da Silva, grande engenheiro e grande educador, teve a incumbência de cuidar dos cálculos do projeto de eletrificação

4 Num artigo em que tratamos da excursão de Sousa da Silveira à Galiza em outubro-novembro de 1909 e da sua iniciação nos estudos galegos (publicado nas páginas 213-221 das atas das *II Jornadas UFF de Cultura Galega*, edição sob o patrocínio da Xunta de Galicia, A Coruña, 1995), demonstramos com várias citações que ele foi no nosso ensino universitário talvez o primeiro divulgador da língua e da cultura galega e das obras de Curros Enríquez e de Rosalia Castro, que lera com tanta atenção.

da ferrovia, tarefa que desempenhou com a seriedade e eficiência habituais em tudo o que fazia. Embora ao mesmo tempo tivesse retomado o curso de engenharia civil na Escola Politécnica, que chegaria a concluir, sentia cada vez mais a atração para as letras: era a vocação que nele prevalecia.

3 - Começo da trajetória de professor e autor de várias publicações

Em 1917, tendo notícia da realização de concurso para preenchimento de uma vaga de professor de língua portuguesa na Escola Normal do Distrito Federal, Sousa da Silveira apresentou-se como concorrente, e tão preparado estava que obteve o almejado lugar. Esperou todavia algum tempo – até 1919 – para entrar no exercício do magistério, pelo qual optou, abandonando o cargo anterior de engenheiro. Logo nas primeiras turmas, impressionaram-se os alunos não só com o nível das aulas e com as novidades apresentadas, mas também com os recursos didáticos por ele utilizados: e ainda causava espécie a todos a atitude renovadora do grande mestre de adotar a ortografia simplificada como preconizava o sistema português de 1911.

Estendeu-se de 1919 a 1934 a atuação de Sousa da Silveira no ensino secundário, e datam desse período os três compêndios que escreveu com o propósito de proporcionar a visão da origem, formação, desenvolvimento e estado atual da língua portuguesa: *Trechos Seletos* (1919), *Lições de Português* (1921-1923) e *Algumas Fábulas de Fedro* (1927). Em 1920, iniciou ele a colaboração de artigos em revistas e jornais, principalmente na *Revista de Língua Portuguesa* dirigida por Laudelino Freire: era outra forma de exercer o magistério, “o magistério da pena”, que o tornaria conhecido em todo o território nacional e em Portugal ⁵.

4 - Ingresso no magistério superior

Foi na década de 30, no momento da criação no Brasil de verdadeiras Universidades com programas de ensino e pesquisa mais amplos ⁶ e da instalação dos cursos superiores de Letras no país, que Sousa da Silveira comple-

5 Seu primeiro artigo foi publicado no número 7 da *Revista*, de setembro de 1920, p. 139-146 – “A Ortografia da Língua Portuguesa”, e teve continuação numa relação de escritos ao longo dos anos seguintes também destinados à defesa, divulgação e adoção dos princípios do sistema ortográfico de 1911.

6 A primeira dessas instituições foi a Universidade de São Paulo (USP), que iniciou as suas atividades em 1934 segundo as diretrizes do Governador do Estado, Armando de Sales Oliveira, que a criara e tomara as providências iniciais para a sua organização e pleno funcionamento.

tou a sua passagem pelo magistério, agora em nível superior. Quando se criou em 1935 no Rio de Janeiro (então capital da República) a Universidade do Distrito Federal, por decisão do Prefeito Pedro Ernesto e do seu Secretário de Educação Anísio Teixeira, Sousa da Silveira foi chamado a ocupar o cargo de catedrático de Língua Portuguesa na Escola de Filosofia e Letras, durante todo o curto espaço de tempo da existência da UDF. Em 1938, tendo sido designado para responder também pela cadeira de Lingüística, coube-lhe no exercício dessas outras funções que lhe foram atribuídas assistir às aulas da matéria ministradas por um novo professor, Joaquim Matoso Câmara Júnior, recém-admitido no quadro docente da instituição. Impressionado com o nível dessas aulas, e tendo a exata noção de que Lingüística Geral era uma matéria indispensável à boa orientação dos estudiosos de língua portuguesa e à boa formação dos profissionais de Letras, por lhes proporcionar, “do alto e numa síntese salutar, o mecanismo geral da linguagem articulada”, Sousa da Silveira patrocinou a publicação das lições pioneiras de Matoso Câmara na *Revista de Cultura* dirigida pelo Pe. Tomás Fontes, nos anos de 1939-1940 ⁷.

Em 1939, no período do “Estado Novo”, tendo sido extinta a UDF e instalada sob a administração do Ministro da Educação e Saúde Gustavo Capanema, como unidade da chamada Universidade do Brasil, a Faculdade Nacional de Filosofia, para esta se transferiu o renomado mestre das *Lições de Português*, com as mesmas incumbências anteriores de reger o ensino da língua nacional. Sousa da Silveira aí trabalhou de 1939 a 1953, até aposentar-se no serviço público por limite de idade (70 anos). Nesses dezoito anos de professor universitário, pode-se dizer que mais se acentuou o prestígio que granjeara como profundo conhecedor de Lingüística e Filologia Portuguesa, como homem de rara integridade moral e probidade intelectual, e como professor que sabia cativar os alunos com a sua afabilidade e simplicidade e ao mesmo tempo impor-se ao apreço de todos pelo espírito de justiça e firmeza de atitudes. Ao seu redor foi-se reunindo desde o tempo da UDF uma elite de estudiosos da língua, que o tornaram – apesar da modéstia e despretensão que o caracterizavam – a figura central de uma verdadeira escola filológica, de que fizeram parte algumas das maiores expressões do magistério de Letras no

7 As palavras entre aspas são de Sousa da Silveira no Prefácio que escreveu para a primeira edição dos *Princípios de Lingüística Geral Como Fundamento dos Estudos Superiores de Língua Portuguesa*, de Matoso Câmara, publicada pela editora Brigueit em 1942. Entre as novidades do curso de Letras da UDF estava a inclusão de Lingüística Geral e Teoria Literária como matérias básicas, das quais se encarregaram num primeiro momento dois ilustres professores, que todavia não souberam encontrar o rumo certo que devia norteá-los na organização dos programas a serem cumpridos. Com as mudanças operadas na UDF em 1937, as aulas das duas matérias ficaram respectivamente a cargo de Matoso Câmara e de Prudente de Moraes Neto, que obtiveram êxito em suas atividades.

Brasil⁸. Um dos mais eminentes discípulos dessa escola, Serafim da Silva Neto, que não foi aluno de Sousa da Silveira em cursos regulares, mas dele se aproximou estreitamente no ambiente universitário para longas e fecundas conversas, tratando em 1945 de vários traços de tão profícua atividade magisterial, não se esqueceu de ressaltar: “o Mestre é um fascinante animador dos moços. Nunca se bateu às suas portas sem obter-se o conforto de sua palavra amiga e sem o pão da sua grande sabedoria”⁹.

Deve-se pôr em destaque nessa segunda fase de sua vida de professor – a de catedrático de Língua Portuguesa da UDF e da FNF – a atividade propriamente filológica de estabelecer e comentar textos antigos ou modernos. As preleções aos estudantes de Letras da UDF tiveram tal repercussão, que logo passaram a ter como ouvintes até mesmo alunos de outros cursos ou professores da instituição: em 1938, por exemplo, Manuel Bandeira e Mário de Andrade fizeram questão de assistir às aulas de exegese do “Auto da Alma” e do “Auto da Mofina Mendes”, de Gil Vicente, sentando-se ao lado dos alunos da turma de que fez parte o professor Mário Camarinha da Silva, como este mesmo nos relatou¹⁰. Sem estar muito familiarizado com a teoria da Crítica Textual, e

8 No necrológio de Sousa da Silveira publicado no *Jornal do Brasil* de 29/10/1967, o escritor Otávio de Faria, que em 1936 ocupou por algum tempo o cargo de Diretor da Escola de Filosofia e Letras da UDF, ressaltou sobre o homenageado: “Era um grande nome, talvez o mais brilhante naquela novel e efêmera instituição”. Entre os que mais se aproximaram do autor das *Lições de Português* naqueles primeiros anos de magistério superior, com ele tendo contatos freqüentes (por serem alunos do curso de Letras da UDF e da FNF, por terem sido atraídos pela fama das suas aulas, ou por desejarem ter a sua orientação nos estudos ou a sua colaboração em projetos editoriais), podem-se apontar os nomes dos professores e ensaístas Sílvio Elia (seu assistente na UDF), Gladstone Chaves de Melo (assistente na FNF), Serafim da Silva Neto, Matoso Câmara Júnior, Othon Moacyr Garcia, Antônio de Pádua, Raul Moreira Lellis, Carlos Henrique da Rocha Lima, Antônio Houaiss, Celso Cunha, Mário Camarinha da Silva, Jesus Belo Galvão, Cleonice Berardinelli. Num segundo momento, a lista de nomes dos que se integraram no grupo dos discípulos do grande mestre seria bem mais extensa, mas é difícil de fazer-se sem o risco de omissões involuntárias. Diga-se mais que, paralelamente, na direção ou no corpo docente da UDF, da FNF e de outras instituições culturais, distinguiram Sousa da Silveira com provas de particular estima e apreço os professores Afrânio Peixoto (primeiro Reitor da UDF), Afonso Pena Júnior, Alceu Amoroso Lima, Luís Camilo de Oliveira Neto, Otávio de Faria, Prudente de Moraes Neto, Mário de Andrade, Francisco Clementino de San Tiago Dantas (Diretor da FNF), Augusto Magne, Thiers Martins Moreira, Américo Jacobina Lacombe (seu ex-aluno no curso ginasial).

9 “Professor Sousa da Silveira”, in *Alfa-Ômega*, nº cit., p. 8.

10 Pelas cartas de Mário de Andrade a Manuel Bandeira, sabe-se que desde 1926 o escritor paulista, empenhado em encontrar a expressão lingüística mais apropriada aos seus projetos de criação literária, já era leitor e admirador de Sousa da Silveira. Anos mais tarde, em 1935, manteve com ele uma viva correspondência sobre as soluções que procurava: estas cartas do autor de *Macunaíma*, publicadas em 1964 pelo ensaísta Homero Senna (in *Revista do Livro*, Rio de Janeiro, Instituto Nacional do Livro, ano 7, nº 26, p. 113-133), são reveladoras da influência que as objeções de Sousa da Silveira exerceram em seu espírito. Em 1938, encontraram-se no Rio de Janeiro, no curto período em que Mário de Andrade ocupou os cargos de catedrático de Filosofia e História da Arte e de Diretor do Instituto de Artes da UDF.

apenas com pequeno apoio bibliográfico, Sousa da Silveira ainda assim aplicou ao estudo dos textos um rigor metodológico e uma soma de conhecimentos da história da língua realmente admirável, que lhe permitiram destrinçar os segredos textuais. Primeiro, tratou de textos antigos, desde a época medieval, detendo-se mais tempo na análise de textos quinhentistas, como o poema “Sôbolos rios”, de Camões, a tragédia “Castro”, de Antônio Ferreira, a écloga “Crisfal”, de Cristóvão Falcão, ou os mencionados autos vicentinos. Mas tratou também dos textos modernos e contemporâneos, e entre eles os de autores brasileiros – do que resultaram as suas primorosas edições críticas e comentadas dos *Suspiros Poéticos e Saudades*, de Gonçalves de Magalhães, e das *Obras* de Casimiro de Abreu. Esta última, sobretudo, publicada em 1940, em comemoração ao centenário do poeta no ano anterior, e reeditada com muitos aprimoramentos e acréscimos em 1955, merece referências especiais: com ela, o filólogo deu exemplo de extremo cuidado na restituição dos textos casimirianos às lições originais, tão desfiguradas em sucessivas reedições, por descuido de revisão ou por indevidas correções dos editores, com base em preconceitos gramaticais ou literários; e, em numerosas notas de uma lucidez impressionante, desfez a pecha de escritor incorreto, de versejador desleixado e de poeta medíocre que sombreava a memória de Casimiro. Muitos julgamentos críticos vieram à luz para exaltar o memorável trabalho de exegese casimiriana, mas acima de tudo a visão mais exata das questões gramaticais e estilísticas, que era a desejada resposta às concepções estreitas e distorcidas aceitas sem contestação até aquele momento até mesmo por professores, gramáticos, ensaístas, críticos e escritores brasileiros de grande nome ¹¹.

Nos anos finais do magistério, Sousa da Silveira, por sugestão de alguns discípulos, fundou o Centro de Estudos de Língua Portuguesa, que funcionou de 1948 até o início da década de 60. Ainda teve a alegria de acompanhar o lançamento de oito livros, três de sua autoria (*Dois Autos de Gil Vicente*, *Sintaxe da Preposição DE* e *Fonética Sintática*), na coleção por ele dirigida como presidente do Centro. Já nos últimos anos de vida, sem o mesmo ânimo de antes, desgastado como estava por crises agudas de saúde, recolheu-se à intimidade da sua amável casa no Cosme Velho, bem próxima da chácara

11 Entre os que mais realçaram em notas ou resenhas críticas a importância da edição das *Obras de Casimiro de Abreu* de Sousa da Silveira, citem-se os nomes de Manuel Bandeira, Ribeiro Couto, Alceu Amoroso Lima, M. Nogueira da Silva, Afrânio Peixoto, Serafim da Silva Neto, Sílvio Elia, Matoso Câmara Júnior, Gladstone Chaves de Melo, Jesus Belo Galvão, Celso Cunha, Antônio Houaiss, Rocha Lima, Américo Jacobina Lacombe, João Alphonsus, Hélio Viana, Hermes Lima, Barbosa Lima Sobrinho, Frederico José da Silva Ramos, João Pacheco, Péricles Eugênio da Silva Ramos, Alphonsus de Guimaraens Filho, Antônio Cândido, Rubem Braga, Aurélio Buarque de Holanda, Raimundo Magalhães Júnior, Emanuel de Moraes, Cassiano Nunes.

onde vivera boa parte da infância. Amigos, como quatro companheiros da turma de 1902 do Ginásio Nacional (Manuel Bandeira, Antenor Nascentes, Artur Moses e Lopes da Costa), e também discípulos e admiradores, nunca deixaram de visitá-lo: eram todos muito apegados à figura nobre do “Sousa”, ou “Professor Sousa” para os ex-alunos. Nessa casa, que recebera como herança do Visconde de Taíde, e pois na mesma cidade onde viu transcorrer toda a sua vida de professor e onde publicou a extensa obra que lhe dera a merecida projeção no Brasil e em Portugal, faleceu o grande filólogo e lingüista no dia 5 de setembro de 1967, aos 84 anos de idade. Anos depois, discípulos fiéis, atendendo a um pedido seu, fizeram colocar na lápide do túmulo do cemitério de São João Batista uma placa com as seguintes palavras, por ele escolhidas como síntese do que fizera de mais importante: “Foi professor, passou a vida a ensinar, e amou os seus alunos”.

5 - Herança Cultural

Analisando a herança cultural que nos deixou – livros e publicações dispersas, e mais os inéditos – numa tentativa de organização das suas obras completas, assim classificamos o precioso legado no estudo biobibliográfico que intitulamos *Sousa da Silveira / O Homem e a Obra / Sua Contribuição à Crítica Textual no Brasil*¹²:

I – Obras destinadas a proporcionar a visão da origem, formação, desenvolvimento e estado atual da língua portuguesa (*Lições de Português, Trechos Seletos, Algumas Fábulas de Fedro*);

II – Edições de textos da língua portuguesa e estudos para a sua análise e interpretação (*Textos Quinhentistas, Dois Autos de Gil Vicente, Máximas, Pensamentos e Reflexões do Marquês de Maricá, Suspiros Poéticos e Saudades* de Gonçalves de Magalhães, *Obras de Casimiro de Abreu, Fonética Sintática e Sua Utilização na Explicação de Expressões Feitas e na Interpretação de Textos*);

III – Dispersos e inéditos: a) ensaios e formulações sobre o estudo e o ensino da língua portuguesa; b) artigos para a discussão dos problemas da

12 Este trabalho, dividido em três partes (Estudo Biográfico / Estudo Bibliográfico / Sousa da Silveira e a Crítica Textual no Brasil), é a tese com que obtivemos em 1981 o título de Livre-Docente em Filologia Portuguesa pela Universidade Federal Fluminense. Pouco depois, em 1984, com pequenas correções e acréscimos, e com um prefácio do escritor Pedro Naya (“Como Conheci Sousa da Silveira”), foi publicado pela editora Presença em sua Coleção Linguagem, em convênio com o Instituto Nacional do Livro.

ortografia portuguesa; c) artigos sobre temas de Lingüística e Filologia Portuguesa; d) artigos de interpretação e comentário de textos; e) estudos biográficos, prefácios e discursos; f) composições poéticas; g) correspondência.

Logo em seguida a este resumo biográfico, apresentamos duas relações bibliográficas: o nosso plano de organização das obras de Sousa da Silveira, e em ordem cronológica os artigos, livros e demais escritos de sua autoria, para que os leitores possam avaliar a extensão da obra que nos legou. Diga-se de passagem que os dispersos e inéditos, já reunidos para uma futura publicação autônoma, dão matéria para dois alentados volumes pelo menos; e que a correspondência do mestre com os seus familiares, tão expressiva, também está preparada para uma publicação em dois ou três volumes, para a qual esperamos encontrar editor.

Comprova a leitura isenta e cuidadosa dos seus escritos que os ensinamentos de Sousa da Silveira são de permanente valor e atualidade para os estudiosos da língua: de fato, entre as numerosas contribuições com que nas últimas décadas tanto se desenvolveram as ciências da linguagem, nada apareceu de mais completo ou de mais avançado que torne dispensável a consulta a livros fundamentais como *Lições de Português*, *Algumas Fábulas de Fedro*, *Fonética Sintática* e as edições comentadas de textos antigos ou modernos (*Dois Autos de Gil Vicente*, *Textos Quinhentistas*, *Obras de Casimiro de Abreu*). Alguns críticos muito exigentes em relação à obra alheia, desinformados das condições de trabalho e do estado das ciências da linguagem na primeira metade deste século, têm apontado com má vontade ou mesmo a intenção de depreciá-los, nos livros acima citados, várias deficiências ou falhas de método ou de doutrina (segundo a visão atual): uma análise crítica comparativa revela, todavia, que em edições ou estudos mais recentes sobre os mesmos temas não foi superada a contribuição de Sousa da Silveira no que diz respeito aos comentários filológicos e às questões lingüísticas e estilísticas de que ele aí tratou com tanta segurança ¹³.

-
- 13 Os atuais cursos superiores de Letras, de graduação e de pós-graduação, ressentem-se – com raras exceções – da falta de algumas disciplinas indispensáveis à formação profissional, entre as quais a história dos estudos lingüísticos e filológicos no Brasil. Em consequência, muitos novos professores e pesquisadores, que não têm visão do passado, mas se deslumbram com as grandes novidades do momento, ficam muito à vontade para analisar com despropositado rigor as contribuições dos pioneiros dos estudos históricos lingüísticos, filológicos e literários, sem conhecerem as condições em que trabalharam, e sentem-se à vontade até para condená-las à execração pública: foi o que aconteceu recentemente (em 1997) num artigo de análise de edições críticas em que são apontados apenas os defeitos na edição das *Obras de Casimiro de Abreu* de Sousa da Silveira e nada se diz sobre as qualidades raras do trabalho na época do seu lançamento e as excelências dos comentários filológicos, ainda hoje leitura proveitosíssima e de valor definitivo, como aliás já foi dito pela crítica mais esclarecida.

Já tem sido ressaltado pelos críticos mais lúcidos, depois de examinarem os diversos aspectos da vida e obra de Sousa da Silveira, o pioneirismo de muitas posições por ele assumidas, na linha dos ensinamentos dos dois mestres a que se ligou desde o Ginásio Nacional: Silva Ramos e Said Ali. Com a aguda inteligência e percepção de valores de que era dotado, e a excelente formação que tanto o beneficiara, teve possibilidade de encontrar caminhos novos, aplicando à análise dos fatos lingüísticos o “rigor do método usado nas ciências exatas”¹⁴ como a Matemática, de que tomou conhecimento no curso de Engenharia, e a apreensão de grandes verdades que norteariam o seu labor científico invulgar. Para firmar-se, fizera leitura atenta e meditada das lições de mestres que o antecederam: as de Manuel Said Ali nas luminosas páginas de *Dificuldades da Língua Portuguesa*; de Leite de Vasconcelos, cujas *Lições de Filologia Portuguesa* leu e releu desde a primeira edição de 1911; de Epifânio Dias, principalmente nos comentários exegeticos de sua edição de *Os Lusíadas* publicada em 1910 e reeditada em 1916; de Carolina Michaëlis de Vasconcelos, nas notas das suas monumentais edições críticas; de Gonçalves Viana, o relator da comissão que elaborou em 1911 as *Bases Para a Reforma da Ortografia*; e vários outros. Sentiu a necessidade de assentar as conclusões dos seus estudos próprios em exemplos colhidos nas melhores fontes, com a intuição de que essas conclusões deviam apoiar-se nas noções que a Lingüística moderna e a Crítica Textual fixariam já neste século, como a distinção entre os planos sincrônico e diacrônico nos estudos, a diversidade dos usos lingüísticos, a distinção entre Gramática e Estilística, a importância dos textos e das edições fidedignas, e o conhecimento dos fenômenos de Fonética Sintática como forma de entender irregularidades morfológicas e sintáticas na língua falada e na língua escrita, registradas até mesmo nos textos dos melhores escritores. Graças a toda esta soma de conhecimentos, pôde contrariar “o dogmatismo da corrente purista” que então dominava os estudos gramaticais, como acentuou Said Ali, e desfazer preconceitos de larga divulgação na literatura didática, como se documenta em seus artigos e nas profusas notas filológicas de edições como a das *Obras de Casimiro de Abreu*.

Antes mesmo de definir-se a sua vocação de lingüista, tivera a rara percepção de que não devia cingir-se à observação e ao estudo da língua escrita e da língua literária, mas também reconhecer a importância da língua falada e da linguagem regional. Assim, pois, já em 1921 nas *Lições de Português* podia apresentar as conclusões do seu estudo comparativo das pronúncias de

14 Serafim da Silva Neto, “Professor Sousa da Silveira”, in *Alfa-Ômega*, nº cit., p. 8.

Lisboa e do Rio de Janeiro, e no mesmo ano consagrava numa recensão crítica o livro *O Dialeto Caipira*, de Amadeu Amaral ¹⁵.

Ligado por profundos vínculos à cultura portuguesa, soube no entanto dividir as atenções entre os textos dos autores portugueses e os dos autores brasileiros, inclusive os contemporâneos, e, levando em conta as particularidades da língua do Brasil e da literatura brasileira, proclamou como legítimos os nossos usos próprios, que alguns escritores e gramáticos da velha escola insistiam e ainda insistem em desconhecer ou condenar. Rejeitou todavia, com argumentos de fato irresponsáveis, a denominação “língua brasileira” com que um falso nacionalismo tentava impor a idéia insustentável de se ter constituído no Brasil um sistema lingüístico fundamentalmente diferente do de Portugal.

Atestam o exame das *Lições de Português* e a comparação das duas primeiras edições de *Trechos Seletos* que Sousa da Silveira está entre os primeiros linguistas a darem a devida importância aos autores brasileiros e de incluí-los nas antologias entre os “clássicos” (no sentido de modelos da boa linguagem). Em *Trechos Seletos* (1919) e nas *Lições de Português* (1921-1923), são numerosas as citações de autores brasileiros em abono das formas lexicais e das construções sintáticas estudadas: veja-se mais que nas *Lições* o autor mais citado é Machado de Assis (437 vezes), e não um autor português como Luís de Camões (133 vezes), o que contrariava a atitude dos gramáticos antigos, apegados à idéia de que o modelo a ser seguido pelos escritores brasileiros era o do uso lusitano. Deve-se registrar que, em atenção a críticas que lhe foram feitas em relação à edição de 1919 de *Trechos Seletos*, ao publicar a segunda edição de 1935 procurou Sousa da Silveira aumentá-la com textos que refletissem mais notavelmente “a nossa natureza, as coisas do nosso meio e da nossa vida”; e na antologia passaram a preponderar os autores brasileiros: com efeito, se na primeira edição eram 14 portugueses e 7 brasileiros, passaram a ser na segunda edição 29 brasileiros e 17 portugueses, uma mudança altamente significativa. Além disso, nessa edição de 1935 aparece o texto “Um Mal Para a Nossa Terra” de Lima Barreto como o primeiro da antologia, escolha muito expressiva, pois o autor de *Triste Fim de Policarpo Quaresma* ainda era injustamente apontado como escritor incorreto e medíocre, indigno portanto de figurar numa antologia escolar.

15 “O Dialeto Caipira”, in *Revista de Língua Portuguesa*, Rio de Janeiro, nº 11, maio 1921, p. 23-32. Por esse artigo, Edith Pimentel Pinto confere a Sousa da Silveira lugar de honra entre os pioneiros da valorização dos estudos dialetológicos no Brasil (cf. *O Português do Brasil - Textos Críticos e Teóricos* - 2 - 1920/1945, Rio de Janeiro, Livros Técnicos e Científicos, 1981, p. XVIII-XIX).

No campo didático, os pontos de vista renovadores de Sousa da Silveira começaram a ser expressos com clareza na notável conferência que proferiu em 1921 – “A Língua Nacional e o Seu Estudo” – e foram reiterados ao longo dos anos, principalmente nos planos de ensino que traçou, nos tempos da UDF (1935-1938) e da FNF (1939-1953), como autor dos programas da cadeira de Língua Portuguesa e orientador da sua execução, e em 1942, como autor dos programas e das instruções metodológicas oficiais para o ensino da língua portuguesa no curso secundário, organizados a pedido do Ministro Gustavo Capanema. São traços principais dessa renovação pedagógica: a adoção da ortografia simplificada, por que tanto se batera na campanha em favor da adoção no Brasil dos princípios básicos da reforma portuguesa de 1911; a exploração de textos selecionados, de autores portugueses e brasileiros de todas as épocas, como fontes dos mais ricos e variados ensinamentos; a preocupação maior com o estudo dos autores brasileiros – entre eles, os contemporâneos, vítima de preconceitos da época; o estudo dos múltiplos recursos de expressão da língua e da sua adequação a situações diversas; o combate à supervalorização da teoria e da nomenclatura gramatical e aos excessos da análise sintática (ou “análise lógica”); a valorização do estudo do vocabulário latino como fonte do léxico português. Sempre fez ver aos seus alunos e leitores o caráter ancilar da teoria gramatical, e, reconhecendo a importância das boas gramáticas como retratos fiéis dos fatos da língua, advertiu-os a respeito dos erros propagados por muitas gramáticas então existentes, as quais são de fato “espelhos deformantes” da realidade lingüística, tanto mais perniciosos quanto mais “dogmáticos e presumidos”¹⁶.

O escritor Josué Montello, com muita razão, tratando num artigo da “herança” de ensinamentos preconceituosos deixada por Cândido de Figueiredo, cujas lições tiveram tanta influência, referiu-se aos “novos horizontes à compreensão dos fenômenos lingüísticos no Brasil” abertos por Sousa da Silveira com as suas *Lições de Português*, onde em vez de impor “regras rígidas, em nome dos solenes padrões clássicos, inclinava-se para o bom uso corrente, com os exemplos colhidos nos escritores e na fala usual”¹⁷. O livro escrito entre os anos de 1921 e 1923 – assinala Josué Montello – havia sido publicado exatamente no mesmo momento histórico das lutas em favor da renovação da nossa literatura que conduziram à realização em São Paulo da Semana de Arte Moderna em fevereiro de 1922.

16 A advertência foi claramente enunciada por Sousa da Silveira em 1942, como Paraninfo da turma diplomada naquele ano pela Faculdade Nacional de Filosofia, no discurso de onde transcrevemos as expressões entre aspas.

17 Josué Montello, “Os Herdeiros de Cândido de Figueiredo”, in *Jornal do Brasil*, Rio de Janeiro, 9/12/1975.

6 - Razões especiais desta homenagem

A análise dos diferentes aspectos da vida e obra de Sousa da Silveira, associada à visão do momento de crise aguda por que passam o ensino humanístico e em particular os cursos superiores de Letras, faz-nos entender que é sempre oportuno reler os escritos com que ele e outros grandes estudiosos da língua como expressão da cultura avultaram a bibliografia brasileira. Com efeito, é profundamente lamentável que os atuais estudantes de Letras, necessitando em sua maioria compensar as deficiências de conhecimentos que trazem do ensino secundário, não encontrem nas livrarias – a não ser por acaso em antiquários, como livros usados – muitas obras fundamentais que tanto os ajudariam no bom aprendizado da língua portuguesa.

Partindo, pois, desta realidade de nossos dias, alguns discípulos do autor de *Lições de Português* resolveram fundar uma entidade que os congregasse para a consecução de três objetivos principais: promover estudos e pesquisas filológicas e lingüísticas, para valorizar o texto como fonte de ensinamentos seguros e abundantes a todos quantos desejam aprofundar os conhecimentos relativos à língua, à literatura e à cultura de um povo; promover e reexame da vida e obra de Sousa da Silveira; e promover a edição das suas obras completas. Instituída em 1981 com tais propósitos, a Sociedade Sousa da Silveira / Centro de Cultura Humanística e de Estudos de Língua Portuguesa e Crítica Textual, que até dezembro de 1997 teve sede provisória no Instituto de Letras da Universidade Federal Fluminense, em Niterói, e hoje está em fase de reativação das suas atividades, já fez cumprir extenso programa cultural, e poderá ir mais adiante se tiver o merecido apoio, com uma “alta missão a cumprir” em defesa da língua portuguesa e da cultura luso-brasileira, no dizer do poeta Carlos Drummond de Andrade ao registrar em sua coluna semanal do *Jornal do Brasil* o surgimento da Sociedade, de que tivera notícia pela leitura do seu primeiro boletim informativo.

Três dos discípulos diretos do nosso homenageado são hoje integrantes da diretoria do Instituto de Língua Portuguesa do Liceu Literário Português que edita a revista *Confluência*: o autor do presente artigo e os professores Sílvio Elia e Gladstone Chaves de Melo; os outros dois diretores do ILP – Evanildo Bechara e Antônio Basílio Gomes Rodrigues – têm idêntico apreço à figura do mestre das *Lições de Português*. Assim sendo, associamo-nos à iniciativa de lhe dedicar o número 15 da nossa revista, num preito de homenagem que lhe é prestado em sinal de profunda reverência à sua memória.

É oportuno acrescentar, como dado que vincula a figura de Sousa da Silveira a um grande momento na vida do Liceu Literário Português, que o nosso homenageado, a convite de Afrânio Peixoto, então Diretor do Instituto

de Estudos Portugueses da instituição, aqui esteve em 1943 para fazer várias conferências num ciclo de que participaram outras grandes figuras do magistério de História e de Letras (Pedro Calmon, Hélio Viana, Afonso Arinos de Melo Franco, José Oiticica, Cecília Meireles, Jaime Cortesão, Thiers Martins Moreira, Padre Serafim Leite, Visconde de Carnaxide, Mário Monteiro e Américo Jacobina Lacombe): foi no salão nobre do Liceu que proferiu as lições magistrais de exegese dos textos do “Auto da Alma” e do “Auto da Mofina Mendes” mais tarde incluídas e publicadas no volume que se intitulou *Dois Autos de Gil Vicente*.

ORGANIZAÇÃO DAS OBRAS COMPLETAS DE SOUSA DA SILVEIRA

Na relação abaixo, aparecem em itálico os títulos de livros, opúsculos e separatas.

As indicações de itens numerados que se seguem a cada título correspondem às da bibliografia em ordem cronológica apresentada mais adiante, figurando em negrito as relativas às publicações originais ou reedições mais importantes de cada um dos trabalhos relacionados.

I – ORIGEM, FORMAÇÃO, DESENVOLVIMENTO E ESTADO ATUAL DA LÍNGUA PORTUGUESA:

Lições de Português [Itens 8, 9, 10, 11, 12, 13, 14, 15, 16, 17, **18**, 54, 55, 74, 79, **111**, **121**, **143**, 193, 195, **214**, **218**, **223**, **230**, **236**].

Trechos Seletos [2, 78, 86, 94, 98, 106, 107, 112, **113**, **122**, **130**, **175**, **220**, **222**, **224**].

Algumas Fábulas de Fedro [23, 53, 196].

II – EDIÇÃO DE TEXTOS DA LÍNGUA PORTUGUESA E ESTUDOS PARA A SUA ANÁLISE E INTERPRETAÇÃO:

Textos Quinhentistas – Camões, “Sôbolos Rios”; Cristóvão Falcão, “Crisfal”; Antônio Ferreira, “Castro”; Gil Vicente, “Auto da Alma” [70, 72, 73, 75, 76, 95, 97, 99, 100, 101, 102, 103, **104**, 128, 131, **132**, 135, 136, 137, 138, 145, 146, 147, 148, 149, 150, 151, 154, 155, 159, 162, 163, 165, **191**, **229**].

Dois Autos de Gil Vicente (o da Mofina Mendes e o da Alma) [178, 182, 183, 184, 185, 199, 200, **201**, **206**, **231**].

Máximas, Pensamentos e Reflexões do Marquês de Maricá [208, 209, 210, 211, **215**, 217, **225**].

D. J. Gonçalves de Magalhães – “Suspiros Poéticos e Saudades” [134]. *Obras de Casimiro de Abreu*. [144, 157, 188, 194, **207**, **216**, 221, 226].

Fonética Sintática e Sua Utilização na Explicação de Expressões Feitas e na Interpretação de Textos [152, 153, 156, 166, 170, 171, 190, **204**, **228**].

III – DISPERSOS E INÉDITOS:

Estudo e Ensino da Língua Portuguesa:

A Língua Nacional e o Seu Estudo [Itens 4, 5, 174, 188, 190].

Curso Jacobina {Uma Experiência de Ensino de Português} [30].

Programa de Português da Portaria Ministerial Nº 170, de 11 de Julho de 1942, e Instruções Metodológicas Para a Sua Execução [168, 169, 233, 234].

Programa de Língua Portuguesa da Faculdade Nacional de Filosofia da Universidade do Brasil [187].

O Problema Ortográfico:

A Ortografia da Língua Portuguesa [3].

A Respeito de Ortografia [20].

“*Ânsia*”, “*Tecer*” e a *Ortografia Portuguesa* [24, 25, 26, 27, 28, 29, 32].

Ainda a Ortografia Portuguesa [34, 35].

Ortografia Portuguesa [38, 43].

Simplificação Ortográfica [39, 41, 44, 190].

Formulário Ortográfico da Academia [40, 45].

Reforma Ortográfica [42, 46].

O Verbo “Criar” [47, 48].

Ainda o Verbo “Criar” [49].

Formulário Acadêmico do Acordo [58, 59].

Formulário Acadêmico (Réplica à Resposta do Sr. Laudelino Freire) [63, 64, 65, 66, 67].

A Reforma Ortográfica (Parecer Assinado por Augusto Magne, Sousa da Silveira, Antenor Nascentes e Fernando Magalhães) [117, 119].

Estudos de Lingüística e Filologia Portuguesa:

Excelência das Formas Vernáculas [6]

O Dialeto Caipira [7, 235].

Nota Sobre os Pronomes “Se” e “Ele” [19, 179, 180].

Formas Populares e Hipotéticas [21].

Palavras Afins [33].

Um Novo Livro do Professor Nascentes {“O Idioma Nacional”, 4º volume} [36, 37].

“Mobilar” e “Mobiliar” [51].

“Macho” e “Fêmea” [52].

Notas Soltas de Linguagem [68, 69, 71, 77, 80, 87, 90, 92, 96, 105, 114, 115, 120].

Étimo de “Ser” [81, 83, 176].

Sintaxe da Proposição “De” [84, 202].

Dicionário Etimológico do Professor Antenor Nascentes [88].

Ismael de Lima Coutinho, *Pontos de Gramática Histórica* [127].

“Ter” Usado Impessoalmente [129, 133].

Resposta a um Crítico {Artur de Almeida Torres} [140, 141, 142].

Pronome Pessoal Átono no Começo de um Verso de Gonçalves Dias [167].

O Problema da Língua Brasileira [189, 205, 227].

Interpretação e Comentário de Textos:

Uma Poesia Trovadoresca [22].

Uma Explicação [50].

“Os Lusíadas”, Edição Escolar do Professor Nascentes [56, 232].

“Os Lusíadas (Edição do Sr. Dr. Cláudio Basto) [57, 232].

Páginas Clássicas: “À Cruz” (de Frei Tomé de Jesus) [78].

Sá de Miranda e a Fábula dos Dois Ratos [85, 89].

Páginas Clássicas: “Contemplação das Perfeições de Deus no Espelho das Criaturas” (do Padre Manuel Bernardes) [86, 91, 93].

Um Verso Obscuro dos *Lusíadas* [110, 232].

Páginas Clássicas: “Cantar à Maneira de Solau” (de Bernardim Ribeiro) [112].

Entre Colaboradores Nossos {Resposta a Agostinho de Campos} [118].

Reparos a Uma Nova Edição de Gonzaga [123, 124, 125, 126].

As Antologias de Poetas Brasileiros de Manuel Bandeira [139].

Notas à Linguagem e Versificação de Casimiro [158, 172, 181].

Modificações da Forma Literária [160].

Uma Edição Valiosa do “Cancioneiro da Ajuda” [164].

Obras-Primas da Lírica Brasileira [186].

Indicação ao Congresso Brasileiro de Língua Vernácula [197].

Proposta ao Congresso Brasileiro de Língua Vernácula [212].

Diversos (Estudos Biográficos, Prefácios, Discursos):

Mário Barreto [60, 61, 62, 82].

Animae Dimidium Meae [Manuel Bandeira] [116].

Prefácio aos “Princípios de Lingüística Geral” de J. Matoso Câmara Júnior [161].

Na Faculdade Nacional de Filosofia: Oração de Paraninfo [173, 177].

Duas Palavras [Sobre o Opúsculo “A Atual Decadência da Língua Literária”, de Gládstone Chaves de Melo] [192].

Discurso na Sessão de Encerramento do Congresso Brasileiro de Língua Vernácula [198, 213].

Prefácio ao Livro “Conceito e Método da Filologia”, de Gládstone Chaves de Melo e Serafim da Silva Neto [203].

Poesia:

Ecos (1899-1908) [1, 188].

A Machado de Assis [188].

Inéditos.

Correspondência Ativa e Passiva

TRABALHOS PUBLICADOS, EM ORDEM CRONOLÓGICA

[Títulos dos livros, opúsculos e separatas – em negrito itálico]

1908

1. ***Ecoss*** [Poesia]. Rio de Janeiro, Tipografia Leuzinger, 1908. 70 p.

1919

2. ***Trechos Seletos*** – Com uma introdução histórico-gramatical e anotações por Álvaro Ferdinando de Sousa da Silveira, bacharel em Ciências e Letras, engenheiro-civil, docente da cadeira de Português da Escola Normal. Rio de Janeiro, Tip. Besnard Frères, 1919. XX + 338 p.

1920

3. A Ortografia da Língua Portuguesa. In: *Revista de Língua Portuguesa*, Rio de Janeiro, nº 7, set. 1920, p. 139-146.

1921

4. A Língua Nacional e o Seu Estudo. In: *Revista de Língua Portuguesa*, Rio de Janeiro, nº 9, jan. 1921, p. 17-32.
5. ***A Língua Nacional e o Seu Estudo*** – 6ª conferência da série promovida e organizada pelo Curso Jacobina – realizada a 12 de agosto de 1920 no salão do “Jornal do Comércio”, por Álvaro Ferdinando de Sousa da Silveira, docente da Escola Normal, professor do Curso Jacobina. Rio de Janeiro, Tip. Lit. Rohe, 1921. [2] + 16 p.
6. Excelência das Formas Vernáculas. In: *Revista de Língua Portuguesa*, Rio de Janeiro, nº 9, jan. 1921, p. 115-118.
7. O Dialeto Caipira [de Amadeu Amaral]. In: *Revista de Língua Portuguesa*, Rio de Janeiro, nº 11, maio. 1921, p. 23-32.
8. Lições de Português – Dadas no 3º ano da Escola Normal, de acordo com o programa vigente pelo docente Álvaro Ferdinando de Sousa da Silveira – ano letivo de 1921 [1]. In: *Revista de Língua Portuguesa*, Rio de Janeiro, nº 11, maio de 1921, p. 123-134.
9. Lições de Português [II]. In: *Revista de Língua Portuguesa*, Rio de Janeiro, nº 12, jul. 1921, p. 49-68.
10. Lições de Português [III]. In: *Revista de Língua Portuguesa*, Rio de Janeiro, nº 13, set. 1921, p. 71-88.
11. Lições de Português [IV]. In: *Revista de Língua Portuguesa*, Rio de Janeiro, nº 14, nov. 1921, p. 79-104.

1922

12. Lições de Português [V]. In: *Revista de Língua Portuguesa*, Rio de Janeiro, nº 15, jan. 1922, p. 77-99.
13. Lições de Português [VI]. In: *Revista de Língua Portuguesa*, Rio de Janeiro, nº 16, mar. 1922, p. 77-103.
14. Lições de Português [VII]. In: *Revista de Língua Portuguesa*, Rio de Janeiro, nº 17, maio. 1922, p. 87-130.

15. Lições de Português [VIII]. In: *Revista de Língua Portuguesa*, Rio de Janeiro, nº 18, jul. 1922, p. 99-116.
16. Lições de Português [IX]. In: *Revista de Língua Portuguesa*, Rio de Janeiro, nº 20, nov. 1922, p. 101-126.

1923

17. Lições de Português [X]. In: *Revista de Língua Portuguesa*, Rio de Janeiro, nº 21, jan. 1923, p. 79-101.
18. **Lições de Português** - Dadas no 3º ano da Escola Normal de acordo com o programa pelo docente Álvaro Ferdinando de Sousa da Silveira – ano letivo de 1921. Rio de Janeiro, “*Revista de Língua Portuguesa*”, 1921 [1923]. [2] + 280 + [8] p.

1924

19. Nota Sobre os Pronomes “Se” e “Ele”. In: *Revista de Língua Portuguesa*, Rio de Janeiro, nº 29, maio. 1924, p. 51-57.
20. A Respeito de Ortografia. In: *Revista de Filologia Portuguesa*, São Paulo, nº 8-9, ago.-set. 1924, p. 121-134.
21. Formas Populares e Hipotéticas. In: *Revista de Filologia Portuguesa*, São Paulo, nº 12, dez. 1924, p. 223-230.

1925

22. Uma Poesia Trovadoresca. In: *Revista de Filologia Portuguesa*, São Paulo, nº 19-20, jul.-ago. 1925, p. 33-41.

1927

23. **Algumas Fábulas de Fedro** – Com tradução literal, notas visando ao Português, e vocabulário, por Álvaro Ferdinando de Sousa da Silveira, docente de Português da Escola Normal do Rio de Janeiro. Rio de Janeiro, Livraria Francisco Alves, 1927. 216 p.
24. “Ânsia” com “S”. In: *Jornal do Comércio*, Rio de Janeiro, 7/8/1927.
25. “Ânsia” com “S”, “Tecer” com “C”. In: *Jornal do Comércio*, Rio de Janeiro, 11/9/1927.
26. “Ânsia” com “S”. In: *Revista de Língua Portuguesa*, Rio de Janeiro, nº 49, set. 1927, p. 70-76.
27. A Grafia da Língua – Réplica a Algumas Afirmções do Sr. Prof. Júlio Nogueira [I]. In: *Jornal do Comércio*, Rio de Janeiro, 6/11/1927.
28. A Grafia da Língua [II]. In: *Jornal do Comércio*, Rio de Janeiro, 13/11/1927.
29. A Grafia da Língua [III]. In: *Jornal do Comércio*, Rio de Janeiro, 20/11/1927.
30. Curso Jacobina. In: *Traço de União* – Órgão das Alunas do Curso Jacobina, ano 4, nº 3-4, set.-nov. 1927, p. 23-24.
31. Carta do Professor e Filólogo Sr. Sousa da Silveira. In: Mário Barreto, *Através do Dicionário e da Gramática Opiniões Sobre Esta Obra que a Livraria Quaresma Acaba de Editar*, Rio de Janeiro, Livraria Quaresma, 1927, p. 45.

1928

32. “*Ânsia*”, “*Tecer*” e a *Ortografia Portuguesa*. Petrópolis, Tipografia das “Vozes de Petrópolis”, 1928. 54 + X p.
33. Palavras Afins. In: *Revista de Língua Portuguesa*, Rio de Janeiro, nº 51, jan. 1928, p. 9-18.
34. Ainda a Ortografia Portuguesa (A Propósito de Uma das “Notas Literárias” do Sr. Medeiros e Albuquerque). In: *Jornal do Comércio*, Rio de Janeiro, 10/6/1928.
35. Ainda a Ortografia Portuguesa (A Propósito de Uma das “Notas Literárias” do Sr. Medeiros e Albuquerque). In: *Revista de Cultura*, Rio de Janeiro, ano 2, vol. 4, fasc. 20, ago. 1928, p. 81-91.

1929

36. Um Novo Livro do Professor Nascentes [*O Idioma Nacional*, 4º volume]. In: *Jornal do Comércio*, Rio de Janeiro, 14/7/1929.
37. Um Novo Livro do Professor Nascentes. In: *Revista de Língua Portuguesa*, Rio de Janeiro, nº 60, jul. 1929, p. 45-59.
38. Ortografia Portuguesa. In: *Jornal do Comércio*, Rio de Janeiro, 15/12/1929.

1930

39. Simplificação Ortográfica. In: *Jornal do Comércio*, Rio de Janeiro, 12/1/1930.
40. Formulário Ortográfico da Academia. In: *Jornal do Comércio*, Rio de Janeiro, 26/1/1930.
41. A Ortografia da Língua Portuguesa. In: *Revista de Língua Portuguesa*, Rio de Janeiro, nº 62, nov. 1929, p. 5-24.
42. Reforma Ortográfica. In: *Jornal do Comércio*, Rio de Janeiro, 9/3/1930.
43. Ortografia Portuguesa. In: *Revista de Cultura*, Rio de Janeiro, ano 4, vol. 7, fasc. 38, fev. 1930, p. 90-99.
44. Simplificação Ortográfica. In: *Revista de Cultura*, Rio de Janeiro, ano 4, vol. 7, fasc. 38, fev. 1930, p. 99-105.
45. Formulário Ortográfico da Academia. In: *Revista de Cultura*, Rio de Janeiro, ano 4, vol. 7, fasc. 39, fev. 1930, p. 105-112.
46. Reforma Ortográfica. In: *Revista de Cultura*, Rio de Janeiro, ano 4, vol. 7, fasc. 39, mar. 1930, p. 177-189.
47. O Verbo “Criar”. In: *Jornal do Comércio*, Rio de Janeiro, 6/4/1930.
48. O Verbo “Criar”. In: *Revista de Cultura*, Rio de Janeiro, ano 4, vol. 7, fasc. 41, maio de 1930, p. 292-305.
49. Ainda o Verbo “Criar”. In: *Revista de Cultura*, Rio de Janeiro, ano 4, vol. 7, fasc. 42, jun. 1930, p. 316-321.
50. Uma Explicação. In: *Revista de Cultura*, Rio de Janeiro, ano 4, vol. 7, fasc. 42, jun. 1930, p. 339-340.
51. “Mobilar” e “Mobiliar”. In: *Revista de Cultura*, Rio de Janeiro, ano 4, vol. 8, fasc. 46, out. 1930, p. 157-159.
52. “Macho” e “Fêmea”. In: *Revista de Cultura*, Rio de Janeiro, ano 4, vol. 8, fasc. 46, out. 1930, p. 225-228.

53. ***Algumas Fábulas de Fedro*** – Com tradução literal, notas visando ao Português, e vocabulário, por Álvaro Ferdinando de Sousa da Silveira, docente de Português da Escola Normal do Rio de Janeiro. 2ª edição, melhorada. Rio de Janeiro, Livraria Francisco Alves, 1930.

1931

54. “Casa” e “Palácio”, com e sem Artigo (Da 2ª edição, ora no prelo, do livro “Lições de Português”). In: *Revista de Cultura*, Rio de Janeiro, ano 5, vol. 9, fasc. 49, jan. 1931, p. 35-44.
55. Gramática e Estilística (Da 2ª edição, no prelo, do livro “Lições de Português”). In: *Revista de Cultura*, Rio de Janeiro, ano 5, vol. 9, fasc. 50, fev. 1931, p. 49-52.
56. “Os Lusíadas” – Edição Escolar do Professor Nascentes. In: *Revista de Filologia e de História*, Rio de Janeiro, t. 1, fasc. 1, 1931, p. 14-29.
57. “Os Lusíadas” – (Edição do Sr. Dr. Cláudio Basto). In: *Revista de Cultura*, Rio de Janeiro, ano 5, vol. 9, fasc. 54, jun. 1931, p. 237-242.
58. Formulário Acadêmico do Acordo. In: *Jornal do Comércio*, Rio de Janeiro, 19/7/1931.
59. Formulário Acadêmico do Acordo. In: *Revista de Cultura*, Rio de Janeiro, ano 5, vol. 10, fasc. 55, jul. 1931, p. 37-43.
60. Mário Barreto. In: *Jornal do Comércio*, Rio de Janeiro, 27/9/1931.
61. Mário Barreto. In: *Revista de Cultura*, Rio de Janeiro, ano 5, vol. 10, fasc. 58, out. 1931, p. 109-114.
62. Mário Barreto. In: *Revista de Filologia e de História*, Rio de Janeiro, t. 1, fasc. 4, 1931, p. 536-544.
63. Formulário Acadêmico (Réplica à Resposta do Sr. Laudelino Freire) – I. In: *Revista de Cultura*, ano 5, vol. 10, fasc. 59, nov. 1931, p. 189-197.
64. Formulário Acadêmico II. In: *Revista de Cultura*, Rio de Janeiro, ano 5, vol. 10, fasc. 59, nov. 1931, p. 197-200.
65. Formulário Acadêmico II (Continuação) III. In: *Revista de Cultura*, Rio de Janeiro, ano 5, vol. 10, fasc. 60, dez. 1931, p. 205-214.

1932

66. Formulário Acadêmico IV. In: *Revista de Cultura*, Rio de Janeiro, ano 6, vol. 11, fasc. 61, jan. 1932, p. 18-24.
67. Formulário Acadêmico V. In: *Revista de Cultura*, Rio de Janeiro, ano 6, vol. 11, fasc. 62, fev. 1932, p. 57-64.
68. Notas Soltas de Linguagem [I]. In: *Revista de Cultura*, Rio de Janeiro, ano 6, vol. 11, fasc. 63, mar. 1932, p. 97-100.
69. Notas Soltas de Linguagem – II. In: *Revista de Cultura*, Rio de Janeiro, ano 6, vol. 11, fasc. 64, abr. 1932, p. 154-158.
70. Antônio Ferreira – “Castro” – Texto Acompanhado de Notas Explicativas por Sousa da Silveira [I]. In: *Revista de Cultura*, Rio de Janeiro, ano 6, vol. 11, fasc. 65, maio 1932, p. 177-208.
71. Notas Soltas de Linguagem – III. In: *Revista de Cultura*, Rio de Janeiro, ano 6, vol. 11, fasc. 66, jun. 1932, p. 233-237.

72. “Castro” – Tragédia de Antônio Ferreira [II]. In: *Revista de Cultura*, rio de Janeiro, ano 6, vol. 11, fasc. 66, jun. 1932, p. 239-253.
73. “Castro” – Tragédia de Antônio Ferreira [III]. In: *Revista de Cultura*, rio de Janeiro, ano 6, vol. 12, fasc. 67, jul. 1932, p. 14-25.
74. Léxico Português (Da 2ª edição, no prelo, do livro “Lições de Português”). In: *Revista de Cultura*, Rio de Janeiro, ano 6, vol. 12, fasc. 68, ago. 1932, p. 41-45.
75. “Castro” – Tragédia de Antônio Ferreira [IV]. In: *Revista de Cultura*, rio de Janeiro, ano 6, vol. 12, fasc. 68, ago. 1932, p. 48-62
76. “Castro” – Tragédia de Antônio Ferreira [V]. In: *Revista de Cultura*, rio de Janeiro, ano 6, vol. 12, fasc. 69, set. 1932, p. 123-136.
77. Notas Soltas de Linguagem – IV. In: *Revista de Cultura*, Rio de Janeiro, ano 6, vol. 12, fasc. 70, out. 1932, p. 153-157.
78. Páginas Clássicas: “À Cruz” [de Frei Tomé de Jesus]. In: *Revista de Cultura*, Rio de Janeiro, ano 6, vol. 12, fasc. 71, nov. 1932, p. 193-197.
79. Sintaxe do Artigo (Da 2ª edição das “Lições de Português”, no prelo). In: *Revista de Cultura*, Rio de Janeiro, ano 6, vol. 12, fasc. 71, nov. 1932, p. 218-231.
80. Notas Soltas de Linguagem – V. In: *Revista de Cultura*, Rio de Janeiro, ano 6, vol. 12, fasc. 72, dez. 1932, p. 260-266.
81. Étimo de “Ser”. In: *Revista de Filologia e de História*, Rio de Janeiro, t. 2, fasc. 1, 1932, p. 34-48.
82. Mário Barreto. In: *A Língua Portuguesa*, Lisboa, vol. 3, fasc. 1, 1932, p. 37-43.
83. Étimo de “Ser”. In: *A Língua Portuguesa*, Lisboa, vol. 3, fasc. 2, 1932, p. 82-93.

1933

84. Preposição “De”. In: *Revista de Cultura*, Rio de Janeiro, ano 7, vol. 13, fasc. 73, jan. 1933, p. 5-20.
85. Sá de Miranda e a Fábula dos Dois Ratos. In: *Revista de Cultura*, Rio de Janeiro, ano 7, vol. 13, fasc. 74, fev. 1933, p. 65-78.
86. Páginas Clássicas Anotadas por Sousa da Silveira: “Contemplação das Perfeições de Deus no Espelho das Criaturas” [do Padre Manuel Bernardes]. In: *Revista de Cultura*, Rio de Janeiro, ano 7, vol. 13, fasc. 74, fev. 1933, p. 95-99.
87. Notas Soltas de Linguagem – VI. In: *Revista de Cultura*, Rio de Janeiro, ano 7, vol. 13, fasc. 75, mar. 1933, p. 129-136.
88. Dicionário Etimológico do Professor Antenor Nascentes. In: *Revista de Cultura*, Rio de Janeiro, ano 7, vol. 13, fasc. 75, mar. 1933, p. 149-153.
89. A Fábula do Rato do Campo e o da Cidade [de Sá de Miranda]. In: *Revista de Cultura*, Rio de Janeiro, ano 7, vol. 13, fasc. 76, abr. 1933, p. 193-197.
90. Notas Soltas de Linguagem – VII. In: *Revista de Cultura*, Rio de Janeiro, ano 7, vol. 13, fasc. 76, abr. 1933, p. 193-197.
91. As “Páginas Clássicas” de Bernardes. In: *Revista de Cultura*, Rio de Janeiro, ano 7, vol. 13, fasc. 77, maio 1933, p. 241-243.

92. Notas Soltas de Linguagem – VIII. In: *Revista de Cultura*, Rio de Janeiro, ano 7, vol. 13, fasc. 78, jun. 1933, p. 289-291.
93. Ainda as “Páginas Clássicas” de Bernardes. In: *Revista de Cultura*, Rio de Janeiro, ano 7, vol. 14, fasc. 79, jul. 1933, p. 5-8.
94. A Língua Portuguesa. In: *Revista de Cultura*, Rio de Janeiro, ano 7, vol. 14, fasc. 80, ago. 1933, p. 49-67.
95. “Crisfal” – Égloga de Cristóvão Falcão, Anotada por Sousa da Silveira [I]. In: *Revista de Cultura*, Rio de Janeiro, ano 7, vol. 14, fasc. 81, set. 1933, p. 97-117.
96. Notas Soltas de Linguagem – IX. In: *Revista de Cultura*, Rio de Janeiro, ano 7, vol. 14, fasc. 81, set. 1933, p. 124-130.
97. “Crisfal” – Égloga de Cristóvão Falcão [II]. In: *Revista de Cultura*, Rio de Janeiro, ano 7, vol. 14, fasc. 82, 1933, p. 164-178.
98. Verbo com o Pronome “O” ou “Lo” Enclítico. In: *Revista de Cultura*, Rio de Janeiro, ano 7, vol. 14, fasc. 83, nov. 1933, p. 185-191.
99. “Crisfal” – Égloga de Cristóvão Falcão [III]. In: *Revista de Cultura*, Rio de Janeiro, ano 7, vol. 14, fasc. 83, nov. 1933, p. 221-227.
100. “Crisfal” – Égloga de Cristóvão Falcão [IV]. In: *Revista de Cultura*, Rio de Janeiro, ano 7, vol. 14, fasc. 84, dez. 1933, p. 258-271.

1934

101. “Crisfal” – Égloga de Cristóvão Falcão [V]. In: *Revista de Cultura*, Rio de Janeiro, ano 8, vol. 15, fasc. 85, jan. 1934, p. 47-52.
102. Registro Filológico do “Crisfal”. In: *Revista de Cultura*, Rio de Janeiro, ano 8, vol. 15, fasc. 86, fev. 1934, p. 57-61.
103. Ligeira Observação Sobre Metrificação [no “Crisfal”]. In: *Revista de Cultura*, Rio de Janeiro, ano 8, vol. 15, fasc. 89, maio 1934, p. 212-213.
104. **Cristóvão Falcão, “Crisfal” – Égloga Anotada por Sousa da Silveira.** Rio de Janeiro, “Revista de Cultura”, 1933. 72 p.
105. Notas Soltas de Linguagem – X. In: *Revista de Cultura*, Rio de Janeiro, ano 8, vol. 15, fasc. 90, jun. 1934, p. 270-273.
106. Páginas Clássicas Anotadas por Sousa da Silveira: “**Todo Mundo e Ninguém**” [de Gil Vicente]. In: *Revista de Cultura*, Rio de Janeiro, ano 8, vol. 15, fasc. 91, jul. 1934, p. 9-14.
107. Páginas Clássicas Anotadas por Sousa da Silveira: “**Diz a Donzela Algumas de Suas Mágoas e Refere-se a um Livro que Pretende Escrever**” [de Bernardim Ribeiro]. In: *Revista de Cultura*, Rio de Janeiro, ano 8, vol. 15, fasc. 92, ago. 1934, p. 74-75.
108. Questão Ortográfica. In: *Diário da Noite*, Rio de Janeiro, 30/10/1934.
109. Questão Ortográfica. In: *Revista de Cultura*, Rio de Janeiro, ano 8, vol. 15, fasc. 95-96, nov.-dez. 1934, pág. 293-298.
110. Um Verso Obscuro dos “Lusíadas”. In: *Revista de Filologia e de História*, Rio de Janeiro, t.2, fasc. 3-4, 1934, p. 374-377.
111. **Lições de Português.** 2ª edição melhorada. Rio de Janeiro, Civilização Brasileira, 1934. 379 + [7] p.

1935

112. Páginas Clássicas Anotadas por Sousa da Silveira: “Cantar à Maneira de Solau” [de Bernardim Ribeiro]. In: *Revista de Cultura*, Rio de Janeiro, ano 9, vol. 17, fasc. 99, mar. 1935, p. 159-164.
113. *Trechos Seletos* – Complemento Prático às “Lições de Português” do mesmo autor com uma introdução histórico-gramatical e anotações. Rio de Janeiro, Civilização Brasileira, 1935. 444 p.

1936

114. Notas Soltas de Linguagem – XI. In: *Revista de Cultura*, Rio de Janeiro, ano 10, vol. 19, fasc. 109, jan. 1936, p. 5-10.
115. Notas Soltas de Linguagem – XII. In: *Revista de Cultura*, Rio de Janeiro, ano 10, vol. 20, fasc. 116, ago. 1936, p. 61-63.
116. *Animae Dimidium Meae*. In: *Homenagem a Manuel Bandeira*. Rio de Janeiro, “Jornal do Comércio”, 1936, p. 219-223.

1937

117. A Reforma Ortográfica. In: *Jornal do Brasil*, Rio de Janeiro, 31/1/1937.
118. Entre Colaboradores Nossos – Uma Carta de Interesse [Resposta a Agostinho de Campos]. In: *Revista de Cultura*, Rio de Janeiro, ano 11, vol. 21, fasc. 122, fev. 1937, p. 116-119.
119. A Reforma Ortográfica. In: *Revista de Cultura*, Rio de Janeiro, ano 11, vol. 21, fasc. 122, fev., 1937, p. 148-149.
120. Notas Soltas de Linguagem – XIII. In: *Revista de Cultura*, Rio de Janeiro, ano 11, vol. 22, fasc. 131-132, nov.-dez. 1937, p. 315-316.
121. *Lições de Português*. 3ª edição melhorada. Rio de Janeiro, Civilização Brasileira, 1937. 384 + [8] p.
122. *Trechos Seletos* 3ª edição melhorada. Rio de Janeiro, Civilização Brasileira, 1937. 457 + [2] p.

1938

123. Reparos a Uma Nova Edição de Gonzaga {de Rodrigues Lapa} [I]. In: *Revista de Cultura*, Rio de Janeiro, ano 12, vol. 23, fasc. 136, abr. 1938, p. 211-218.
124. Ainda a Propósito de Uma Nova Edição de Gonzaga [II]. In: *Revista de Cultura*, Rio de Janeiro, ano 12, vol. 23, fasc. 137-138, maio-jun. 1938, p. 285-288.
125. Ainda a Propósito de Uma Nova Edição de Gonzaga [III]. In: *Revista de Cultura*, Rio de Janeiro, ano 12, vol. 24, fasc. 139, jul. 1938, p. 37-39.
126. Ainda a Propósito de Uma Nova Edição de Gonzaga (Conclusão) [IV]. In: *Revista de Cultura*, Rio de Janeiro, ano 12, vol. 24, fasc. 140, ago. 1938, p. 65-71.
127. Ismael de Lima Coutinho – “Pontos de Gramática Histórica” (1938). In: *Revista de Cultura*, Rio de Janeiro, ano 12, vol. 24, fasc. 142, out. 1938, p. 263-264.
128. Luís de Camões – “Sôbolos Rios que Vão” – Edição organizada e anotada por Sousa da Silveira, professor na Universidade do Distrito Federal

- [I]. In: *Revista de Cultura*, Rio de Janeiro, ano 12, vol. 24, fasc. 143-144, nov.-dez. 1938, p. 265-280.
129. “Ter” Usado Impessoalmente. In: *Miscelânea de Estudos em Honra de Manuel Said Ali*. Rio de Janeiro, 1938, p. 137-142.
130. *Trechos Seletos* 4ª edição, melhorada. São Paulo, Companhia Editora Nacional, 1938. 469 + [3] p.

1939

131. Luís de Camões – “Sôbolos Rios que Vão” [II]. In: *Revista de Cultura*, Rio de Janeiro, ano 13, vol. 25, fasc. 145, jan. 1939, pág. 26-42.
132. *Luís de Camões – “Sôbolos Rios que Vão”* – Edição organizada e anotada por Sousa da Silveira, professor da Universidade do Distrito Federal. Rio de Janeiro, “Revista de Cultura”, 1938. 32 p.
133. “Ter” Usado Impessoalmente. In: *Revista de Cultura*, Rio de Janeiro, ano 13, vol. 26, fasc. 151, jul. 1939, p. 7-10.
134. *Obras Completas de D. J. G. de Magalhães – Volume II – “Suspiros Poéticos e Saudades”* – Edição anotada por Sousa da Silveira – Prefácio literário por Sérgio Buarque de Holanda. Rio de Janeiro, Ministério da Educação, 1939. XXXII + 386 p.
135. Gil Vicente – “Auto da Alma” – Edição organizada e anotada por Sousa da Silveira, professor da Universidade do Brasil [I]. In: *Revista de Cultura*, ano 13, vol. 26, fasc. 155-156, nov.-dez. 1939, p. 137-144.

1940

136. Gil Vicente – “Auto da Alma” [II]. In: *Revista de Cultura*, Rio de Janeiro, ano 14, vol. 27, fasc. 157, jan. 1940, p. 48-49.
137. Gil Vicente – “Auto da Alma” [III]. In: *Revista de Cultura*, Rio de Janeiro, ano 14, vol. 27, fasc. 161-162, maio-jun. 1940, pág. 244-249.
138. Gil Vicente – “Auto da Alma” [IV]. In: *Revista de Cultura*, Rio de Janeiro, ano 14, vol. 28, fasc. 163, jul. 1940, pág. 30-32.
139. As Antologias de Poetas Brasileiros de Manuel Bandeira. In: *Jornal do Commercio*, Rio de Janeiro, 25/8/1940.
140. Resposta a um Crítico {Artur de Almeida Torres} [I]. In: *O Estado*, Niterói, 31/10/1940.
141. Resposta a um Crítico [II]. In: *O Estado*, Niterói, 3/11/1940.
142. Resposta a um Crítico [III]. In: *O Estado*, Niterói, 6/11/1940.
143. *Lições de Português*. 4ª edição melhorada. São Paulo, Companhia Editora Nacional, 1940, 394 p.
144. *Obras de Casimiro de Abreu* – Edição comemorativa do centenário do poeta (1939) – Organização, apuração do texto, esboço biográfico e notas por Sousa da Silveira, professor catedrático de Língua Portuguesa na Faculdade Nacional de Filosofia da Universidade do Brasil. São Paulo, Companhia Editora Nacional, 1940. XXVI + 457 p.

1941

145. Gil Vicente – “Auto da Alma” [V]. In: *Revista de Cultura*, Rio de Janeiro, ano 15, vol. 29, fasc. 169, jan. 1941, p. 34-43.

146. Gil Vicente – “Auto da Alma” [VI]. In: *Revista de Cultura*, Rio de Janeiro, ano 15, vol. 29, fasc. 170, fev. 1941, p. 85-87
147. Gil Vicente – “Auto da Alma” [VII]. In: *Revista de Cultura*, Rio de Janeiro, ano 15, vol. 29, fasc. 171, mar. 1941, p. 123-126.
148. Gil Vicente – “Auto da Alma” [VIII]. In: *Revista de Cultura*, Rio de Janeiro, ano 15, vol. 29, fasc. 172, abr. 1941, p. 183-189.
149. Gil Vicente – “Auto da Alma” [IX]. In: *Revista de Cultura*, Rio de Janeiro, ano 15, vol. 29, fasc. 174, jun. 1941, p. 314-315.
150. Gil Vicente – “Auto da Alma” [X]. In: *Revista de Cultura*, Rio de Janeiro, ano 15, vol. 30, fasc. 175, jul. 1941, p. 11-12.
151. Gil Vicente – “Auto da Alma” [XI]. In: *Revista de Cultura*, Rio de Janeiro, ano 15, vol. 30, fasc. 176, ago. 1941, p. 70-71.
152. Haploglogia. In: *Autores & Livros*, suplemento literário do jornal *A Manhã*, Rio de Janeiro, 10/8/1941, vol. 1, nº 1, p. 3.
153. Fonética Sintática na Interpretação de Textos – I. In: *Autores & Livros*, suplemento literário de *A Manhã*, Rio de Janeiro, 31/8/1941, vol. 1, nº 3, p. 38-39.
154. Gil Vicente – “Auto da Alma” [XII]. In: *Revista de Cultura*, Rio de Janeiro, ano 15, vol. 30, fasc. 177, set. 1941, p. 155-156.
155. Gil Vicente – “Auto da Alma” [XIII]. In: *Revista de Cultura*, Rio de Janeiro, ano 15, vol. 30, fasc. 178, out. 1941, p. 213-214.
156. Fonética e Sintaxe [sic] na Interpretação de Textos [II]. In: *Autores & Livros*, suplemento literário de *A Manhã*, Rio de Janeiro, 5/10/1941, vol. 1, nº 8, p. 135.
157. Estudo Sobre o Poeta das “Primaveras” (Prefácio das “Obras de Casimiro de Abreu”). In: *Autores & Livros*, suplemento literário de *A Manhã*, Rio de Janeiro, 12/10/1941, vol. 1, nº 9, p. 148 e 152.
158. Notas à Linguagem de Casimiro. In: *Autores & Livros*, suplemento literário de *A Manhã*, Rio de Janeiro, 26/10/1941, vol. 1, nº 11, p. 203 e 206.
159. Gil Vicente – *Auto da Alma* [XIV]. In: *Revista de Cultura*, Rio de Janeiro, ano 15, vol. 30, fasc. 179-180, nov.-dez. 1941, p. 282-283.
160. Modificações da Forma Literária. In: *Revista Brasileira*, Rio de Janeiro, ano 1, nº 3, dez. 1941, p. 131-138.
161. Prefácio. In: Joaquim Matoso Câmara Jr. – *Princípios de Lingüística Geral* Rio de Janeiro, Briguiet, 1941 [1942], p. 5-8.

1942

162. Gil Vicente – “Auto da Alma” [XV]. In: *Revista de Cultura*, Rio de Janeiro, ano 16, vol. 31, fasc. 181, jan. 1942, p. 25-28.
163. Gil Vicente – “Auto da Alma” [XVI]. In: *Revista de Cultura*, Rio de Janeiro, ano 16, vol. 31, fasc. 182, fev. 1942, p. 91-95.
164. Uma Edição Valiosa do “Cancioneiro da Ajuda” [de Henry H. Carter]. In: *Revista de Cultura*, Rio de Janeiro, ano 16, vol. 31, fasc. 183, mar. 1942, p. 148-152.
165. Gil Vicente – “Auto da Alma” [XVII]. In: *Revista de Cultura*, Rio de Janeiro, ano 16, vol. 31, fasc. 183, mar. 1942, p. 178-187.

166. Haploglogia. In: *Revista de Cultura*, Rio de Janeiro, ano 16, vol. 31, fasc. 184, abr. 1942, p. 193-196.
167. Pronome Pessoal Átono no Começo de um Verso de Gonçalves Dias. In: *A Ordem*, Rio de Janeiro, ano 22, vol. 27, jun. 1942, p. 495-501.
168. Ministério da Educação e Saúde – Gabinete do Ministro – Portaria Ministerial nº 160, de 11 de Julho de 1942 [Programa de Português do curso ginasial]. In: *Diário Oficial* 16/7/1942, Secção I, suplemento ao nº 164, p. 1-5.
169. Portaria Ministerial nº 172, de 15 de Julho de 1942 [Instruções metodológicas para a execução do programa de Português do curso ginasial]. In: *Diário Oficial*, 16/7/1942, Secção I, suplemento ao nº 164, p.6-8.
170. Fonética Sintática na Interpretação de Textos – I. In: *Revista de Cultura*, Rio de Janeiro, ano 16, vol. 31, fasc. 186, jun. 1942, p. 285-288.
171. Fonética Sintática na Interpretação de Textos – II. In: *Revista de Cultura*, Rio de Janeiro, ano 16, vol. 32, fasc. 187, jul. 1942, p. 5-8.
172. Notas à Linguagem e Versificação de Casimiro. In: *Revista de Cultura*, Rio de Janeiro, ano 16, vol. 32, fasc. 189, set. 1942, p. 103-107.
173. A Oração de Paraninfo do Professor Sousa da Silveira. In: *FNF*, publicação do Diretório Acadêmico da Faculdade Nacional de Filosofia da Universidade do Brasil, Rio de Janeiro, ano 2, nº 4, out.-nov.-dez. 1942, p. 33-40.
174. A Língua Nacional e o Seu Estudo. In: *Almanaque da Revista de Cultura Para 1942*. Rio de Janeiro, p. 16-22, 33-39 e 129-130.
175. *Trechos Seletos* 5ª edição. São Paulo, Companhia Editora Nacional, 1942. 469 + [3] p.

1943

176. Étimo de “Ser”. In: *Revista de Cultura*, Rio de Janeiro, ano 17, vol. 33, fasc. 193, jan. 1943, p. 5-15.
177. Na Faculdade Nacional de Filosofia – Oração de Paraninfo do Professor Sousa da Silveira. In: *Revista de Cultura*, Rio de Janeiro, ano 17, vol. 33, fasc. 194-195, fev.-mar. 1943, p. 72-75.
178. Gil Vicente – “Auto Chamado da Mofina Mêndez” – Edição organizada e anotada por Sousa da Silveira, professor na Faculdade Nacional de Filosofia da Universidade do Brasil. In: *Revista de Cultura*, Rio de Janeiro, ano 17, vol. 33, fasc. 196, abr. 1943, p. 185-203.
179. Nota Sobre os Pronomes “Se” e “Ele” – I. In: *Revista de Cultura*, Rio de Janeiro, ano 17, vol. 33, fasc. 198, jun. 1943, p. 265-268.
180. Nota Sobre os Pronomes “Se” e “Ele” – II. In: *Revista de Cultura*, Rio de Janeiro, ano 17, vol. 34, fasc. 199, jul. 1943, p. 5-8.
181. Notas à Linguagem e Versificação de Casimiro. In: *Almanaque da Revista de Cultura Para 1943*, Rio de Janeiro, p. 34-38.

1944

182. “Auto da Alma”, de Gil Vicente – Conferência realizada por Sousa da Silveira no Instituto de Estudos Portugueses, Fundação José Gomes Lopes (Liceu Literário Português) em 20 de Setembro de 1943 [I]. In: *Revista de Cultura*, Rio de Janeiro, ano 18, vol. 35, fasc. 207, mar. 1944, p. 103-110.

183. “Auto da Alma”, de Gil Vicente [II]. In: *Revista de Cultura*, Rio de Janeiro, ano 18, vol. 35, fasc. 208, abr. 1944, p. 168-172.
184. “Auto da Alma”, de Gil Vicente [III]. In: *Revista de Cultura*, Rio de Janeiro, ano 18, vol. 35, fasc. 209-210, maio-jun. 1944, p. 193-206.
185. “Auto da Alma”, de Gil Vicente [IV]. In: *Revista de Cultura*, Rio de Janeiro, ano 18, vol. 36, fasc. 211, jul. 1944, p. 44-48.
186. Obras-Primas da Lírica Brasileira. In: *Revista Brasileira*, Rio de Janeiro, Academia Brasileira de Letras, ano 4, nº 10, jul. 1944, p. 65-72.
187. **Programa de Língua Portuguesa (XXXII Cadeira)**. Rio de Janeiro, Universidade do Brasil – Faculdade Nacional de Filosofia, 1944. 10 p.
188. Antologia da Literatura Brasileira Contemporânea – Segunda Série – Antologia da Prosa – XIX – Sousa da Silveira. In: *Autores & Livros*, suplemento literário de *A Manhã*, Rio de Janeiro, 17/12/1944, vol. 7, nº 20, p. 319-322.

1945

189. “Não Existe Língua Brasileira” – Esclarece o Professor Sousa da Silveira. [Entrevista a Homero Senna]. In: *O Jornal*, Rio de Janeiro, 16/9/1945.
190. **Alfa-Ômega** [Órgão dos alunos do Colégio Pedro II – Diretor: Fernando Ferreira – Número integralmente dedicado a Sousa da Silveira, feito sob a coordenação de Carlos Assis Pereira]. Rio de Janeiro, ano 2, nº 5, nov. 1945. 2 + 24 + 2 p.
191. **Textos Quinhentistas – Camões: “Sôbolos Rios”; Cristóvão Falcão: “Crisfal”; Antônio Ferreira: “Castro”; Gil Vicente: “Auto da Alma”** – Estabelecidos e comentados por Sousa da Silveira. Rio de Janeiro, Imprensa Nacional, 1945. 374 + [4] p.

1946

192. Duas Palavras. In: Glástone Chaves de Melo, *A Atual Decadência da Língua Literária*, Rio de Janeiro, MES - Serviço de Documentação, 1946, p. 1-2.
193. A Gramática é a Mesma. In: *A Noite*, Rio de Janeiro, 16/10/1946, edição final.
194. Estudo Sobre o Poeta das “Primaveras”. In: *Vamos Ler!*, Rio de Janeiro, 31/10/1946, ano 9, nº 535, p. 16-17 e 62.

1947

195. Sobre a Língua Nacional. In: *Língua e Linguagem*, Rio de Janeiro, Academia Brasileira de Filologia, 1/2/1947, ano 1, nº 1, p. 5-9.

1948

196. **Algumas Fábulas de Fedro** – Acompanhadas de tradução literal, notas de entrelaçamento do Português com o Latim, e vocabulário, por Sousa da Silveira, catedrático de Língua Portuguesa na Faculdade Nacional de Filosofia – 3ª edição, à qual se acrescentaram 10 fábulas traduzidas e anotadas pela Profª. Maria Amélia de Pontes Vieira, da mesma Faculdade. Rio de Janeiro, Agir, 1948. 247 p. 196.

1949

197. Congresso Brasileiro de Língua Vernácula em Comemoração do Centenário de Rui Barbosa Indicação do Membro da Comissão Organizadora Prof. Álvaro Ferdinando de Sousa da Silveira Aprovada em Sessão de 22 de Março de 1949. In: Rui Barbosa – *Oração aos Moços* – Edição Nacional Estabelecimento do texto, prefácio e breves notas explicativas por Carlos Henrique da Rocha Lima. Rio de Janeiro, MES – Casa de Rui Barbosa, 1949, p. VII-IX.
198. Discurso do Professor Sousa da Silveira na Sessão de Encerramento do Congresso Brasileiro de Língua Vernácula em Comemoração do Centenário de Rui Barbosa (29/10/1949). In: *Boletim de Filologia*, Rio de Janeiro, ano 3, fasc. 10, jun. 1949, p. 59-70.
199. Uma Obra-Prima: o “Auto Chamado da Mofina Mendes”. In: *A Ordem*, Rio de Janeiro, ano 29, vol. 42, nº 1-2, jul.-ago. 1949, p. 5-45.
200. O “Auto da Alma” de Gil Vicente. In: *A Ordem*, Rio de Janeiro, ano 29, vol. 42, nº 4, out. 1949, p. 198-229.
201. *Dois Autos de Gil Vicente (o da Mofina Mendes e o da Alma)* – Explicados por Sousa da Silveira. Rio de Janeiro, Centro de Estudos de Língua Portuguesa, 1949. 78 p.

1951

202. *Sintaxe da Preposição “De”*. Rio de Janeiro, Organização Simões, 1951. 98 + [2] p.
203. Prefácio. In: Glástone Chaves de Melo e Serafim Silva Neto – *Conceito e Método da Filologia* Rio de Janeiro, Organização Simões, 1951, p. 7-8.

1952

204. *Fonética Sintática e Sua Utilização na Explicação de Expressões Feitas e na Interpretação de Textos* – Por Sousa da Silveira, professor catedrático de Língua Portuguesa na Faculdade Nacional de Filosofia. Rio de Janeiro, Organização Simões, 1952. 203 p.

1953

205. Homero Senna. *O Problema da Língua Brasileira* – Entrevista com o Prof. Sousa da Silveira. Rio de Janeiro, MEC – Serviço de Documentação, 1953. 45 p.
206. *Dois Autos de Gil Vicente (o da Mofina Mendes e o da Alma)* – Explicados por Sousa da Silveira, professor catedrático de Língua Portuguesa na Faculdade Nacional de Filosofia – 2ª edição melhorada e acrescida com o texto integral de cada auto. Rio de Janeiro, Organização Simões, 1953. 223 p.

1955

207. *Obras de Casimiro de Abreu* – Apuração e revisão do texto, esboço biográfico, notas e índices por Sousa da Silveira – 2ª edição melhorada. Rio de Janeiro, MEC – Casa de Rui Barbosa, 1955. XXXVI + 473 p.

1956

208. As Máximas do Marquês de Maricá – Palavras Preliminares [I]. In: *Revista de Cultura*, Rio de Janeiro, ano 21, vol. 41, fasc. 241, jan. 1956, p. 26-28.
209. Do Livro, no Prelo, “Máximas, Pensamentos e Reflexões do Marquês de Maricá” – Edição Dirigida e Anotada por Sousa da Silveira [II]. In: *Revista de Cultura*, Rio de Janeiro, ano 21, vol. 41, fasc. 243, mar. 1956, p. 114-117.
210. Do Livro, no Prelo, “Máximas, Pensamentos e Reflexões do Marquês de Maricá” [III]. In: *Revista de Cultura*, Rio de Janeiro, ano 21, vol. 41, fasc. 244-245-246, abr.-maio-jun. 1956, p. 152-156.
211. Do Livro, no Prelo, “Máximas, Pensamentos e Reflexões do Marquês de Maricá” [IV]. In: *Revista de Cultura*, Rio de Janeiro, ano 21, vol. 42, fasc. 247-248, jul.-ago. 1956, p. 28-30.
212. Proposta. In: *Anais do Congresso Brasileiro de Língua Vernácula* – Em comemoração do centenário de Rui Barbosa.... I, Rio de Janeiro, MEC – Casa de Rui Barbosa, 1956, p. 105-106.
213. Sessão de Encerramento. In: *Anais do Congresso Brasileiro de Língua Vernácula* I, Rio de Janeiro, MEC – Casa de Rui Barbosa, 1956, p. 133-153.

1958

214. *Lições de Português* 5ª edição melhorada. Coimbra, Atlântida / Rio de Janeiro, Livros de Portugal, 1953 [1958]. 433 p.
215. *Máximas, Pensamentos e Reflexões do Marquês de Maricá* – Edição dirigida e anotada por Sousa da Silveira. Rio de Janeiro, MEC – Casa de Rui Barbosa, 1958. 513 p.
216. *Nossos Clássicos* 23 – *Casimiro de Abreu* – “*Poesias*” – Por Sousa da Silveira. Rio de Janeiro, Agir, 1958. 112 p.

1960

217. “Máximas, Pensamentos e Reflexões do Marquês de Maricá” (Conclusão do nº 248). In: *Revista de Cultura*, Rio de Janeiro, ano 25, vol. 49, fasc. 289-290, jan.-fev. 1960, p. 18-23.
218. *Lições de Português*.... 6ª edição melhorada – Revisão crítica, em consulta com o autor, pelo Prof. Maximiano de Carvalho e Silva. Rio de Janeiro, Livros de Portugal, 1960. 315 p.
219. [Carta ao Sr. Trasíbio Gonella Bueno]. In: *A Língua Luso-brasileira*, Rio de Janeiro, ago. 1960, p. 18.

1961

220. *Trechos Seletos* 6ª edição. Rio de Janeiro, F. Briguiet, 1961. 4 + 483 p.
221. *Nossos Clássicos* 23 – *Casimiro de Abreu* – “*Poesia*” – Por Sousa da Silveira. 2ª edição. Rio de Janeiro, Agir, 1961. 115 p.

1963

222. *Trechos Seletos* 7ª edição. Rio de Janeiro, F. Briguiet, 1963. 4 + 483 p.

1964

223. *Lições de Português* 7ª edição melhorada – Revisão crítica, em consulta com o autor, pelo Prof. Maximiano de Carvalho e Silva. Rio de Janeiro, Livros de Portugal, 1964. 315p.

1966

224. *Trechos Seletos* 8ª edição. Rio de Janeiro, F. Briguiet, 1966. 4 + 483p.

1967

225. *Marquês de Maricá – “Máximas, Pensamentos e Reflexões”* – Edição dirigida e anotada por Sousa da Silveira. Rio de Janeiro, Tecnoprint Gráfica, 1967. 513 p.

226. *Nossos Clássicos 23 – Casimiro de Abreu – “Poesia”* – Por Sousa da Silveira. 3ª edição. Rio de Janeiro, Agir, 1967. 115 p.

1968

227. O Problema da Língua Brasileira. In: Homero Senna, *República das Letras* (20 Entrevistas com Escritores). 2ª edição, revista e ampliada, Rio de Janeiro, Gráfica Olímpica, 1968, p. 147-165.

1971

228. *Fonética Sintática* [2ª edição]. Rio de Janeiro, Fundação Getúlio Vargas, 1971. [XIV] + 144 p.

229. *Textos Quinhentistas* – Estabelecidos e comentados por Sousa da Silveira [2ª edição]. Rio de Janeiro, Fundação Getúlio Vargas, 1971. [XVI] + 368p.

1972

230. *Lições de Português* 8ª edição comemorativa do IV centenário de “Os Lusíadas” – Reprodução fotográfica da edição anterior, acrescida de um estudo prévio de Maximiano de Carvalho e Silva. Rio de Janeiro, Livros de Portugal, 1972. [2] + 312 p.

1973

231. *Dois Autos de Gil Vicente (o da Mofina Mendes e o da Alma)* – Explicados por Sousa da Silveira – 3ª edição acrescida com o fac-símile dos autos na edição príncipe de 1562 – Prefácio de Maximiano de Carvalho e Silva – Estudo prévio de Cleonice Berardinelli. Rio de Janeiro, MEC – Fundação Casa de Rui Barbosa, 1973. XXIV + 154 + [30] p.

1974

232. *Estudos Camonianos* – Reedição de ensaios, de autores brasileiros, já falecidos, sobre a vida e obra de Luís de Camões [Inclui os restudos de Sousa da Silveira]. Volume I. Rio de Janeiro, MEC / Departamento de Assuntos Culturais, 1974. [X] + 556 p.

1976

233. Instruções Metodológicas Para Execução do Programa de Português.... In: Jesus Belo Galvão, *O Idioma Nacional no Ensino Técnico*, Rio de Janeiro, Escola Técnica Federal Celso Suckow da Fonseca, 1976, p. 57-74.

1977

234. Instruções Metodológicas Para Execução do Programa de Português.....
In: Evanildo Bechara, *A Lingüística e o Ensino de Línguas*. Rio de Janeiro, Secretaria Municipal de Educação e Cultura, 1977, p. 91-102.

1981

235. A Língua Nacional e o Seu Estudo (1920) O Dialeto Caipira (1921).
In: Edith Pimentel Pinto, *O Português no Brasil – Textos Críticos e Teóricos - 2. 1920 / 1945 – Fontes Para a Teoria e a História*. Rio de Janeiro – Livros Técnicos e Científicos / São Paulo – EDUSP, 1981, p. 15-29.

1983

236. *Lições de Português*. 9ª edição. Reprodução fac-similada do texto definitivo (de 1964) com um estudo prévio de Maximiano de Carvalho e Silva. Rio de Janeiro: Presença; Brasília: Instituto Nacional do Livro, 1983. 312 p.

PEQUENA LEMBRANÇA DE UM GRANDE MESTRE

Sílvio Elia
UFF

Em 1936 começou a funcionar no Rio de Janeiro a Universidade do Distrito Federal, semente áurea do que viriam a ser no Brasil os cursos superiores de Letras, e Ciências Humanas em geral. Como não dispuséssemos de professores especializados nessa área, com formação universitária, embora em certos domínios, como o da língua portuguesa, pudéssemos contar com autodidatas de extrema competência, foi o eminente acadêmico Afrânio Peixoto, a quem tanto deve a alta cultura brasileira, encarregado de ir buscar na Europa, fonte generosa de nossos saberes, mestres que preparassem continuadores de seu mister acadêmico. Da maneira como se houve tão notável homem de letras é testemunho a subida de categoria dos representantes da inteligência do Velho Mundo que nos trouxe: Émile Bréhier, professor de História da Filosofia da Universidade de Paris (Sorbonne); Eugène Albertini, professor de Civilização Romana no Colégio de França; Henri Hauser, professor de História Econômica dos Tempos Modernos e Contemporâneo nas Universidades de Clermont-Ferrand, Dijon e Paris; Henri Tronchon, professor de Literaturas Modernas Comparadas, na Universidade de Estrasburgo; Gaston Leduc, professor de Economia Política nas Universidades de Caen e Ruão; Etienne Souriau, professor de Estética, nas Universidades de Aix-en-Provence e Lião; Jean Bourciez, professor de Filologia Românica na Faculdade de Letras de Montpellier; Jacques Perret, professor de Língua e Literatura Latinas na Universidade de Montpellier; Pierre Deffontaines, professor de Geografia nas Faculdades Católicas de Lille; Robert Garric, professor de Literatura na Faculdade de Letras de Paris. Para a cadeira de Língua Portuguesa os organizadores da Universidade do Distrito Federal tiveram a feliz inspiração de convidar o professor do Instituto de Educação do Distrito Federal, Álvaro Ferdinando de Sousa da Silveira, mestre insigne, louvado e admirado por discípulos e colegas.

Os cursos da UDF eram homólogos dos cursos normais, isto é, os cursos normais preparam os professores de ensino primário e os cursos da UDF faziam o mesmo para os professores de ensino secundário, ambos destinados às

escolas municipais (o Rio de Janeiro, cidade, era a base física do Distrito Federal). Como desejasse seguir a carreira do magistério e o nível do corpo docente muito me atraísse, matriculei-me no primeiro ano do curso de Letras de UDF. Foi então que tive o privilégio de ser aluno de Sousa da Silveira. Embora a cadeira fosse de Língua Portuguesa, as aulas, na realidade, melhor se chamariam de Filologia Portuguesa. Gramática do Idioma, Sousa da Silveira lecionava, com a segurança de sempre, no Instituto de Educação. Para nós, mostrava a dinâmica da língua em formação, na certeza de que o passado explica o presente. Partia do latim, língua que conhecia solidamente, tanto na feição clássica quanto na vulgar, e, desse tronco, vinha acompanhando com desvelo os galhos históricos que iriam constituir a família românica: o português língua-base, o espanhol, o francês, o italiano. Sousa da Silveira não desvinculava língua de literatura: partia dos textos medievais portugueses (textos de línguas-irmãs conhecia-os até de cor) e nos ia revelando a surpreendente regularidade dessa evolução, a ponto dos filólogos terem cunhado a expressão “leis fonéticas”. E isso com simplicidade, clareza, invejável domínio da matéria e, traço do seu ilibado caráter, inteiriça probidade intelectual. Os alunos (e alunas) seguiam-lhe fielmente os passos, cada qual querendo ser o discípulo amado.

Em 1939, com o deflagrar da 2ª Guerra Mundial, os professores estrangeiros tiveram de retornar à pátria, em defesa da sua soberania ameaçada. E, em 1940, convertia-se a Universidade do Distrito Federal em Faculdade Nacional de Filosofia da Universidade do Brasil. Aí tive um segundo privilégio: o de ser professor auxiliar do Catedrático Sousa da Silveira. Já eu era então professor do ensino médio da Prefeitura do Distrito Federal. Infelizmente só pude auxiliar o inesquecível mestre, na medida das minhas modestas forças, durante um ano. É que, arbitrariamente, o DASP, senhor irrecorrível da administração pública federal, resolvera reclassificar-nos como professores assistentes, reduzindo os nossos vencimentos, que, obviamente, não eram pingues. Protestei, pois havíamos assinado um contrato, com a duração de três anos. Disseram-nos então que o contrato poderia ser revogado unilateralmente... Indignado, resolvi voltar para o meu posto na Prefeitura. Tive, porém, um grande consolo: sucedeu-me o professor Gladstone Chaves de Melo, que outra coisa não fez senão ministrar a boa doutrina e dar o exemplo de mestre culto, justo e honrado.

LEMBRANÇA DE SOUSA DA SILVEIRA

Gladstone Chaves de Melo
UFF

Conheci Sousa da Silveira em 1940, quando tinha 23 anos. Tendo ele perdido seu assistente, Sílvio Elia, que o deixara para assumir outro posto mais conveniente, mais bem remunerado e efetivo, que conquistara por concurso – tendo perdido seu assistente, o saudoso e sábio Augusto Magne indicou-lhe meu nome para ocupar o lugar vago. Fui aceito e então comecei a conviver com aquela ilustríssima figura, até 1967, quando faleceu.

Pude então aproveitar-me à larga, de seu saber, de sua retidão moral, de sua dedicação aos alunos e ex-alunos.

Era engenheiro geógrafo e civil, pela Escola Politécnica do Rio de Janeiro, mas pouco exerceu essa profissão. Sempre teve gosto pelas letras, e um dia, lendo José Leite de Vasconcelos, descobriu que também elas tinham segurança de métodos e de conclusões. Aliando então o espírito científico ao que mais o agradava, entregou-se de corpo e alma à Filologia e à Lingüística, e produziu essa obra magnífica e *permanente*, onde todos nos abeberamos.

Era realmente admirável o conhecimento que tinha da língua, em todas as suas fases, e conhecimento *direto*, haurido da leitura dos textos. Para qualquer coisa que se perguntava tinha pronta resposta, complementada por trechos de diversos autores, citados de memória.

Muito afável no trato, era realmente um grande prazer conversá-lo.

Fica então aqui este singelo depoimento, marcado pela verdade e pela saudade.

INCURSÕES DE SOUSA DA SILVEIRA NA ROMANÍSTICA EM TORNO DE UM INÉDITO

Evanildo Bechara
UERJ

Os que estão acostumados à leitura dos textos preparados por Sousa da Silveira, ainda aqueles destinados a alunos da escola média, percebem neles a permanente preocupação de não apresentar os fatos da língua portuguesa desgarrados ou da fonte originária latina ou de suas irmãs românicas, em especial atenção ao galego, espanhol, francês e italiano.

O exaustivo estudo biobibliográfico que do nosso homenageado preparou Maximiano de Carvalho e Silva nos mostra Sousa da Silveira, no período em que permaneceu em Portugal, muito cedo atraído pela língua e pela literatura galegas, contacto proveitoso que surpreendemos em páginas de seus livros didáticos ou de pesquisas mais avançadas, comparando fatos gramaticais e léxicos desses idiomas.

Creemos que o contacto com o francês antigo – que nestahora nos interessa mais de perto – lhe foi estimulado pela convivência intelectual com M. Said Ali, seu mestre de alemão no Colégio Pedro II e depois seu colega e amigo de magistério, unidos pelo interesse comum do melhor e mais aprofundado conhecimento da língua portuguesa. Reforçado depois este contacto pelas aulas a que assistiu, ministradas por Jean Bourciez e Georges Millardet na Faculdade de Filosofia e Letras da Universidade do Distrito Federal, inaugurada em 1937.

As excelentes *Notas Soltas de Linguagem* dão-nos sobejos exemplos deste filão romanístico e, mais particularmente, desse permanente contacto com a língua francesa antiga. Um exemplo disto, entre outros, é a nota duplicada em que trata das expressões *levantar-se em pé* e *levantar-se assentado*, inserida na *Revista de Cultura*, anos de 1932 e 1933, parcialmente transcrita em *Estudos Camonianos*, p. 507-508, organizados pelo Prof. Maximiano de Carvalho e Silva (MEC, 1974).

Depois de explicar a expressão que ocorre na est. 36 do c. I de *Os Lusíadas* “De entre os deuses [Marte] *em pé se levantava*” (*Notas Soltas*, IV, nº 13),

volta ao tema em VII, nº 26: Ainda “levantar-se em pé”, segunda parte da nota, não recolhida nos citados *Estudos Camonianos*:

A nota nº 13, publicada na *Revista de Cultura*, fascículo de outubro do ano passado, ocupou-se com a expressão corrente em português antigo “*levantar-se em pé*”.

Ali me referi ao seu uso em espanhol, e dos numerosos exemplos portugueses que conheço, transcrevi apenas um de Camões e alguns de Fernão Mendes Pinto.

Teve essa nota a felicidade de agradar ao meu mestre e amigo o Sr. Said Ali, que me comunicou não só mais dois exemplos em português, mas também outros dois em francês arcaico, que eu não conhecia.

Esta visão românica, tão presente nos melhores sintaticistas e filólogos brasileiros, infelizmente vai aos poucos desaparecendo na produção de uma pujante plêiade de estudiosos modernos, entre nós.

A aptidão de nosso homenageado para incursões no campo da Romanística explica a existência do texto inédito que agora damos à luz graças a um presente que havia muito nos foi ofertado por um dos mais queridos discípulos do mestre, o Prof. Jesus Bello Galvão. Acreditamos que seja esta a oportunidade de trazê-lo ao conhecimento de quantos apreciam a figura ímpar do autor das já clássicas *Lições de Português*, bem como daqueles que estimam os estudos lingüísticos.

Trata-se de breve comentário a pequeno texto do francês arcaico publicado pelo romanista alemão Karl Bartsch na sua prestimosa *Chrestomathie de l'Ancien Français*, Leipzig, 1927, pág. 224.

Não vem indicada a edição; a que possuímos é a 12ª ed., datada de 1920, inteiramente revista e corrigida por Leo Weise. A pequenina composição anônima aparece, em nossa edição, na mesma página indicada pelo comentador, sem nenhuma alteração textual. O mesmo Bartsch a havia já publicado em obra anterior, intitulada *Altfranzösische Romanzen und Pastourellen*, Leipzig, F.C.W. Vogel, 1870, página 209, cuja lição difere em alguns pontos, sem repercussão em eventual comentário e no desenvolvimento da história; mas integra uma peça maior a que Bartsch denominou *Li lais de la pastorele*.

O ensejo da elaboração do presente comentário nasceu de circunstância fortuita. O Prof. Sousa assistia às aulas de Filologia Românica ministradas por Jean Bourciez (filho de Édouard Bourciez, autor dos excelentes *Éléments de Linguistique Romane*), professor da Faculdade de Letras da Universidade de Montpellier que, com Georges Millardet, da Sorbona, Jacques Perret e outros, veio ao Rio de Janeiro, em 1937, dar curso na recém-fundada Faculdade de Filosofia e Letras da Universidade do Distrito Federal. No *Prefácio* à 1ª edição dos *Princípios de Lingüística Geral* do saudoso Joaquim Mattoso Câmara Jr.

(Rio de Janeiro, F. Brigueit, 1942), assinalava que conhecera o nosso linguísta ao acompanharem juntos o curso de Filologia Românica a cargo de Georges Millardet, em que Mattoso estava na condição de “ouvinte inscrito” e ele “como simples curioso que aproveitava a oportunidade de assistir às lições do grande mestre francês”.

Nestas condições, estava também o Prof. Sousa, com certeza, nas aulas de Jean Bourciez. Tendo este mestre sido convidado a visitar São Paulo, coube ao nosso homenageado dar três aulas de Filologia Românica para suprir-lhe a ausência. Dessas três aulas resultou o comentário a um texto do francês antigo, composto na mesma linha em que os professores franceses os realizavam em seus cursos, já que segue o tradicional modelo usado nas atividades docentes deste gênero, onde prevalecem as notas de caráter fonológico e morfológico, com algumas digressões semânticas, especialmente no que se refere a mudanças de significado ocorridas através do tempo. A brevidade das notas, como simples auxiliar da aula, era, sem dúvida, enriquecida e complementada pela natural digressão oral – que os ouvintes iam registrando em seus apontamentos, mas que, infelizmente, não aparece no texto final, como sói acontecer nesses casos.

Escolhido o texto a ser comentado, com toda a certeza debaixo da supervisão de Bourciez, foi preparado em manuscrito e depois datilografado, merecendo este último ainda um ou outro acréscimo, com a lembrança de exemplário extraído de outras obras literárias, que não foram incorporadas à redação definitiva datilografada.

Preparado assim o comentário, foi entregue ao Prof. Jesus para que o publicasse em ocasião oportuna. No texto datilografado, por vontade do seu autor, foi eliminada a informação exarada no manuscrito, em nota de rodapé: *“Durante a visita do Professor J. Bourciez a S. Paulo, dei três lições de Filologia Românica em seu lugar. Reúno-as no presente trabalho em homenagem ao ilustre romanista”*.

Também não passou para o texto datilografado o título que rezava no manuscrito: *“Explicação de um texto de francês arcaico / no curso de Filologia Românica / Ao Prof. J. Bourciez”*.

O autógrafo e a cópia datilografada não estão datados; todavia, é fácil concluir que estes comentários foram redigidos em 1937. Por outro lado, prometidas 24 notas ao texto francês, elas ficaram na 21ª, relativa a *mais*, apenas aflorada, tanto no autógrafo quanto na parte datilográfica, o que talvez tivesse constituído o motivo de não ter sido até hoje publicado o comentário.

Acreditamos que a iniciativa de trazer à luz este inédito de Sousa da Silveira, sobre ser uma homenagem de respeito e admiração ao professor e

investigador exemplar, prestará bom serviço a professores e alunos interessados nesse gênero de estudos. Excedemo-nos na apresentação deste inédito porque julgamos que ele resgata um pouco da história da Filologia Românica no Brasil, especialmente no Rio de Janeiro, história que está por ser levantada.

Por fim, ousamos acrescentar à lição as três notas finais prometidas no comentário, completar a 21ª sobre *mais* apenas, como dissemos, afluída no autógrafo e na parte datilográfica, além de uma tradução livre do texto francês, já adiantada nas notas do Prof. Sousa. Aliás, nesses casos, a tradução livre se impõe pela própria textura dessas composições, sobre as quais disse bem Léon Clédat: “(...) sont ainsi des épisodes très simples d’histoires d’amours, racontés en quelques scènes sobrement traitées” (*La Poésie Lyrique et Satirique au Moyen Age*, Paris, s/d).

Passemos ao texto inédito tal como aparece na cópia datilografada:

Explicação de um texto de francês arcaico

Texto:

BELE¹ AELIS² PAR MATIN³ SE LEVA,⁴
 EN UN PRE⁵ JÜER⁶ ALA,⁷
 PAR DEPORT⁸ ET PAR DOUÇOUR.⁹
 LORS¹⁰ LI MENBRE¹¹ D’UNE AMOUR¹²
 5- K’ENPRISE A,¹³ SI GRANT PIECH’A.¹⁴
 EN SOUSPIRANT S’ESCRIA:¹⁵
 “DIEUS, CON VIF¹⁶ A GRANT DOULOUR,¹⁷
 QANT ON ME BAT¹⁸ NUIT ET JOUR¹⁹
 POUR CELI QUI MON CUER A!²⁰
 10- MAIS²¹ QUANT PLUS ME BATERA
 MA MERE,²² PLUS ME FERA²³
 PENSER FOLOUR.^{24”}

(*Apud*, Karl Bartsch, *Chrestomathie de l’Ancien Français*, Leipzig, 1927, pág. 224)

Comentário:

- 1- *bele* < lat. *bēlla*.
- 2- *Aelis*, nome de mulher.
- 3- *par matin* < *per mat(u)tinu*. Significa “de manhã cedo”. Cf. *Roland*, 163: “Li Emperere est *par matin* levez”; na tradução de Léon Gautier: “L’Empereur se lève de grand matin”. A forma latina *matutinu* deu ao italiano *mattino*, no feminino *mattina*. Em português há *matinas* e em francês *matines*: “Messe e *matines* ad li Reis escultet.” (*Rol.*, 164).

Em provençal, *matin*: “Cel meiro·ls saintz en tal traïn/Con fa·l venaire·ls cervs *matin*”, isto é, “Ces gens causèrent aux saints même tourment que le chasseur aux cerfs, *de bon matin*.” (Hoepffner e Alfarcic, *La Chanson de Sainte Foy*, 1926, verso 8).

O lat. *mane*, advérbio e substantivo neutro indeclinável, continuou no francês arcaico *main* ou *mains* (também advérbio e substantivo, porém masculino) e no italiano *mane*; em ambas as línguas aparece em compostos, fr. *demain* e it. *dimani* ou *domani*. Alguns exemplos de *main*:

“*Par main* en l’albe, si cum li jurz esclairet” (*Roland*, 667)
(Le matin à l’aube, sitôt que le jour point.)

“– Merci, sire, dist li vilains;
Je sui vostre homme et soir et *mains*,
Et serai tant con je vivrai,
Ne ja ne m’en repentirai.”
(*Le vilain mire*, *apud* Clédat, *Chrestom. du Moyen-Age*, Paris, Garnier Frères, s/d, pág. 231)

Do composto *demain* (< *de+mane*) fez-se o substantivo *endemain*, ‘o dia seguinte’:

“Quant il li ot presenteï, si dist au roy: “Sire, je venrai *demain* parler a vous de mes besoignes.” Quant ce vint l’*endemain*, li abbes revint”
(Joinville *apud* Clédat, *Chrest.*, 276)

“a l’*endemain*” (Froissart, *apud* Bartsch, pág. 275)

Mais tarde o artigo aglutinou-se ao antigo substantivo, dando em resultado *lendemain*, que hoje se faz preceder de novo artigo: *le lendemain*.

Outro composto de *main* era *aparmain*, ‘logo’, ‘em breve’.

Na península Ibérica o latim *mane* ficou no derivado **maneana*, donde provêm o português *manhã* e o espanhol *mañana*.

Temos, como se sabe, relacionados a *matutinu* os adjetivos *matutino* e *matinal*.

- 4- *se leva* (= se levantou). Latim *levare* > fr. *lever*.
- 5- *pre*. O neutro latino *pratum* (cf. o conhecido verso de Vergílio, *Buc.*, III, 111: “Claudite iam riuos, pueri, sat *prata* biberunt”) passou a masculino em latim vulgar: **pratus*. Daí, o caso sujeito *prez*, do nominativo *pratus*, e o caso regime *pret*, *pred*, *pre*, do acusativo *pratu(m)*. A forma *prez* corresponde também ao caso regime do plural, derivado do acusativo latino *pratos*.

Exemplo do regime singular:

“Li Emperere s’est culchiez en *pret*” (*Rol.*, 2496);

do regime plural:

“Pois, od les ewes lavat les *prez* de l’sanc” (*Rol.*, 1778).

Em português e espanhol *prado*, em italiano *prato*, em provençal *prada*. Outras línguas românicas têm representantes do latim *pratum*, o que pode ver-se no REW.

O francês *prairie* deriva-se de **prataria*, paroxítono.

- 6- *Jüer, jöer, jouer*. Do lat. **iocare*.
- 7- *ala*. O verbo *aler*, *aller*, prende-se a **alare*, de origem incerta. Alguns o tiram de “ambulare”.
- 8- *deport* e *desport*. É a palavra francesa que vai dar, por aférese, o inglês *sport*, o qual regressará ao francês como anglicismo. Para mais informações, v. Bonnaffé, *Dictionnaire Étymologique et Historique des Anglicismes*, Paris, 1920. *Par deport* = par passe-temps, zum Zeitvertreib (Bartsch).
Outra palavra francesa *tonnel, tonnelle* (mod. *tonneau*) foi para a Inglaterra e de lá voltou como anglicismo com a forma *tunnel*. Quanto a vocábulos que saem de uma língua para outra e tornam à primeira alterados na forma e no sentido, cf. o português *feitiço*, que deu em francês *fétiche*, donde temos *fetiche* e o seu derivado *fetichismo*. – Note-se que em português antigo havia *desporto* e *deporte* com o sentido de ‘divertimento’, ‘desenfadado’. V. Morais, *Dic.*, 1813. O italiano tem *diporto* com o mesmo significado.
- 9- *douçour*. Diz o *Dictionnaire Étymologique de la Langue Française* de Oscar Bloch, I, 1932, s.v. *doux*: “*Douceur*, XII^e siècle, continue le latin de basse époque *dulcor*, avec refection d’après *doux*”.
- 10- *lors, alors* < *ad+illa+hora+s* adverbial. Significa ‘então’.
- 11- *li membre*: ‘lhe lembra’.

Para o dativo feminino *li* aponta-se como étimo, de preferência ao latim clássico *illi*, o popular **illaei*, **illei*, que se costuma confrontar com o

provençal *liei* e o italiano *lei*.

O verbo *membrer* provém do latim *memorare*. Aparece, seja na forma simples, seja na composta *remembrer*, com bastante frequência. Há também o substantivo *remembrance*, digno de nota. Exemplos:

“Envers Jesum sos olz toned,
si piament lui appelled:
de me t *membres* per ta mercet,
cu tu vendras, Crist, en ton ren.”

(*La Passion du Christ*, apud Koschwitz, *Les Plus Anciens Monuments de la Langue Française Publiés pour les Cours Universitaires, Textes Critiques et Glossaire*, Leipzig, 1920, pág.24)

“De plusurs choses à *remembrer* li prist” (*Rol.*, 2377).

“Repairret lui vigur e *remembrance*.” (*Rol.*, 3614).

“Hé! Gens d’armes, aiez en *remembrance*
Vostre père,

(Eustache Deschamps, apud Clédar, *Chrestomathie du Moyen-Age*, Garnier, s/d, pág. 364).

O latim *memorare* perde o *o* antetônico e reduz-se a *mem’rare*. É sabido que o grupo *m’r* recebe um *b* epentético, isto é, *m’r* > *mbr*. De sorte que aquele verbo latino vai distribuir-se assim pelo domínio românico:

ital. *membrare*
prov. *membrar* > *nembrar*
franc. *membre*
esp. *membrar*
port. **membrar* > *nembrar* > *lembrar*

Para o italiano, v. o *Dicionário* de Petrocchi; para o provençal, v. Anglade, *Grammaire de l’Ancien Provençal*, 1921, pág. 200. No espanhol *membrar* aparece ainda em Cervantes: “Plégaos, señora, de *membraros* deste vuestro sujeto corazón, que tantas cuitas por vuestro amor padece.” (*D. Quixote*, ed. de Marín, I, pág. 72). – “Señor caballero, *miembresele* á la vuestra merced el don que me tiene prometido.” (*Ibid.*, III, pág. 107).

Quanto ao português, não se conhece texto em que apareça a forma *membrar*, mas o étimo latino e o testemunho românico obrigam-nos a admiti-la como hipotética. Dela se passa para *nembrar* por dissimilação do primeiro *m*: *m* *m* > *n* *m*, como sucedeu ao substantivo *membro*, que passou a *nembro*:

“A estadura do seu corpo era meã e bem composta de seus *nembros*.”
(Apud Dr. Leite de Vasconcelos, *Textos Arcaicos*, 3ª ed., pág. 60)

“Estando em êste aficamento qual ouvidos, os *nembros* com que haviam de ferir Ihis enfraqueciam assí que os nom podiam reger senom mui gravemente.” (*Apud* Nunes, *Crest. Arc.*, 2ª ed., pág. 49).

Exemplos de *nembrar*:

“Mas ela diss’enton: – Santa Maria, de mi non te dol,
neno teu Filho de mi non se *nembra*, como fazer sol!”

(D. Afonso o Sábio, *Cantigas de Santa Maria*, ed. de Rodrigues Lapa, 1933, pág. 10)

“Que soïdade de mha senhor hei,
quando me *nembra* d’ela qual a vi
e que me *nembra* que bem a oí
falar, ”

(D. Denis, *apud* Sousa da Silveira, *Trechos Seletos*, 2ª ed., pág. 350).

A forma atual *lembrar* provém de *nembrar*, graças à dissimilação de *n* *m* em *l* *m*, fenômeno que não é nada raro. Vejam-se, por exemplo, as seguintes palavras:

lat. <i>anima</i>	– port. e esp. <i>alma</i>
<i>astronomia</i>	– port. e prov. <i>astrolomia</i>
lat. <i>Hieronymus</i>	– ital. <i>Girolamo</i>

12- *d’une amour*. Há várias coisas que notar:

- a) o *de* tem valor restritivo; significa “a respeito de”;
- b) *amour* na idade-média era feminino, mesmo no singular;
- c) *amour* devia chegar a *ameur* por provir do latim *amōre* (cf. lat. *dolōre*, fr. mod. *douleur*); mas só aparece com a forma normal em francês antigo, e ainda assim muito raramente, e não a tem absolutamente no moderno. Atribui-se essa interrupção na evolução do vocábulo ou à influência de *amoureux* (em que o *o* longo latino por ser átono dá regularmente *ou* em francês), ou à ação do provençal. (V. Bourciez, *Phonétique Française*, 1921, pág. 97).

d) a sintaxe *li membre d’une amour*, literalmente “lhe lembra a respeito de um amor” tem alguma analogia com a da cantiga de D. Denis, citada supra: “quando me *nembra* d’ela qual a vi”. Ainda hoje dizemos, e alguns até escrevem, *não me lembra dele*: sobrevivência da velha sintaxe ou cruzamento da construção impessoal “não me lembra” com a pronominal “não me lembro de”.

13- *k’enprise a*: ‘que tomou’. O *k* = *qu*, pronome relativo, com elisão do *e* final; *enprise*, participio passado, na forma feminina, do verbo *emprenre*. Quanto à expressão *tomar amor(es)*, cf. G. Dias, *Primeiros Cantos*, 1846, pág. 180: “Nas asas breves do tempo / Um ano e outro passou, / E Lia

sempre formosa / *Novos amores tomou*”. Quanto à ordem das palavras e ao particípio forte, cf. o seguinte verso de D. Afonso o Sábio, *Cantigas de Santa Maria*, ed. de Rodrigues Lapa, pág. 60:

“alén do rio da vila, assí com’eu *aprês’ei*,
vertudes se descubriron,”.

A expressão *aprês’ei* equivale a “hei apreso”, “aprendi”, “soube”; *aprêso* é o particípio passado forte de *aprender*, cognato, pois, do francês *empris*, de *entreprendre*.

- 14- *si grant piech’a*: ‘tão grande pedaço (de tempo) há’, ‘há tanto tempo’. Cf.: “estou à sua espera, há *pedaço*”.

si, adv. < lat. *sic*.

grant < lat. *grande*. Em consequência do desaparecimento do *e*, o *d* latino tornou-se final e reforçou-se em *t*, como é a regra: lat. *tarde* > fr. arc. *tart*, lat. *subinde* > fr. *souvent*, lat. *surdu* > fr. *sourt*. O francês moderno restabeleceu o *d* latino na maior parte de tais palavras. *Grant*, no caso regime, era uniforme para ambos os gêneros. A atual forma feminina *grande* é analógica. O *t* do antigo *grant* mantém-se na ligação do moderno *grand* (masculino), embora escrito *d*: *grand homme* pronunciado “grantôm”.

A velha forma feminina *grant* (com *t* final mudo antes de consoante) embora adulterada na ortografia, que lhe põe *d* em lugar de *t* e a presenteia com um apóstrofo descabido, como se tivesse havido supressão de um *e*, conserva-se em palavras como *grand’mère*, *grand’route*.

piech’a ou *pieç’a* equivale a “il y a une pièce de temps”. Também na língua portuguesa arcaica:

“ũa *grande peça do dia*
jouv’ ali, que non falava,”

(D. Denis *apud* Nunes, *Cantigas d’Amigo*, II, 1926, pág. 3)

“Enton aquel bõo ome seve *gran peça* cuidando
de como viu este feito”.

(D. Afonso o Sábio, *Cant. de Sta. Maria*, ed. cit., pág. 66)

- 15- *souspirant* < lat. *suspirando* (gerúndio). Por desaparecimento da vogal final o *d* tornou-se final e passou regularmente a *t*, por estar depois de consoante. Cf. o que ficou dito a respeito de *grant*. Francês moderno *soupirant*.

s’escria. Composto de *crier* < *crider* < **quiritare*.

- 16- *Dieus*, com *viŕ*: ‘Deus, como vivo’.

Dieus < lat. *Deus*.

con < lat. *quomo(do)*.

vif < lat. *vivo*. Com queda do *o*, o segundo *v* tornou-se final e reforçou-se em *f*. Assim se conjugava o verbo *vivre* no presente do indicativo:

1ª	<i>vif</i>	<i>vivons</i>
2ª	<i>vis, vifs</i>	<i>vivez</i>
3ª	<i>vit</i>	<i>vivent</i>

17- *a grant doulour*: ‘com grande dor’.

a < lat. *ad*. Está indicando o sentimento com que alguém vive ou pratica um ato. Cf. *Roland*, 1787:

“L’olifant sunet à dulur e à peine.”

grant: v. supra, nº 14.

doulour (mod. *douleur*) < lat. *dolore*

18- *qant on me bat*: ‘quando me batem’.

qant < lat. *quando*. Desapareceu regularmente o elemento labial do grupo *kw*, e o *d*, tornado final em consequência da queda do *o* e estando depois de consoante, passou normalmente a *t*. A grafia moderna restabeleceu o *u* e o *d*, latinos: *quand*.

on < lat. *homo*. Do acusativo *homine* veio o arcaico *ome*, moderno *homme*. O *on* do nosso texto tem valor de indefinido, tanto que se refere, como se vê pelos versos 10 e 11, a uma mulher: a mãe de Aelis. Em português o substantivo *homem* também podia ser usado como indefinido, perdendo igualmente o seu significado primitivo e aplicando-se a mulher. No *Filodemo*, Camões põe as seguintes palavras na boca de uma mulher, Solina, que se fingiu agastada por ter de atravessar uma sala em que estava alguém:

“Sempre esta casa há-de estar
acompanhada de gente
que não possa *homem* passar”

(Pág. 56 dos *Autos* na ed. de Marques Braga)

E nos *Enfatriões*, pág. 10 da edição citada, diz também uma mulher, falando do modo como elas devem tratar certos pretendentes:

“porque o melhor destas danças
com uns vendiços assim
é trazê-los por aqui
ò cheiro das esperanças;
por viver
há-os *homem* de trazer
nos amores assi mornos

só pera ter que fazer,
e depois, ao remeter,
lançar-lhe a capa nos cornos.”

Em provençal *om* também pode ser pronome indefinido:

“Sa filla el fez tal quarniment
Q’*om* non deu far a sun parent:
Mort lo lor fez pausar all vent.”

(*La Chanson de Sainte Foy*, ed. de Hoepffner e Alfarc, tomo I,
126, pág. 329).

me < lat. *me*.

bat < lat. *batt(u)it*. Infinitivo *battre* < lat. *batt(u)ere*.

19- *nuit et jour*.

nuit < lat. *nocte*.

et < lat. *et*.

jour < *jor* < *jorn* < lat. *diurnu*.

O adjetivo *diurnu* dá ao francês *jour*, ao provençal *jorn*⁽¹⁾, ao italiano *giorno*.

O latim *dies*, passando a *dies* ou *dīa*, perdura no português e espanhol *dia*, no italiano *di*, e teve como representante em francês antigo a forma *di*, que desapareceu, salvo em compostos como *midi* e os nomes dos dias da semana: *lundi* (Lun(ae)-die), *mardi* < arc. *marsdi* (Martis-die), *mercredi* (Merc(u)ri-die), *jeudi* < arc. *juesdi* (Iovis-die), *vendredi* (Ven(e)ris-die), *samedi* (*sabati-die), *dimanche* (die-dom̃in(i)ca).

O francês *di* aparece, por ex., nos juramentos de Estrasburgo: “d’ist *di* in avant”; vemo-lo na expressão *noit e di*, análoga à do texto; nos compostos arcaicos *oidi* < *hodie die* e *toudis* (todos os dias, sempre): “Nos te laudam et *noit e di*”. (*La Passion du Christ*, verso 305, pág. 24 de *Les Plus Anciens Monuments de la Langue Française*, por Eduard Koschwitz, Leipzig, 1920).

“mais nos a dreit per colpas granz
esmes *oidi* en cest ahanz.”

(*Passion du Christ*, vv. 291 e 292)

“baisiés, baisiés moi, amis,
toudis!” (Apud Bartsch, Chrest., pág. 224)

(1) “Ja Deus nu · m laiss veder lo *jorn*
Q’ador Asclepi ne Satorn!”
(*La Chanson de Sainte Foy*, ed. cit., I, pág. 299)

No provençal também se encontra *dia*:

“Unqeg *dia* de la setmana
Diabls manbes la · us apana.”⁽²⁾
(*Chans. de S. Foy*, vv. 278 e 279)

“Queg *dia* · lz creman quains tizum.”⁽³⁾
(*Ibid.*, v. 572)

A expressão *noite e dia* (às vezes *dia e noite*) vem-nos desde a língua arcaica à de agora:

“porque metera seu siso
en a loar *noit’e dia*.”
(D. Afonso, *Cant. de Sta. Maria*, pág. 4)

“Ca tu *noit’e dia*
senpr’estás rogando
teu Filh’, ai, Maria!”
(G. Dias, *Cantos*. Leipzig, 1865, II, 180)

“Quando um objeto amado,
Quando um lugar distante,
Noite e dia,
Nos enluta e apouqenta a fantasia.”
(Id., *ibid.*, I, 194)

20- *pour celi qui mon cuer al*: ‘por causa daquele que tem o meu coração!’

pour < lat. *pro*, sob influência de *per*.

celi: caso regime do pronome (*i*)*cil* < *ecce* + *illi* por *ecce* + *ille*).

qui lat. *quī*.

mon (átono) < *meon* < *meum*.

cuer < lat. *cōr*.

a < lat. *habet*.

21- *mais* lat. *magis*.

A conjunção adversativa portuguesa teve também a forma “mais” na língua arcaica:

“Queixei-m’eu destes

**

(2) “Chaque jour de la semaine / Le diable incessamment vous apanage là.” (Tradução de Alfáric).

(3) “Chaque jour, comme des tisons, ils les brûlent.” (Alfáric).

[Adendo]

- 21- *mais*: ‘mas’. Do latim *magis* com síncope do *g* intervocálico. Para suprir várias das conjunções latinas desaparecidas na passagem para o românico, este, entre outros recursos, passou a empregar como conjunção antigos advérbios, como foi este caso do advérbio *magis*.
- 22- *mere*: ‘mãe’. O latim *matrem* para chegar ao francês *mere* (hoje grafado *mère*) apresenta as seguintes evoluções: a) o *a* tônico em sílaba tônica aberta diante de consoante oral passa a *e* aberto: *matre* → *medre* (em sílaba fechada ou travada mantém-se: *parte* → *part*); o *t* integrante de grupo consonantal intervocálico sonoriza-se (*medre*) e acaba por desaparecer (*mere*).
- 23- *fera*: ‘fará’. As formas de futuro em românico partem de um infinitivo reduzido do latim vulgar: *fare* (por *facēre*) a que se juntam as formas do presente do indicativo de *habēre*, por processo de fonética sintática. Daí *fara* (*fare* + *a*) evoluirá normalmente a *fera*, pela passagem de *a* tônico em sílaba livre ou aberta a *e* aberto, que vimos em *matre* → *medre* > *mere* (*mère*).
- 24- *folour* (também escrito *folor*); ‘loucura’, ‘imprudência louca’. Trata-se de substantivo feminino derivado de *fol* (também *fou*). O substantivo *fol* procede do latim *follis* que significava ‘fole ou saco para encher de ar’. Por uma metáfora já concretizada no latim, passou a denotar o ‘doido’, o ‘tolo’ (por ter, com certeza, a cabeça cheia de vento (cf. nossa expressão *cabeça de vento*). O português arcaico também conheceu, como o espanhol, e foi muito usado pelos trovadores galego-portugueses; pela constituição fonética do vocábulo em português e a falta de ditongação no representante espanhol *fol*, chega-se à conclusão, com Corominas, de que se trata de empréstimo ao galo-românico. Como ensina Alain Rey (*Dictionnaire Historique de la Langue Française*, tomo I, 1994, s.v.), é só no século XX que, em francês, *fou* e *folie* desaparecem do vocabulário técnico da medicina, substituídos, nos casos específicos, por *dément*, *malade mental* e *psychotique*.

Tradução livre

De manhã cedo a bela Aelis se levantou e foi ao prado brincar, para docemente espairecer. Então lhe vem à memória um amor que a tomou faz já tanto tempo. E, suspirando, exclama:

“Deus, como vivo com grande dor quando alguém (a mãe) me maltrata noite e dia, por causa daquele que tem o meu coração! Mas, quanto mais me maltratar minha mãe, mais me fará pensar nesta minha louca paixão.”

FONÉTICA SINTÁTICA

Ricardo Cavaliere
UFF

Disse, certa vez, Antonio Cândido, em comentário a *Raízes do Brasil*, de Sérgio Buarque de Holanda, que há certos livros que já nascem clássicos. Com efeito, o conceito de clássico, naquela medida da obra singular que deixa rastros na cultura bibliográfica, seja pelo ineditismo do tema, seja por seu especial tratamento, parece cair bem em certas obras recentes que logram alçar ao patamar da excelência à primeira leitura.

Essa, parece-me, a qualificação de *Fonética Sintática* em nossa historiografia gramatical. Não tanto pelo suposto ineditismo do assunto, que efetivamente não o tem, mas sim pela metodologia de apresentação e discussão dos fatos filológicos, que tão bem espelha aquela marca pedagógica que ordinariamente reside nos textos de Sousa da Silveira. Com efeito, o autor das *Lições de Português* escrevia para ensinar, e nessa tarefa tinha um peculiaríssimo dom de ordenar a matéria pelo prisma da melhor apresentação didática, que melhor servisse ao propósito do professor, ainda que tal procedimento causasse estranheza ao rigor metodológico do filólogo.

As páginas de *Fonética Sintática* têm o mérito maior de trazer ordem ao caos, de reunir e apresentar de modo sistemático um inventário diversificado de fatos lingüísticos emergentes da ligação intervocabular no discurso. Antes, a geração de gramáticos brasileiros sob influência histórico-comparativista já tratara de vários dos fatos fonológicos elencados por Sousa da Silveira, porém de forma pontual, com menção fortuita a fenômenos, ao sabor da lembrança ou da leitura ocasional.

Cite-se, a título de exemplo, o comentário de Ernesto Carneiro Ribeiro nos *Serões Gramaticais* sobre *intercalação fônica*, “figura de dicção que consiste em pôr entre dois vocábulos um elemento phonico, com o mero fim de adoçar mais a pronuncia”¹, como ocorre nas formas pronominais enclíticas a

1 RIBEIRO, Ernesto Carneiro. *Serões Grammaticaes ou Nova Grammatica Portugueza*. 2 ed. Bahia, Estabelecimento dos Dois Mundos, 1912, p. 29.

verbos terminados em *m*: *trazem-no*, *recebem-no*. O mesmo autor distingue com clareza os casos simples de prótese, em que uma vogal se incorpora ao radical da palavra — caso de *podium* > *apoio* —, da aglutinação de artigos a radicais, como em *ameaça* (de *a* + *minacia*) e em inúmeros termos advindos do árabe, em que o artigo *al* passa a integrar o radical da palavra em português: *alface*, *alecrim*, *azeite*, etc.

Eduardo Carlos Pereira, por seu turno, atesta na *Grammatica Expositiva*² casos de criação vernácula decorrentes do contato fonológico intervocabular: *lo este* > *leste*. Em 1916, José Oiticica consigna em sua memorável tese para a cátedra de Português do Colégio Pedro II a ocorrência de ditongos entre palavras, dando como exemplo a sequência *minha irmã*. Um ano antes saía a lume, por iniciativa de Cândido de Figueiredo, a edição póstuma de *A Língua Portuguesa: Dificuldades e Duvidas*³, em que Franco de Sá dá ciência sobre reunião de vogais em uma única sílaba entre palavras.

Antenor Nascentes, enfim, já nas primeiras edições de *O Idioma Nacional*⁴ tece largo comentário sobre ditongos intervocabulares (*trinta e dois* – *trinteidois*), transformação de consoantes finais em intervocálicas (*sal amargo* – *salamargo*) modificação de consoantes perante vogais (*os olhos* – *u-zó-lhux*), variação na pronúncia final de consoante em contato com outra seguinte (*luz verde* – *luj-ver-di*; *luz trêmula* – *lux-trê-mu-la*) e casos análogos de fonética sintática.

Coube, portanto, a *Fonética Sintática* conferir foro próprio a todos esses fatos da língua em nossa bibliografia gramatical. Já aqui me referi ao traço didático da obra, que salta à vista pela ordem sequencial que vai do mais simples para o mais complexo, em acurada co-referência. Recordo-me de certa vez haver-me dito o Prof. Mauro Baltazar, antigo colega de docência no Colégio Militar do Rio de Janeiro, que os livros didáticos mais úteis eram os escritos por quem já embranquecera os cabelos em sala de aula. Isso porque são obras em que o fato lingüístico não vem numa ordem ortodoxa e previsível, própria de quem toca a questão pelo prisma do sistema gramatical, mas em reordenação própria, que a longa experiência pedagógica revelou ser mais conveniente.

2 PEREIRA, Eduardo Carlos. *Grammatica Expositiva, curso superior*. 44 ed. São Paulo, Companhia Editora nacional, s/d.

3 SÁ, Fillipe Franco de. Franco de. *A Língua Portuguesa: Dificuldades e Duvidas*. Maranhão, Imprensa Oficial, 1915.

4 NASCENTES, Antenor. *O Idioma Nacional*. 3 ed. Rio de Janeiro, Livraria Acadêmica, 1960.

Algumas críticas, entretanto, tenho ouvido a respeito do pequeno volume de Sousa da Silveira, uma das quais atinge diretamente o título, supostamente incompatível com o tema desenvolvido. A ressalva, aqui, seria de que os fatos que o autor arrola sob a rubrica *fonética sintática* nada têm de sintáticos, donde a inadequação do termo. Em outras palavras, fenômenos como a elisão e a haplogia intervocabular seriam pura e simplesmente fatos da fonética, que em nada se aproximariam da relação funcional de termos na sentença. Semelhante ressalva, a rigor, revela uma leitura tendenciosa, incapaz de vincular a obra ao cenário científico que lhe deu vazo.

Com efeito, a geração de Sousa da Silveira cresceu com pelo menos dois conceitos de sintaxe: a *sintaxe lexical* ou *relacional*, que, nas palavras de Julio Ribeiro, “considera as palavras como relacionadas umas com outras na construção de sentenças”⁵, e a *sintaxe lógica* ou *fraseológica*, que “considera as sentenças no que diz respeito à sua estrutura, quer sejam ellas simples quer sejam ellas compostas”⁶. Essa divisão bidimensional, reconheça-se, não trilhou caminho sereno sequer entre os filólogos da gramática científica⁷ brasileira, muitos dos quais não admitiam outra definição de sintaxe que não a de relação – melhor seria *inter-relação* – entre as palavras na frase. Nessa linha, como bem assevera Eduardo Carlos Pereira, “todos os phenomenos syntacticos quer referentes á palavra (lexico), quer referentes á proposição, teem o mesmo caracter logico ou relacional”, de que resulta admitir-se uma única sintaxe que, a título de mera metodologia de estudo, poderia ser subdividida em *sintaxe da proposição simples* e *sintaxe da proposição composta*. Preservava-se, assim, a idéia essencial de relação, seja entre palavras, seja entre cláusulas.

Ambas as visões, afinal, ajustam-se bem ao modelo de investigação da língua vigente na geração de Sousa da Silveira, que tomava a palavra com ponto de partida, elemento unitário em todos os níveis de análise gramatical. Assim, se a fonética analisava a palavra e seus sons constituintes, se a morfologia a dissecava em seus constituintes orgânicos, se a taxinomia e a ptoseonomia a descreviam, respectivamente, em sua tipologia e flexões, cabia à sintaxe estudá-la em suas relações dentro da frase. A sintaxe, pois, dita *lexical*, circunscrevia-se ao “estudo das palavras combinadas para a expressão do pensamento”⁸.

5 RIBEIRO, Julio. *Grammatica Portugueza*. 10 ed. Rio de Janeiro, Livraria Francisco Alves & C., 1911, p. 224.

6 Id. *ibid.*, p. 229.

7 Por *gramática científica* designo o período de nossa historiografia gramatical iniciado em 1881, com Julio Ribeiro, cujas bases, sob influência predominante da gramática histórico-comparativa, vigoriam até a terceira década do século XX.

8 PEREIRA, Eduardo Carlos. *op. cit.*, p. 4

Reside nesse modelo de investigação conceito bastante distante da sintagmática saussurreana, que viria a disseminar-se lentamente entre nós a partir do final da década de vinte, cujas bases se assentam na ordem das palavras como entidade abstrata, não obstante “deva sua existência às unidades concretas que a integram e que correm em uma só dimensão”⁹. Mais distantes ainda situam-se outros conceitos de sintaxe, que nos ofereceu a lingüística do século XX, em que a noção de constituinte ou sintagma alçou a nível de abstração absoluta, sem qualquer vínculo necessário com o segmento material do vocábulo.

Creio, pois, que os críticos do termo *fonética sintática* não percebem, ou relutam em perceber, que o adjetivo *sintática* não vai além da mera relação lexical. Não havia intenção, seja em Sousa da Silveira, seja em outros filólogos afeitos a este designativo, de referir a aspectos da língua a um tempo fonéticos e sintáticos, porém simplesmente àqueles emanantes do contato direto entre as palavras *inter-relacionadas* na sentença. Nesse caso, não há como impor-lhe restrição, pois, efetivamente eclodem desta relação intervocabular os fatos fonológicos que lhe servem de objeto.

Não se pode negar, entretanto, que o termo *fonética sintática* pouca preferência desfrutava fora dos volumes de línguas vernáculas, ou mesmo das gramáticas históricas. Na lingüística geral, observa-se maior presença do termo *sândi* (*shandi*)¹⁰, originário do sânscrito, que significa literalmente “colocar junto, reunir”¹¹. Mais abrangente, o *sândi* designa os fenômenos decorrentes do contato entre fonemas no tanto no interior – *sândi interno* – quanto no exterior da palavra – *sândi externo*. A preferência por *sândi*, decerto, decorre da controversa aplicação do termo fonética sintática para designar fatos meramente fonológicos, mas, em termos concretos, a escolha de um desses designativos em detrimento do outro não resulta em qualquer proveito especial.

O *sândi externo*, efetivamente, parece ser daqueles fenômenos a que a lingüística contemporânea vem denominando “universais lingüísticos”¹², isto

9 SAUSSURE, Ferdinand de. *Curso de Lingüística Geral*. Buenos Aires, Editorial Losada S.A., Tradução de Amado Alonso, 1945.

10 Cito, à guisa de mera exemplificação, TROUBETZKOY, N. S. *Principes de phonologie*. Paris, Edition Klincksieck, 1986, p. 339 e MALBERG, Bertil. *Manuel de phonétique générale*. Paris, Éditions Picard, 1974. Maurice Grammont (*Traité de phonétique*. Paris, Librairie Delagrave, 1971), no entanto, prefere o termo *phonétique syntactique*.

11 ELIA, Sílvia. Dicionário gramatical português. In: *Dicionário Gramatical*. 3 ed. Editora Globo, 1962.

12 Não se dá aqui ao termo “universais lingüísticos” o conceito estrito que tem na gramática gerativa, já que, nesse modelo de investigação da língua, o componente fonológico não é parte integrante da gramática.

é, fatos da gramática presentes em todas as língua conhecidas. Seus efeitos **concretos**, evidentemente, são atinentes aos sistemas fonológicos de cada língua em si, ou seja, uma consoante surda final (dez /deys/), que certamente se sonoriza perante vogal inicial em português (dez amigos /deyzamigus/), não será necessariamente objeto da mesma alteração em todas as línguas, ainda que em situação análoga.

Em português, o sândi externo também foi tocado de perto por Mattoso Câmara na tese *Para o Estudo da Fonêmica Portuguesa*, sobretudo na teoria do vocábulo fonológico. O próprio Mattoso, sublinhe-se, que na nota prévia da 2.^a edição de sua tese ressen-te-se da pouca importância que os estudiosos brasileiros e portugueses da década de 40 davam à fonologia (em suas palavras, *fonêmica*), reconhece em Sousa da Silveira ¹³ o mérito de ser um dos precursores no tratamento das alterações vocálicas em ambiente intervocabular, mormente nas seqüências de monossílabos átonos terminados em vogais /e/ ou /o/, que sofrem alteração respectivamente para /i/ e /u/ em posição proclítica.

Ao asseverar que as vogais finais de monossílabos átonos, quando perante outro vocábulo (como, por exemplo, na expressão *de tarde*), manifestam-se como verdadeiras vogais em final de palavra – não como vogais de sílaba inicial – Mattoso adverte:

Esta circunstância torna-se fonemicamente apreciável, quando se compara o funcionamento de uma partícula proclítica com uma sílaba homófona de prefixo ou radical átono (grupo 2) de vogal *e* ou *o*. Enquanto no prefixo ou no radical átono temos /e/ ou /o/, o monossílabo proclítico só apresenta /i/ ou /u/ do grupo reduzido de três vogais. Hajam vista – *de pôr* /dipor'/ e *depor* /depor'/ *do mar* /dumar'/, e *domar* /domar'/, bem como *se senta* /sisẽ'ta/, e *sessenta* /sesẽ'ta/, *se tenta* /sitẽ'ta/ e *setenta* /setẽ'ta/, que não escaparam à observação de Sousa da Silveira, embora à luz da fonética naturalística, ou /olávu/ *Olavo* e /ulávu/ *o lavo*.¹⁴

Em termos sintéticos, Mattoso, não obstante utilize a hipótese do **vocábulo fonológico** em seu estudo descritivo, reconhece haver marcas de **pronúncia aparentemente impostas** por uma consciência morfológica da palavra no **falante**. A respeito, Sousa da Silveira assume na *Advertência* inicial de *Fonética Sintática* uma postura de maior cautela em face do então polêmico tema:

Muito de indústria deixo de tratar do problema da existência fonética da palavra, convencido, como estou, de que, ainda que pusesse em prova tôda a

13 Mattoso refere-se às *Lições de Português*, já que o volume *Fonética Sintática* veio a lume apenas em 1952.

14 CAMARA JR., Joaquim Mattoso. *Para o Estudo da Fonêmica Portuguesa*. 2 ed. Rio de Janeiro, Padrão, 1977, p. 65.

minha boa vontade e todo o esforço de que sou capaz, não lhe alcançaria nenhuma solução satisfatória.

À vista disso, prefiro colocar-me num ponto de vista mais seguro e mais prático: baseio-me na consciência, que todos nós, de certa altura, temos *atualmente*, de que a língua possui palavras, e que é com essas palavras, escolhidas e dispostas convenientemente, que formamos o discurso por meio do qual nos comunicamos verbalmente com os nossos semelhantes.¹⁵

A advertência de Sousa da Silveira é procedente. Afinal, se admitirmos, com Mattoso Camara, que “a verdadeira marca da delimitação vocabular é a pauta prosódica”¹⁶, de tal sorte que termos proclíticos com grau médio de atonicidade sejam interpretados fonologicamente como sílabas iniciais – *o livro* /u’livru/, *se fala* /si’fala/ –, evidentemente muitos dos fatos que Sousa da Silveira descreveu como típicos da fonética sintática, ou do sândi externo, passariam necessariamente a ser entendidos como fatos do sândi interno. Conclui-se, pois, que ao escrever *Fonética Sintática*, Sousa da Silveira optou por um conceito de palavra à época mais solidificado, de caráter formal, sem contudo desqualificar as novas teorias fonológicas emergentes.

Não escapa ao leitor atento a preferência de Sousa da Silveira pelos estudos diacrônicos. Essa tendência, herdada à lingüística histórico-comparativa do século XIX, que norteou a maioria dos estudos filológicos brasileiros até a metade do século XX, não pode ser interpretada como desinteresse do mestre das *Lições de Português* pelos fatos lingüísticos atuais. O que se observa não é uma abordagem diacrônica do fato fonológico, mas, a rigor, uma abordagem do fato atual com fulcro na mudança lingüística, na pesquisa dos fatores históricos que contribuíram para a ocorrência do fato presente. Uma coisa é produzir texto científico de descrição eminentemente diacrônica; outra é usar os estudos diacrônicos para esclarecer fato atual.

Vários seriam os exemplos dessa metodologia que poderíamos transcrever. Cite-se, à guisa de mera exemplificação, a referência à “expressão trivial em nossa língua falada ‘ele ê vem’, resultante de ‘êle ei vem’, graças à redução a simples vogal *e* fechado do ditongo *ei*”¹⁷. Segundo Sousa da Silveira, a posição proclítica do dissílabo *ái* em “Ele *ái* vem” fez atenuar a acentuação do *i*, de que resulta um *ai* átono, sujeito a assimilação regressiva em que o *a* passa a *e*, fato usual na fonologia diacrônica portuguesa (cf. *primariu* > *primeiro*):

15 SILVEIRA, A. F. Sousa da. *Fonética Sintática*. Rio de Janeiro, Fundação Getúlio Vargas, 1971.

16 CÂMARA JR., Joaquim Mattoso. *Problemas de Lingüística Descritiva*. 6 ed. Petrópolis, Editora vozes, 1973, p. 36. Saliente-se que este conceito de vocábulo fonológico já se fazia perceber na tese de 1949.

17 SILVEIRA, A. F. Sousa da. op. cit., p. 52

ele aí vem > ele ai vem > ele ei vem > ele e vem. Outra prova que a fertilíssima pesquisa de Sousa da Silveira oferece-nos sobre o enfraquecimento silábico de dissílabos proclíticos está no adjetivo *boa*, reduzido a *ba* em expressões como “bas tarde”. Aqui, Silveira arrola a um tempo exemplos quinhentistas – retirados das *Obras*, de Francisco de Sá Miranda e dos *Poemas Lusitanos*, de Antonio Ferreira Castro – com outros contemporâneos, retirados de *Meu Sertão*, de Catulo da Paixão Cearense e *Violeiros do Norte*, de Leonardo Mota.

O que se verifica, pois, é um rotineiro caminhar pelas sendas do tempo, mediante consulta aos textos de toda época, em prol do ofício maior de deslindar os fatos gramaticais, tarefa essa que só se pode exigir de quem conhece intimamente todo o percurso da produção literária de sua língua. São estas idas e vindas no túnel do tempo que permitem a Sousa da Silveira citar com a mesma elegante simplicidade nomes como João de Barros e Martins Pena, Manuel Bernardes e Carlos Drummond de Andrade, Afonso X e Ribeiro Couto.

Em suma, *Fonética Sintática* mantém hoje o mesmo perfil de obra singular com que veio a lume em 1952. Sustenta, após aproximadamente meio século de vida, a mesma feição peculiar que a fez tão receptiva em nossos estudos gramaticais. Sua missão não está cumprida, visto que se renova com as repetidas gerações de leitores, e parece que, nesse mister, cumprirá missão infindável, enquanto houver quem se interesse pelos fatos da linguagem humana.

AS EDIÇÕES DA
ARTE DA GRAMMATICA DA LINGUA PORTUGUEZA
DE ANTÔNIO JOSÉ DOS REIS LOBATO

Carlos da Costa Assunção
Univ. Trás-os-Montes e Alto Douro

0. Introdução

Este pequeno trabalho visa a divulgação das edições da primeira gramática que, de forma continuada e sistemática, serviu para a escolarização do português, em nível oficial. Antes, porém, faremos algumas considerações sobre o texto gramatical e que nos parecem, a todos os títulos, pertinentes, pois revelam-se atuais.

A Gramática de Lobato, a nosso ver, é relevante porque o autor faz a apologia da gramática em geral e do ensino da língua portuguesa em particular. Lobato defende a aprendizagem da gramática da língua portuguesa, lembrando que já os antigos Romanos ensinavam a gramática da língua latina, o que se traduzia em falar a língua com correção por um lado e em perceberem o seu funcionamento e o funcionamento das línguas estrangeiras por outro, estando assim os alunos melhor preparados para aprenderem com muita facilidade qualquer outra língua. Assim, a gramática da língua materna será a base de suporte para a aprendizagem de qualquer língua, opinião já defendida por Amaro de Robredo (Reis Lobato, 1770, p.IX).

Lobato pugna pela criação de escolas onde se fale e aprenda a língua portuguesa, lembrando, a propósito, que o mesmo já tinha sido defendido por João de Barros, Amaro de Robredo, Contador de Argote e Antônio Félix Mendes: «E a lingua materna se ha primeiro ensinar per arte aos meninos. Para o que fora de muita importancia crear-se huma Cadeira ao menos nas Cortes e Universidades... Saberão os principiantes per arte em poucos annos, e melhor a lingua materna, que sem arte sabem mal per muitos annos com pouca certeza a poder de muito ouvir, e repetir... e serão mais certos, e apontados no que fallão, e escrevem. Terão mais copia de palavras e usarão dellas com mais propriedade. Porque per falta de regras, ainda nas Cortes e Universidades, se fallão e escrevem palavras necessitadas de emenda. Saberão per regra de compor, e derivar, ampliar a lingua materna e ajuntar-lhe palavras externas com

soffrivel corrupção e formar outras, para que com menos rodeios se possam explicar os conceitos, e as sciencias, quando na materna se queirão explicar» (*Idem*, pp. X-XI). O gramático considera ser tarefa árdua, pois, na escola portuguesa de então, «os Mestres das escolas de ler de ordinario não tem instrucção necessaria para ensinarem a fallar, e escrever a lingua portugueza por principios» (*Ibidem*). Esta falta de preparação é preocupante, pois os defeitos e os vícios aprendidos na tenra idade difficilmente se perdem. Neste sentido, Lobato advoga a criação de escolas e essencialmente o recrutamento de professores que tivessem perfeito conhecimento dos princípios da língua materna, uma vez que só estes seriam capazes «de illustrar aquelles tenros engenhos sepultados nas sombras da ignorancia natural» (*Idem*, p. XI). A aprendizagem decorreria de uma forma fácil: os alunos leriam «hum autor de historia Portugueza de frase pura, e facil» a que seguiria uma reflexão sobre o funcionamento da língua onde vissem praticadas e explicadas as regras. Esta forma de ensinar permitiria à criança não só aprender a língua materna como também ficar com cultura da História de Portugal que, aperfeiçoadas na adolescência, permitiriam ao país ficar com «sujeitos capazes para exercerem os officios publicos de escrever nos Auditorios, Tribunaes e Secretarias, sem a imperfeição de fallarem, e escreverem a lingua portugueza com erros, que commummente se notão nos que servem os sobreditos empregos» (*Ibidem*, p. XIII). Para o autor, este estado caótico da aprendizagem da língua materna radica no desprezo pelo ensino da gramática vernácula e naqueles que consideram supérfluo o seu ensino e só com a criação de novas escolas, com novos professores, é possível dar o salto qualitativo.

Terminada esta pequena nota ilustrativa do valor e atualidade da gramática de Reis Lobato, forneceremos aos leitores os dados biográficos, a data da primeira edição da obra e a descrição de todas as edições, por nós compiladas, num total de quarenta, para que, a partir destes dados, mais se investigue e escreva sobre esta obra.

1. Dados Pessoais

Sobre a vida de Antônio José dos Reis Lobato, nada se sabe até ao momento. Encontramos em Inocêncio Silva¹ alguns dados, em Leite de Vasconcelos apenas um indício² e um outro em Telmo Verdelho “Antônio José dos Reis Lobato (1721-1803)”³ sobre a vida deste tão ilustre e tão desconhecido gramático.

1 Cf. Inocêncio Silva, *Diccionario Bibliographico Portuguez*, Imprensa Nacional, Lisboa, 1873, vol. I, p. 175.

2 Cf. J. Leite de Vasconcelos, *Opúsculo IV*, Imprensa da Universidade, Coimbra, 1929, p. 867.

3 Cf. Telmo Verdelho, *As Origens da Gramaticografia e da Lexicografia Latino-Portuguesas*, INIC, Aveiro, 1995, p. 21.

Inocêncio Silva, na obra citada, afirma “Ainda ignoro a sua naturalidade e nascimento, bem como a data precisa do seu óbito. Pude apenas colligir que falecera nos primeiros annos do corrente seculo, havendo quasi a certeza de que era já morto em 1804”. Afirma ter sido cavaleiro da Ordem de Cristo e bacharel, provavelmente em Leis, pela Universidade de Coimbra⁴. Não diz onde falecera e não tem a certeza do ano da morte.

José Leite de Vasconcelos na obra referenciada dá-nos uma indicação temporal que se nos afigura como relevante: “REIS LOBATO (1721) foi em gramática um instrumento do Marquês de Pombal”⁵.

Tomando a data de 1721, como a data de nascimento, partimos para a pesquisa biográfica do autor em estudo. Deslocamo-nos, primeiramente, ao Arquivo da Universidade de Coimbra e depois de uma leitura atenta e demorada dos livros de matrículas de Leis e Cânones a partir de 1730, dado que tomamos como provável a data de 1721 para o seu nascimento, não encontramos nenhuma matrícula com o nome de Antônio José dos Reis Lobato; encontramos uma matrícula com o nome de Antônio José Lobato, natural de Abrantes e Bacharel em 1736, em cânones; uma outra com o nome de Antônio José dos Reis, natural de Arrifana do Sousa, bacharel em cânones, em 1736, tendo concluído a formatura em 1737; uma outra com o nome de Antônio José dos Reis, natural de Lavarrabos (hoje Ceoga do Campo) – Coimbra, com bacharelato em Leis concluído em 1762; por último encontramos uma matrícula correspondente ao nome Antônio José dos Reis, natural de Lisboa, tendo concluído o Bacharelato em cânones em 1752.

De todas estas hipóteses de investigação aquela que mereceu mais atenção da nossa parte foi esta última porque correspondia de alguma forma à data de nascimento levantada por Leite de Vasconcelos.

Partimos para a Torre do Tombo e investigamos os registos de nascimento de todas as freguesias de Lisboa, com enfoque especial em 1721, mas não descurando outras datas e por isso fizemos pesquisa de 1715 a 1728. Das doze freguesias de Lisboa de então: Anjos, Benfica, Conceição Nova, Pena, Salvados, St^a Engrácia, St^a Justa, St^a Maria dos Olivais, Santos-o-Velho, Socorro, S. Sebastião de Pedreira e Sé⁶, nada encontramos sobre o nascimento de Antônio José dos Reis Lobato.

4 Cf. Inocêncio Silva, *O.C.*, p. 175.

5 Cf. J. Leite de Vasconcelos, *O.C.*, p. 867.

6 Cf. Arquivo Nacional da Torre do Tombo, Livros nº 5 - caixa 3; nº 2 - caixa 2; nº 5 - caixa 5; nº 8 - caixa 2; nº 1 - caixa 2; nº 5 - caixa 4; nº 11 - caixa 3; nº 12 - caixa 4 e nº 13 - caixa 4; nº 7 - caixa 2; nº 3 - caixa 2; nº 9 - caixa 3.

Ainda na Torre do Tombo, e seguindo a indicação dada por Inocêncio Silva, procuramos nos livros da Ordem de Cristo e nada encontramos, o mesmo acontecendo na consulta feita do Livro das Mercês e das Chancelarias Régias de D. João V e D. José e no livro de matrículas da Universidade – Mesa da Consciência e Ordens – Universidade de Coimbra⁷.

Depois de concluída toda esta pesquisa, ficamos perplexos e sem saber o que fazer. Duas hipóteses tiveram de ser ponderadas; a primeira seria de continuar a pesquisa por tempo indeterminado, o que poderia levar meses ou anos e o trabalho não avançaria; a segunda seria a de omitir, porque não conhecidos, os dados biográficos e partir para a elaboração do texto. Optamos pela segunda, deixando no entanto três hipóteses que poderão ser plausíveis:

- 1- A existência de Reis Lobato, sem que tenhamos descortinado, até ao momento, qualquer dado objetivo que nos prove tal.
- 2- Admitir que o nome Antônio José dos Reis Lobato seja um pseudônimo, o que era muito vulgar fazer-se na época;
- 3- Ser Antônio José dos Reis Lobato, uma criação pombalina, hipótese menos provável. Lembremos a este propósito que nas “Instruções para Professores da lingua Latina, Grega e Hebraica”⁸. Pombal assina o seu nome, quando sabemos que a autoria desse texto não lhe pertence, mas sim aos Oratorianos, como aliás provou Banha de Andrade⁹; poderá ter acontecido o mesmo com a autoria da Gramática. Esta hipótese, embora seja a menos provável, poderá ser reforçada com o fato de os três *Elogios*, dedicados ao Marquês de Pombal e não um como referencia Inocêncio Silva¹⁰, estarem na linha dos oratorianos, apologistas cegos do Marquês de Pombal.

7 Cf. Arquivo Nacional da Torre do Tombo, Real Mesa Censória, Maço 5, Caixa 127.

8 *Introcçoens para os professores de grammatica latina, grega, hebraica, e de rethorica, Ordenadas e mandadas publicar por El Rey nosso Senhor, para o uso das Escolas novamente fundadas nestes Reinos, e seus Dominios*, impresso em Lisboa, na Offic. de Miguel Rodrigues, Impressor do Eminentissimo Senhor Cardial Patriarca, Lisboa, 1959.

9 Cf. J.A. Banha de Andrade – *A Reforma Pombalina dos Estudos Secundários (1759-1791)* - Contribuição para a História da Pedagogia em Portugal, 2 vols., Universidade de Coimbra, 1981, p. 71-80.

10 Cf. Inocêncio Pinho, *O.C.*, p. 915.

2. As Edições

2.1. Siglas

Para identificarmos as edições escolhemos as siglas:

Edições	Editoras
A- para a edição de 1770	<i>Regia Officina Typografica, Lisboa</i>
B- para a edição de 1771	<i>Regia Officina Typografica, Lisboa</i>
C- para a edição de 1788	<i>Impressão Regia, Lisboa</i>
D- para a edição de 1797	<i>Regia Officina Typografica, Lisboa</i>
E- para a edição de 1802	<i>Regia Officina Typografica, Lisboa</i>
F- para a edição de 1805	<i>Impressão Regia, Lisboa</i>
G- para a edição de 1805	<i>Impressão Regia, Lisboa</i>
H- para a edição de 1807	<i>Impressão Regia, Lisboa</i>
I- para a edição de 1812	<i>Impressão Regia, Lisboa</i>
J- para a edição de 1812	<i>Impressão Regia, Lisboa</i>
K- para a edição de 1814	<i>Nova Officina da Viuva Neves, e Filhos, Lisboa</i>
L- para a edição de 1815	<i>Nova Officina da Viuva Neves, e Filhos, Lisboa</i>
M- para a edição de 1816	<i>Officina de Simão Thaddeo Ferreira, Lisboa</i>
N- para a edição de 1817	<i>Nova Impressão da Viuva Neves, e Filhos, Lisboa</i>
O- para a edição de 1822	<i>Officina de Simão Thaddeo Ferreira, Lisboa</i>
P- para a edição de 1823	<i>Impressão de Alcobia, Lisboa</i>
Q- para a edição de 1824	<i>Impressão de Alcobia, Lisboa</i>
R- para a edição de 1824	<i>Typografia Rollandiana, Lisboa</i>
S- para a edição de 1825	<i>Typografia de M.P. de Lacerda Lisboa</i>
T- para a edição de 1826	<i>Officina de Simão Thaddeo Ferreira, Lisboa</i>
U- para a edição de 1827	<i>Officina de Simão Thaddeo Ferreira, Lisboa</i>
V- para a edição de 1829	<i>Impressão de João Nunes Esteves, Lisboa</i>
W- para a edição de 1830	<i>Typografia Imperial e Nacional, Rio de Janeiro</i>
X- para a edição de 1831	<i>Typographia de Bulhões, Lisboa</i>
Y- para a edição de 1837	<i>Typographia Rollandiana, Lisboa</i>
Z- para a edição de 1837	<i>Livraria Portuguesa de J.- P. Aillaud, Paris</i>
α- para a edição de 1838	<i>Typographia Antonio Lima de Oliveira, Lisboa</i>
β- para a edição de 1840	<i>Typographia de Mathias José Marques da Silva, Lisboa</i>
γ- para a edição de 1841	<i>Typographia Rollandiana, Lisboa</i>
δ- para a edição de 1841	<i>Typographia Rollandiana, Lisboa</i>
ε- para a edição de 1842	<i>Typographia de S.J.R. da Silva & Comp.^a, Lisboa</i>
ζ- para a edição de 1848	<i>Typographia Jose Baptista Morando, Lisboa</i>

Edições

η- para a edição de 1849

θ- para a edição de 1850

ι- para a edição de 1852

κ- para a edição de 1866

λ- para a edição de 1866

μ- para a edição de 1869

ν- para a edição sem data
da B.P.Évoraξ- para a edição sem data
da B.N.Lisboa**Editoras***Typographia Rollandiana, Lisboa**Typographia de Mathias José Marques da Silva,
Lisboa**Typographia Jose Baptista Morando, Lisboa**Typographia doUltramar, Margão**Imprensa Nacional, Lisboa**Typographia doUltramar, Margão**Officina de Antonio Rodrigues**Galhardo, Lisboa**Typographia de S.J.R. da
Silva, Lisboa***2.2. A Primeira Edição**

Muitos foram os requerimentos à Real Mesa Censória¹¹ para obtenção de licença de impressão. Os mais importantes são os documentos de 1768 e 1770 da Torre do Tombo, mas que não têm requerimento ou petição do autor.

11 Requerimentos para obtenção de licença de Impressão.

Data	Nome	Caixa
1768 v.d. anexos I.22.		
1770 Agosto	- Frei Joaquim de Santa Anna e Silva	182
1780 Agosto	- Licença de impressão assinada por P.Figueiredo	43
1802 Fev. 16	- Administrador da Imprensa Régia	43
1803 Jan. 10	- Administrador da Imprensa Régia	47
1803 Maio 7	- Antônio Alvares Ribeiro	47
1803 Set. 26	- A. Manuel Policarpo da Silva	47
1812 Maio 30	- João Francisco da Silva	72
1813 Maio 5	- João Francisco da Silva	74
1814 Fev. 5	- Manuel Gomes de Faria	78
1814 Jan. 24	- Henrique José Pereira	76
1814 Junho 18	- João Henriques	77
1814 Nov. 17	- Feliciano de Sousa Correia	76
1814 Nov. 28	- Francisco Antônio Figueiredo	76
1815 Maio 19	- João Henriques	79
Junho 16		
1816 Agosto 13	- Antônio Henriques de Mattos	82
1816 Jan. 13	- João Henriques	83/82
1816 Março 28	- Joaquim José de Matos	83/82
1817 Jan. 27	- Antônio Henriques de Matos	84
1824 Set. 23	- Antônio Henriques de Mattos	94
1825 Março 1,8,11	- Antônio Henriques de Matos	95

No ano de 1770 saiu impressa, em Lisboa, pela 1ª vez a “*ARTE DA GRAMMATICA DA LINGUA PORTUGUEZA COMPOSTA, E OFFERECIDA AO ILLMO E EXC. MO SENHOR SEBASTIÃO JOSÉ DE CARVALHO E MELLO MARQUEZ DE POMBAL Ministro e Secretario de Estado de Sua Magestade Fidelissima da Repartição dos Negocios do Reino, Alcaide Mór da Cidade de Lamego, e Senhor Donatario das Villas de Oeyras, Pombal, Carvalho, e Cercosa, e dos Reguengos, e Direitos Reaes da de Oeyras, e de Aper’de Oeyras, Comendador das Commendas de Santa Marinha de Mata de Lobos, e de S.Miguel das tres Minas na Ordem de Christo, &c*”¹² Pelo Bacharel Antônio José dos Reis Lobato, na Regia officina tipografica, com licenças de Real Meza Censoria datadas de 1768 e 1770.

Desde há muito tempo que esta data é posta em causa. Inocência Silva não aceita o ano de 1770 como data da primeira edição da Gramática de Reis Lobato e acrescenta que Jerônimo Soares Barbosa na introdução da sua obra *As duas Linguas, ou Grammatica Philosophica da Lingua portugueza*¹³ comparada com a latina, diz que a “primeira edição da Grammatica de Lobato é de 1770, e que fora mandada adoptar nas escolas, encarregando o ensino d’ella aos professores, que já ensinavam a grammatica latina: isto por causa de um alvará datado de 30 de Setembro de 1770, passado pela consulta da Real Meza Censoria”¹⁴. O mesmo Soares Barbosa na introdução da *Grammatica Philosophica da Lingua Portugueza*¹⁵ indica como data da primeira edição o anno de 1761; no entanto, na mesma obra, 2ª edição, página XIV, o mesmo autor afirma ser a 1ª edição de 1770 e na 5ª edição da mesma obra, página XII, aponta como data 1771, embora, na página XIV, referencie o alvará de publicação datado de 30 de Setembro de 1770. Inocência Silva, a nosso ver, tendo nas mãos estes dados, principalmente o Alvará de 1770, deveria ter aceite o

12 Cf. Antônio J.R. Lobato, *Arte da Grammatica da Lingua Portugueza*, Frontispício da edição de 1770.

13 Jeronymo Soares Barbosa, *As duas linguas, ou Grammatica philosophica da lingua portugueza comparada com a latina, para ambas se aprenderam ao mesmo tempo*, Coimbra, na Imp. da Universidade (sem data no frontispicio, mas é de 1807). 8º de xvi - 174 p. – só com o título: *Grammatica philosophica da lingua portugueza comparada com a latina, para ambas se aprenderam ao mesmo tempo*, s/d.

14 Cf. Inocência Silva, *Diccionario Bibliographico*, vol. I, p. 175.

15 Jeronymo Soares Barbosa: *Grammatica Philosophica da Lingua Portugueza ou Principios da Grammatica Geral applicados á Nossa Linguagem*. – Publicada de ordem da Academia Real das Sciencias. – Lisboa, na Typ. da mesma Acad., 1822. 4º Segunda edição, Ibi, 1830. xix - 458 pags. 4º - 3ª edição, 1862, xv - 347 pags, 22,5 cm. – 4ª. edição, 1866 – 5ª. edição, 1871 – 6ª edição, 1875 – 7ª edição, 1881, xvi - 320 pags Vd. art. no Dic. - N.B.: vd. Francisco Solano Constancio.

ano de 1770 como o da 1ª edição e não afirmar categoricamente que essa edição era de 1771, porque não conhece outra anterior. Com efeito se a sua investigação se limitou à Biblioteca Nacional estaria certo, uma vez que a edição mais antiga que lá se encontra tem essa data. Também na citada ficha biobibliográfica dá conta de apenas um Elogio, também de autoria de Reis Lobato; igualmente aqui errou porque existem três, conforme veremos no decorrer deste trabalho.

Ainda hoje as informações sobre a data de publicação não são suficientemente esclarecedoras e para isso basta dar como exemplo os pedidos de impressão à Real Mesa Censória, um datado de 1768 e outro de 1770, ambos autorizados. Afirmamos, no entanto, com a pesquisa realizada, que a 1ª edição é a de 1770 porque a autorização de impressão é de 1768, mas a sua conclusão só é em 1770, pois o Marquês só em 3 de Agosto de 1770 pede parecer à Real Mesa Censória. O parecer é dado por Fr. Joaquim de Santa Ana e Silva em 13 e 17 de Agosto, sendo a consulta da Mesa Censória em 27 de Agosto, com a assinatura do Rei em 11 de Setembro de 1770 que manda elaborar um Alvará, em conformidade com a Real Mesa Censória, em 30 de Setembro de 1770 e que é publicado em 9 de Outubro de 1770, dizendo que esta obra foi mandada adotar nas escolas*.

As edições/reimpressões posteriores são numerosíssimas e é difícil, diremos mesmo impossível, como, aliás, já Inocêncio Silva e Pedro Machado o afirmaram, nas obras acima referidas, dizer categoricamente quais as edições e quais as impressões e isto porque os editores portugueses do século XVIII e XIX não pensavam nos trabalhos bibliográficos, encontrando, nós, nestes séculos, exemplos de autênticas charadas bibliográficas, de que esta Gramática é exemplo cabal. Na verdade das quarenta edições/impressões que possuímos, cerca de um terço traz indicações sobre a edição ou impressão, algumas nada mencionam e outras, a maioria, trazem a referência de “nova edição”, com a indicação da data, que nos parece ser o caminho mais fácil, dada a quase anarquia existente, e mais cômodo para os editores, apesar de muito complicado para quem necessita de investigar a bibliografia de determinado autor. Com efeito, uma obra que esteve um século no ensino da língua materna merecia ter tido melhor tratamento por parte dos editores.

* **EU ELREY.** Faço saber aos que este Alvará virem, que em Consulta da Real Meza Censoria me foi presente, que sendo a correcção das linguas nacionaes hum dos objectos mais attendiveis para a cultura dos povos civilizados, por dependem della a clareza, a energia, e a magestade, com que devem estabelecer as Leis, persuadir a verdade da Releição, e fazer uteis, e agradaveis os Escritos. Sendo pelo contrario a barbaridade das linguas a que manifesta a ignorancia das nações; e não havendo meio, que mais possa contribuir para polir, e aperfeiçoar qualquer Idioma, e desterrar d'elle esta rudez, do que a applicação da mocidade ao estudo da Grammatica da sua propria lingua; porque sabendo-a por principios, e não por mero instinto, e habito, se costuma a fallar, e escrever com poureza, evitando aquelles erros, que tanto desfigurão a nobreza dos pensamentos, e vem a adquirir-se com maior facilidade, e sem perda de tempo a perfeita intelligencia de outras differentes linguas; pois que tendo todas principios communs, acharão nellas os principiantes menos que estudar todos os rudimentos, que levarem sabidos na materna; de sorte que o referido methodo, e espirito da educação foi capaz de elevar as linguas Gregas e Romanas ao grão de gosto, e perfeição, em que se virão nos formosos seculos de Athenas, e Roma, e que bem testemunhão as excellentes, e inimitaveis obras, que delles ainda nos restão: Conformando-me Eu com o exemplo destas, e de outras nações illuminadas, e desejando, quanto em Mim he, adiantar a cultura da ligua Portugueza nestes Meus Reinos, e Dominios, para que nelles possa haver Vassallos uteis ao Estado: Sou servido ordenar, que os Mestres da lingua Latina, quando receberem nas suas Classes os discipulos para lha ensinarem, os instruaõ previamente por tempo de seis mezes, se tantos forem necessarios para a instrução dos Alumnos, na Grammatica Portugueza, composta por Antonio José dos Reis Lobato, e por Mim approvada para o uso das ditas Classes, pelo methodo, clareza, e boa ordem, com que he feita. E por quanto Me constou, que nas Escolas de ler, e escrever se pratica até agora a lição dos processos litigiosos, e sentenças, que sómente servem de consumir o tempo, e de costumar a mocidade ao orgulho, e enleios do foro: Hei por bem abolir para sempre hum abuso tão prejudicial: E Mando, que em lugar dos ditos processos, e sentenças se ensine aos meninos por impressos, ou manuscritos de differente natureza, especialmente pelo Cathecismo pequeno do Bispo de Montpellier Carlos Joaquim Colbert, mandado traduzir pelo Arcebispo de Evora para instrução dos seus Diocesanos, para que por elle vão tambem apprendendo os principios de Religião, em que os Mestres os deve instruir com especial cuidado, e preferêcia a outro qualquer estudo. E se cumprirá tão inteiramente como nelle se contém, sem duvida, ou embargo algum. Pelo que Mando á Real Meza Censoria, Meza do Desembargo do Paço, Director Geral dos Estudos, Senado da Camara, e a todos os Desembargadores, Corregedores. Provedores, Juizes, e mais pessoas destes Meus Reinos, e Dominios o cumprão, e guardem, e fação inteiramente cumprir, e guardar este Meu Alvará com inviolavel observancia, e registar em todos os livros das Camaras das suas respectivas Jurisdicções. E ao Doutor João Pacheco Pereira do Meu Conselho, Desembargador do Paço, que serve de Chanceller Mór destes Reinos, Mando que o faça publicar na Chancelleria, registando-se em todos os lugares, que são do costume, e mandando-se o Original para a Torre do Tombo. Dado no Palacio de N. Senhora da Ajuda aos trinta de Setembro de Mil setecentos e setenta.

REY.¹⁶

2.3. Descrição das edições

A primeira edição A, saiu, como afirmamos, em 1770, apesar de não ter a indicação de ser a primeira; com o formato de 15cm x 10cm, comum a todas as outras, tem o frontispício preenchido com uma longa dedicatória ao Marquês de Pombal, a que se segue uma página com uma citação latina, três, com uma carta nuncupatória ao ministro do reino, doze páginas de introdução, duzentas e cinquenta e três de texto e tem notas de pé de página, embora em número reduzido, na parte do corpo da Grammatica.

A segunda edição B, é de 1771, embora não apresente qualquer referência ao número de edição, no frontispício. Difere da primeira apenas no número de páginas da introdução e do texto gramatical, respectivamente trinta e uma e duzentas e vinte e nove e uma de errata; apresenta muitas notas de pé de página ao longo de todo o texto.

A edição C, de 1788, com a nota de segunda impressão, de Lisboa, tem 1 pág. com uma citação latina e o preço, 2 com a Carta, 31 para a Introdução e não 27 como afirma José Pedro Machado¹⁷, 229 para o texto e uma com uma poesia latina sobre gramática de autoria de Antônio Félix Mendes¹⁸. Não apresenta diferenças de texto.

A edição D, de 1797, quarta impressão, de Lisboa, tem 1 pág. com a citação latina e o preço, 2 da carta, 31 de Introdução e não 27 como afirma José Pedro Machado¹⁹, 229 de texto e 1 com o poema latino. Não apresenta diferenças de texto.

17 Cf. José Pedro Machado, *Bibliografia Filológica Portuguesa*, Centro de Estudos Filológicos, Lisboa, 1939, fichas 695-697.

18 A propósito de Antônio Felix Mendes veja-se Araujo, Domingos de: *Grammatica latina, novamente ordenada e convertida em portuguez*. - Lisboa, por Pedro Craesbeeck, 1627. 8º. - Parece que saiu uma reimpressão em 1727 (Vd.) - Sahiu reformada e accrescentada por Antonio Felix Mendes, com a seguinte indicação: Mendes, Antonio Felix : *Grammatica latina do bacharel Domingos de Araujo, reformada, accrescentada, e reduzida a methodo mais facil com a clareza que basta para que em menos de um anno se aprenda por ella, etc.* - Lisboa, Por Manuel Fernandes da Costa, 1737. 8º. - Ibi, por Pedro Ferreira, 1749. 8º e depois repetida várias vezes, até á ultima de que tenho conhecimento, a qual sahiu com o titulo *Grammatica da lingua latina, reformada e accrescentada por Antonio Felix Mendes para uso das escholas d'este reino e conquistas. Novamente correcta e accrescentada n'esta edição*. - Lisboa, na Imp. de Alcobia, 1815. 8º de 101 p. - Esta grammatica foi mandada adoptar em todas as escholas por decreto de 18 de Junho de 1759, para substituir os livros elementares que os Jesuitas haviam introduzido no ensino da sobredita lingua. - (Nota: vol 8, p114 - O sr. F.X. Bertrand affirmou que a primeira edição sahira com o titulo: *Grammatica portugueza da lingua latina, para uso dos cavalheiros e nobres, etc.* - Lisboa, em a nova Offic. Almeidaiana, 1741. 8º. (S.B.L. dá mais estas anotações: *Arte de Grammatica* - Lisboa, 1749), e *Instrução de Estudantes Grammaticos*. -este manusc.

19 Cf. José Pedro Machado, *O.C.*, id, *ibidem*.

A edição *E*, de 1802, que serviu de base para a edição crítica, tem a nota de quinta impressão e é constituída por 1 pág. com a citação latina, 2 com a carta, 31 de introdução, 229 de texto gramatical e 1 com o poema latino. Não apresenta diferenças de texto relativamente às anteriores.

A edição *F*, datada de 1805, impressa em Lisboa com a nota de sétima impressão, tem 2 páginas para a carta, 31 de Introdução, 229 de texto e uma página com o poema. Não apresenta diferenças no texto gramatical, em relação às anteriores.

Existe outra edição, *G*, datada de 1805 que difere desta apenas no número de páginas da Introdução, apresentando 24 páginas. Não difere das anteriores. Deve ser considerada a sexta impressão.

A “oitava impressão”, *H*, é de 1807, de Lisboa e apresenta 2 pág. de carta, 31 de Introdução, 229 de texto e uma para a poesia, não apresentando diferenças em relação às anteriores.

A edição *I*, de 1912, décima impressão “cuidadosamente” corrigida dos erros das anteriores, é constituída por 1 pág. com a citação latina 4 com o Alvará e a Licença, 2 com a carta, 35 de Introdução, 229 de texto, 1 com o poema latino, 7 com o Índice. Não apresenta diferenças no corpo gramatical em relação às anteriores edições.

A edição *J*, de 1812, com a anotação de Décima Impressão (deve haver erro; esta é a nona), é igual à outra edição, tendo esta a mais uma gravura com uma citação latina na contra capa.

A edição *K*, de 1814, com a indicação de duodécima impressão, “cuidadosamente corrigida dos erros das anteriores”, impressa em Lisboa, apresenta-se com 1 pág. ocupada pela citação latina, 4 pelo Alvará e Licenças, duas pela carta, 32 pela Introdução, 229 pelo texto, 1 com o poema latino e 5 pelo Índice.

A de 1815, *L*, de Lisboa, com a indicação de “Décima Quarta Impressão”, apresenta-se com 1 página de citação latina, 4 de Alvará e Licenças, 2 de carta, 32 de Introdução, 229 de texto, 1 com o poema latino e 5 de Índice. Não apresenta, em relação às anteriores, diferenças.

A de 1816, *M*, de Lisboa, com a indicação de “Décima Quarta Impressão” (deve ser considerada a décima quinta impressão), apresenta-se “cuidadosamente corrigida dos erros das anteriores”, com 1 página de citação latina, 4 de Alvará e Licenças, 2 de carta, 32 de Introdução, 229 de texto, 1 com o poema latino e 5 de Índice. Não apresenta, em relação às anteriores, diferenças.

A edição *N*, de 1817, de Lisboa, apresenta-se como “Decima Sexta Impressão cuidadosamente corrigida dos erros das anteriores”, com 1 página de

citação, 4 de Alvará e Licenças, 2 de carta, 32 de Introdução, 229 de texto, 5 de Índice e 1 com o poema latino. Não apresenta diferenças em relação às edições anteriores.

A de 1822, *O*, com a indicação de última impressão, apresenta-se com 1 pág. de citação, 2 de carta, 31 de Introdução, 229 de texto, 1 com o poema latino e 6 de Índice. Não apresenta diferenças em relação às edições anteriores.

Na edição *P*, de 1823, de Lisboa, com a nota de “decima impressão, (não é a décima impressão, apenas é igual) cuidadosamente corrigida dos erros das anteriores”, aparecem-nos 1 página para a citação latina, 4 para Alvará e Licenças, 2 para a carta, 229 para o texto e 2 para o poema latino. Não apresenta diferenças em relação às anteriores.

A de 1824, *Q*, de Lisboa, “augmentada com a parte d’orthografia, por José Joaquim Bordalo”²⁰, apresenta-se com 1 pág. de citação latina, 4 de Alvará e Licenças, 2 de carta, 177 de texto, 1 com o poema latino e 48 com o tratado de ortografia de José Joaquim Bordalo.

A outra de 1824, *R*, de Lisboa, com a indicação de nova edição tem 1 página com a citação latina, 4 páginas de Alvará, 2 com a carta, 32 de Introdução, 229 de texto, 5 de Índice e 1 com o poema latino.

20 Cf. Inocêncio Silva, *O.C.*, vol. IV, p. 383, “JOSÉ JOAQUIM BORDALO, Professor de instrução primária em Lisboa durante muitos annos. N. em Elvas em 1773, e m. em Lisboa a 19 de Abril de 1856. - De seus filhos, todos do mesmo apellido (José Maria, Luís Maria e Francisco Maria) se faz menção no presente *Diccionario* em artigos especiaes. - E.

3652) *Jesualdo: tragedia composta em versos portuguezes, louvada na Academia Real das Sciencias no anno de 1798*. Lisboa, na Offic. de Simão Thaddeo Ferreira 1801. 8.º de 78 p. - Ibi, na Imp. de Alcobia 1821. 8º de 64 p.

3653) *Amisade, rectidão e constancia. Comedia em verso dramático*. Lisboa, na imp. de Alcobia 1822. 8º de 94 p.

3654) *A protecção de Venus: fato historico dedicado a anniversar o jubiloso dia da restauração de Portugal em 15 de Setembro de 1808. Drama original em verso*. Lisboa, Typ. de Luís Corrêa da Cunha 1851. 8º gr. de 22 p.

3655) *Collecção de cinco novellas, em cada uma das quaes se não admite uma letra vogal*. Lisboa, 8º tem sido por mais de uma vez reimpressas. - vej. a este respeito o *Diccionario*, no tomo I nº A, 40.

3656) *Collecção de novas cartas alphabeticas, e vocabularios para guia completa dos meninos e meninas etc*. Lisboa, 1851. 8º de 32 p. - A idade de 78 annos que contava ao dar á luz este escripto. devia talvez inspirar a seu respeito mais alguma contemplação aos censores, que tão violentamente o aggrederam em um artigo critico, aliás chistoso, que se lê na semana, tomo II, de p. 260 a 262.

Publicou ainda varias farças em prosa, e algumas obras miudas para uso das escholae, de que omitto a enumeração por não tê-las presentes.”

A edição de 1825, *S*, com a nota de nova impressão, apresenta-se “cuidadosamente emendada dos erros das anteriores e acrescentada com hum Índice”, com 4 páginas de Alvará e Licenças, 2 para a carta, 32 de Introdução, 229 de texto gramatical, 5 para o Índice e 1 para o poema. Não apresenta diferenças em relação às anteriores.

A edição *T*, de 1826, de Lisboa, com a nota de décima quinta impressão, “cuidadosamente emendada dos erros das anteriores”, (é a reprodução da décima quinta impressão) não apresenta diferenças no corpo da gramática relativamente à edição anterior. É constituída por 1 página com a citação latina, por 4 pág. de Alvará e Licenças, por 2 de carta, por 32 de Introdução, por 229 de texto, 1 com o poema latino e 5 de Índice.

A edição *U*, de 1827, com a nota de “cuidadosamente corrigida dos erros das anteriores”, (é a reprodução da décima sexta impressão) com a indicação de décima sexta impressão, editada em Lisboa, tem 1 página com a citação de latina, 4 com o Alvará e as Licenças, 2 para a carta, 32 para a Introdução, 229 para o texto, 5 para o Índice e 1 para o poema latino. Não apresenta diferenças no texto gramatical.

A décima quarta edição, *V*, com a data de 1829, apresenta-se como a “Decima quarta impressão cuidadosamente corrigida dos erros das anteriores”, impressa em Lisboa, com 4 páginas para o Alvará e Licenças, 2 para a carta, XXXII para a Introdução, 230 de texto gramatical e 4 de Índice. Não apresenta diferenças em relação às anteriores.

A edição *W*, de 1830, com a nota de última impressão e reimpressão no Rio de Janeiro, apresenta-se com uma página de citação latina, 29 de Introdução e 295 de texto. Este não difere do das edições anteriores.

A edição *X*, de 1831, de Lisboa, é constituída por 1 citação latina, 4 páginas de Alvará e Licenças, 2 de carta, 32 de Introdução, 229 de texto, 5 de Índice e 32 com *Resumo Orthographico*, ou *Regras Geraes de Orthographia da Lingua Portuguesa*, de Joaquim José Appolinario²¹. Não apresenta diferenças em relação às anteriores.

A de 1837, *Y*, edição de Lisboa, com a nota de nova edição apresenta 1 página com a citação latina, 4 com o Alvará e Licenças, 2 com a carta, 32 de Introdução, 224 de texto gramatical, 5 de Índice, 1 com o poema latino e 4

21 Cf. Inocêncio Silva, *O.C.*, vol. XII, p. 74, “JOAQUIM JOSÉ APOLLINARIO, cujas circunstancias pessoais ignoro. - E.

7188) *Resumo orthographico, ou regras geraes de orthographia da lingua portugueza para uso dos meninos*. Lisboa, na Typ de R. J. de Carvalho, 1826. 8º de 48 p. - Ibi, na Typ. de Bulhões, 1831. 8º de 32 p.

páginas com bibliografia de índole diversa. Não apresenta diferenças no texto gramatical.

A edição Z, de 1837, de Paris, apresenta-se como 1ª edição de Paris “augmentada com a Arte Metrica Portuguesa de P. José Vicente Gomes de Moura²²”, sendo constituída por 2 pág. de carta, 27 de Introdução, 184 de texto, 1 com o poema latino, 8 páginas de Apêndice sobre a arte métrica portuguesa, e 4 de Índice. Não apresenta diferenças no texto gramatical relativamente às edições portuguesas.

22 Cf. Inocêncio Silva, *O.C.*, vol. V, p. 153-154, “P. JOSÉ VICENTE GOMES DE MOURA, Presbytero secular, n. na freguezia de Mouronho, concelho de Coja, a 22 de Dezembro de 1769. Foi Professor das Linguas Latina e grega, e de Historia no Real Collegio das Artes da Universidade de Coimbra. onde exerceu o magisterio desde o anno de 1803 até o de 1834, em que foi demittido por motivos politicos, sendo-o juntamente dos cargos de Diretor da Imprensa da Universidade, e de Membro da Junta da Diretoria dos Estudos. Ao fim de cinco annos foi-lhe conferida a jubilação por carta regia de 14 de Agosto de 1839, e em 1842 nomeado Vigario geral, Coadjutor e futuro successor do bispo de Viseu. Não acceitou estas dignidades. M. na sua casa perto de Coimbra a 2 de Março de 1854. - vej. para a sua biographia a *Memoria sobre a vida e escriptos de rev.do Sr. José Vicente Gomes de Moura*, pelo sr. dr. Rodrigues de Gusmão, e tambem a *Revista Litteraria* do Porto, tomo X, p. 104, e p. 345.

As obras impressas do P. Moura são:

4974) *Taboas de declinação e conjugação para aprender as linguas hespanhola, italiana e francesa, comparando-as com a portugueza*. Coimbra, na Imp. da Univ. 1824. 4º.

4975) *Noticia succinta dos monumentos da lingua latina, e dos subsidios necessarios para o estudo da mesma*. Coimbra, na Imp. da Univ. 1823. 4º de VIII (numeradas) - 460 p., em que se comprehendem o indice e lista dos assignantes. As p. III a VI que comprehendem a dedicatoria com o titulo: Michaeli, optimo Ioannis VI. et Carolæ filio, Summa Lusitanarum copiarum Duci, et Patriæ Statori: Epinicium, em 64 versos, faltam em muitos exemplares, dos quaes foram posteriormente arrancadas.

«Obra preciosa (diz o Sr. Rivara, nas notas á primeira parte das reflexões sobre a lingua portugueza de Francisco José Freire), que apenas anda nas mãos de alguns curiosos, mas que desejariamos fosse lida e meditada por todos os que se dedicam ao estudo das letras».

A edição que foi feita á custa do autor, parece achar-se esgotada. Tenho visto vender alguns exemplares de 800 a 900 réis.

Compendio de grammatica latina e portugueza. Coimbra, na Imp. da Univ. 1829. 8º gr. - Sem o nome do autor. Reimprimiu-se depois varias vezes com a declaração do seu nome, e d'ella tenho a *quarta edição*, ibi, na mesma Imp. 1844. 8º gr. de VIII-274 p. Creio que a última é de 1854.

Veja-se a respeito desta obra a *Revista Universal Lisbonense*, tomo VII, pagina 342.

4977) *Diccionario Greco-latino*. Coimbra, na mesma Imp. 1855. 4º 2º tomos.

4978) *Canção á acclamação de S.M.F. o sr. D. João VI.* - Sahiu impressa a p. 19 e seguintes de um opusculo em latim, do mesmo autor, cujo titulo diz: *In faustissimam adclamationem Joannis VI. Uniti Regni Portugalie et Brasiliæ et Algarbiorum Regis Fidelissimi*, etc. etc. *Carmina*. Conimbricæ, Typis Acad. 1819. 8º gr. de 60 p.

No Jornal de Coimbra vem insertas algumas poesias latinas, nos nos LXXII, LXXXVI, LXXXVII E LXXXVIII.

São tambem por elle coordenadas as *Selecta e veteribus Scriptoribus loca*, impressas em Coimbra, 1821. 1829, e 1847-1848; 2 tomos: - *Selecta ad usum Scholarum Rhetoricas*, ibi, 1828, etc.”

A edição α , de 1838, com a nota de Nova edição, não difere das anteriores no texto gramatical e é constituída por 1 página com a citação latina, 4 com o Alvará e as Licenças, 2 com a carta, 32 de Introdução, 229 de texto, 5 de Índice e 1 com o poema latino.

A edição β , de 1840, tem a indicação de Nova Edição e é constituída por 1 página com a citação latina, 4 de Alvará e Licenças, 2 de carta, 256 de Texto, 5 de Índice e 2 de catálogo. Não tem Introdução mas não difere no corpo gramatical das edições anteriores.

A edição γ , de 1841, com nota de Nova edição, apresenta 4 páginas para o Alvará e Licenças, 2 para a carta, 32 de Introdução e 229 de texto. Não apresenta Índice, nem poema e não difere das anteriores nem traz qualquer nota sobre atualização ortográfica.

A de 1841, δ , com a anotação de Nova edição, impressa em Lisboa, apresenta-se com 229 páginas de texto, 5 de Índice, 1 de poema, com um anexo “Rudimentos da Orthografia Portuguesa” de Álvaro Ferreira de Vera²³ de 51 pág., 1 de Índice do tratado e 2 de Catálogo bibliográfico.

A edição ϵ , de 1842, Impressa em Lisboa, apresenta-se “Emendada dos erros” de natureza ortográfica e aumentada com o tratado da ortografia de José Joaquim Bordalo²⁴, tem uma página de apologia da obra, 123 de texto, e 10 do tratado de ortografia, já impresso na edição de 1824, mas mais simplificado. Não apresenta diferenças em relação às anteriores.

A edição ζ , de 1848, apresenta-se como Nova Edição, impressa em Lisboa, tem 4 páginas de Alvará e Licenças, 2 de carta, 32 de Introdução, 229 de

23 Cf. Inocêncio Silva, *O.C.*, vol. I, p. 46-47, “ÁLVARO FERREIRA DE VERA, cuja profissão e estado não indicam claramente os nossos bibliographos, que d'elle tractaram. Apenas se sabe (por elle o dizer) que fôra natural de Lisboa; e passando de Portugal para Hespanha, assentou sua residencia em Madrid. Lá estava em 1640, e se conservou nos annos seguintes, continuando a reconhecer Philippe IV como seu rei, não obstante achar-se acclamado e governando em Portugal o Duque de Bragança. Barbosa dá a entender que elle falecera em 1645, mas é inexacto; pois consta com certeza que ainda vivia em 1647. - E.

As obras d'este auctor são estimadas e pouco communs. Ambas as referidas, isto é, *a Origem da Nobreza e a Orthographia*, andas ás vezes encadernadas em um único volume, o qual sendo bem tractado se vende de 960 a 1:440 reis, e até 1:920 réis, havendo exemplo de um vendido por 2:400 réis.

Na Bibliotheca Real de Madrid existem, ou existiam (conforme o testemunho de Ferreira Gordo, *Mem de Litter. da Acad. R. das Sc.*, tomo III, p. 29) varios escriptos genealogicos d'este auctor, cujos titulos se apontam. V. tambem a *Bibl.* de Barbosa no que diz respeito a obras ineditas, e a outras compostas em castelhano.”

24 Cf. Inocêncio Silva, *O.C.*, vol. IV, p. 383.

Por se tratar de um resumo do texto inserido na edição *Q* de 1824 e nada apresentar de novo não constará dos anexos.

texto, 1 de poesia, 5 de Índice e 4 de uma listagem bibliográfica constituída por obras de índole diversa. Não apresenta diferenças em relação às anteriores.

A de 1849, η , com a indicação de Nova Edição, impressa em Lisboa, apresenta-se com 229 páginas de texto, 6 de Índice, 1 com o poema latino, com um anexo de 51 páginas de tratado de ortografia de Álvaro Ferreira de Vera, 1 com o Índice do tratado e 4 de catálogo bibliográfico. Não aparece a indicação deste tratado na folha de rosto. Não apresenta diferenças em relação às anteriores e é igual à outra edição de 1849, apenas diferindo no tamanho da letra.

A edição θ , de 1850, apresentada como Nova Edição, impressa em Lisboa, tem 4 páginas para Alvará e Licença, 2 para a carta, 256 de texto, 5 de Índice, 1 poesia e 2 de catálogo. Apesar do texto gramatical ter mais páginas não tem alterações em relação aos anteriores; é meramente uma questão tipográfica.

A edição ι , de 1852, com a indicação de Nova Edição, impressa em Lisboa, á constituída por 229 páginas de texto, e com o poema latino e 5 com o Índice. O texto gramatical não difere do das edições anteriores.

A edição κ , de 1866, de Margão, typografia do ultramar, “seguida de um Appendix de noções indispensáveis a esta grammatica”²⁵, é constituída pelo texto de 177 páginas e por um aditamento de 17 páginas (encontra-se incompleto), constituído por questões gramaticais sobre o texto com respectivas respostas. Não difere do das edições anteriores. Não tem Introdução, nem carta, nem alvará.

A edição λ , de 1866, de Lisboa, Imprensa Nacional, apresenta-se “segundo a edição feita em Lisboa em 1848” tem 2 páginas de Alvará, 182 de texto, 1 de poesia e 4 de Índice. Se a compararmos com a de 1848 não apresenta licenças, Introdução e listagem bibliográfica; o texto gramatical é o mesmo diferindo apenas a sua configuração tipográfica.

A edição μ , de 1869, apresenta-se “notavelmente melhorada e augmentada nas notas”, impressa em Margão, não tem Introdução mas numa Advertência de 2 páginas, onde afirma ser esta gramática “a melhor de todas d’entre as que tem até hoje saído à luz para uso das escolas, e por isso é ella adoptada em quasi todas ellas”, com 152 páginas de texto. Difere de todas as

25 Cf. Inocêncio Silva, *O.C.*, vol. X, p. 285, “JOÃO JOSÉ DA GRAÇA JÚNIOR ...-E.

6182) *Novo methodo para aprender inglez pelo systema de Ollendorff, adaptado aos portuguezes. Obra calculada para aprender este idioma em menos de seis mezes. Primeira parte.* Hangra do Heroísmo, na typ. da terceira, 1863. 8º gr. de VI-166 p. - Parece que não chegou a sair a segunda parte.”

anteriores porque apresenta notas de pé de página com questões sobre o texto gramatical com dois objetivos, explicar o texto propriamente dito e favorecer a memorização do mesmo. Apresenta simplificadas as notas comuns às edições anteriores.

Edições sem data

Edição feita entre 1812 e 1813, v, porque apresenta a indicação de undécima impressão, é constituída por 1 pág. com a citação latina, 4 com o Alvará e as Licenças, 2 de carta, 35 de Introdução, 229 de texto, 1 com o poema latino e sete com o Índice. Não apresenta alterações em relação às edições anteriores.

Aparece uma edição sem data, ξ, (é a décima terceira edição) mas que é de 1814-1815, pois é uma reprodução da duodécima. A única diferença reside no fato desta edição não ser datada.

O SUFIXO -ACO² EM PORTUGUÊS (ESTUDO HISTÓRICO-ETIMOLÓGICO)

Antônio Geraldo da Cunha
Fundação Casa de Rui Barbosa
UERJ

I. Etimologia e história

O suf. port. *-aco*² (f. *-aca*²) [= cast., it. *-aco* (f. *-aca*) = fr. *-aque* (≥ ing. *-ac*) < lat. *-ācus -āca -ācum* (≤ gr. *-ākós -ākē' -ākón*)] ocorre em alguns adjetivos (eruditos, em sua maioria, e quase todos substantiváveis), com as noções de 'natural, proveniente, próprio de' 'relativo, pertinente a'.

1. Indica a relação íntima e essencial entre um gentílico (adjetivo e / ou adjetivo substantivado) e o geônimo que lhe deu origem:

austriaco *adj.sm.* 'relativo à, ou natural da Áustria' | 1594 (cf. MS⁶) | < *Áustr'ia* + *-(i)aco*.

bosníaco *adj.sm.* 'relativo à, ou natural da Bósnia' '(Hist) soldado mercenário que servia em tropas irregulares nos antigos exércitos europeus, recrutado entre os habitantes da Bósnia' | 1826 (cf. IELP) | < fr. *bosniaque* < serv. -cr. *bòšnják* (< *Bosna*).

corintíaco *adj.sm.* 'relativo a, ou natural de Corinto, na Grécia' | *corinthiaco* 1899 CF | < lat. *corinthiācus* < gr. *korinthiakós* (< *Korinthía*).

egipcíaco *adj.sm.* 'relativo ao, ou natural do Egito' | (*Santa Maria*) *egypciaca* 1593 Pavei 168 [refira-se, a propósito, a existência de uma *Vida de Santa Maria Egipcíaca*, redigida em português, no séc. XIV, e conservada em um manuscrito do séc. XV (cf. IVPM)] | < lat. *aegyptiācus* < gr. *aigyptiakós* (< *Aigypptos*).

helespontíaco *adj.sm.* 'relativo ao, ou natural do Helesponto, antigo nome do estreito dos Dardanelos' | *hellespontiac* 1899 CF | < lat. *Hellespontiācus* < gr. *hellēspontiakós* (< *hellē'spontos*).

ilíaco² *adj.sm.* 'relativo a, ou natural de Tróia, troiano' | 1664 (cf. MS⁶) | < lat. *iliācus* < gr. *iliakós* (< *Ílion* 'Tróia').

lesbíaco *adj.sm.* ‘relativo à, ou natural da ilha de Lesbos, no mar Egeu’ | 1873 DV | < lat. *lesbiācus*.

nilíaco *adj.sm.* ‘relativo ao rio Nilo’ ‘natural ou habitante das margens do Nilo’ | 1899 CF | < lat. *niliācus* (< *Nīlus*).

siríaco *adj.sm.* ‘relativo à, ou natural da Síria’ | *syriaco* 1874 DV | < lat. *syriācus* < gr. *syriakós* (< *Syría*).

2. Designando o substantivo de base um órgão (ou qualquer parte do corpo humano ou dos animais), o adjetivo derivado expressa uma relação qualquer com esse órgão; o substantivo derivado pode referir-se a uma doença desse órgão, ou ao indivíduo que é portador dessa doença:

cardíaco *adj.sm.* ‘relativo ao coração’ | *a*1536 G.Vic. 420*b*12 | ‘indivíduo que sofre do coração’ ‘cardiopata’ | 1813 MS² | < lat. *cardiācus* ‘que sofre do estômago ou do coração’ < gr. *kardiakós* ‘id.’ (*kardía* ‘parte superior do estômago’ ‘coração’).

celíaco *adj.sm.* ‘relativo aos intestinos’ ‘indivíduo que sofre de cólica intestinal’ | 1695 (cf. MS⁶) | < lat. *coeliācus* ‘id.’ < gr. *koiliakós* ‘id.’ (< *koilía* ‘cavidade abdominal, intestinos, estômago’).

cordíaca *sf.* ‘doença no coração do cavalo’ | 1678 (cf. MS⁶) | < lat. med. *cordiāca*, f. de *cordiācus*, refeito sob o lat. *cor cordis* ‘coração’.

hipocondríaco *adj.sm.* ‘relativo à hipocondria’ ‘indivíduo que sofre de hipocondria’ | *hypocondriaco* 1813 MS² | < lat. *hypochondriācus* < gr. *hypochondriakós* (< *hypochóndria*).

maníaco *adj.sm.* ‘relativo a mania(s)’ ‘indivíduo que sofre de mania(s), que é excêntrico, extravagante, louco’ | 1552 FCastH III. xxvii.63 | < fr. *manique* < lat. tardio *maniācus* < gr. *maniakós* (< *manía*).

3. Indica uma relação qualquer entre a idéia expressa pelo substantivo de base e o adjetivo (quase sempre substantivável) que dele se deriva:

afrodisíaco *adj.sm.* ‘relativo à afrodísia’ ‘excitante dos apetites sexuais’ | 1813 MS² | < fr. *aphrodisiaque* < gr. *aphrodisiakós* ‘prazeres do amor’ < *Aphroditē* ‘Afrodite, a deusa do amor na mitologia grega’.

ambrosíaco *adj.* ‘relativo à ambrosia’ ‘saboroso, delicioso’ | 1836 SC | < fr. *ambrosiaque* (< *ambrosie*, forma antiga de *ambroise*, + *-aque*).

amoníaco *adj.sm.* ‘relativo ao sal amoníaco, quimicamente cloreto de amônio, de fórmula NH₄Cl’ ‘relativo à goma amoníaca, também chamada goma de Amon, espécie de resina de cheiro peculiar, extraída de uma planta

da família das umbelíferas (*Dorema ammoniacum*) ‘amônia’ | *ammoniaco* sXV (cf. IVPM) — *ammoniaco* 1695 (cf. MS⁵) | < lat. *ammōniācus* < gr. *ammōniakós* ‘do país de Amon, da Líbia’ (< *Ámmōn* ‘epíteto de Júpiter’); o amoníaco foi assim denominado pelos gregos por ser recolhido perto do templo de Júpiter Amon, na Líbia.

demoníaco *adj.* ‘relativo ao demônio’ ‘diabólico’ | a1710 (cf. MS⁵) | < lat. *daemoniācus* (< *daemonium* ‘demônio’).

elegíaco *adj.* ‘relativo à elegia’ | sXVII (cf. MS⁵) | < lat. *elegiācus* < gr. *elegeiakós* (< *elegeia* ‘elegia’).

genetlíaco *adj.sm.* ‘relativo ao nascimento’ ‘indivíduo que prevê o futuro do recém-nascido pela observação dos astros’ | 1726 (cf. MS⁵) | < lat. *genethliācus* < gr. *genethliakós* (< *genéthlia* ‘festa de aniversário’ ≤ *genéthlē* ‘data de nascimento’).

helíaco *adj.* ‘relativo ao sol’ | 1624 (cf. MS⁵) | < lat. *tardio hēliācus* < gr. *hēliakós* (< *hēlios* ‘sol’).

ilíaco¹ *adj.sm.* ‘relativo à bacia’ ‘osso da bacia’ | 1707 (cf. MS⁵) | < lat. *tardio iliācus* (< *ilīa* ‘flancos, ilhargas’ ‘partes laterais do ventre’).

isíaco *adj.* ‘relativo à deusa egípcia Ísis’ | 1873 DV | < lat. *īsiācus* < gr. *isiakós* (< *Ísis*).

paradisíaco *adj.* ‘relativo ao paraíso, edênico’ | 1881 CA | < lat. *ecles. paradīsiācus* < gr. *paradeisiakós* (< *parádeisos* ‘paraíso’).

paremíaco *adj.* ‘relativo à parêmia, alegórico, proverbial’ | 1899 CF | < lat. *tardio paroemiācus* < gr. *paroimiakós* ‘verso de três pés e meio’ (< *paroimía* ‘provérbio, refrão’).

simoníaco *adj.sm.* ‘relativo à simonia’ ‘indivíduo que pratica ou praticou a simonia’ | sXV — *symonia* sXIV (cf. FichIVPM) | < lat. *ecles. simoniācus* (< *simonia*).

zodíaco *sm.* ‘zona da esfera celeste, dividida em doze partes iguais (designadas pelos nomes das constelações mais próximas) por grandes círculos perpendiculares à eclíptica’ | sXV (cf. FichIVPM) | < lat. *zōdiācus* < gr. *zōdiakós* (< *zō’dion* ‘figurinha de animal’ ‘constelação do zodíaco’).

3.1 Ao contrário dos demais derivados portugueses em -aco², todos de cunho erudito, o voc. *triaga* sofreu uma evolução popular na sua transição do latim para o português, comprovada pelo abrandamento do -c- e pelo deslocamento da sílaba tônica:

triaga *sf.* ‘medicamento que os antigos empregavam contra a mordida de qualquer animal venenoso’ | *sXV* — *tjryaga sXIV* — *triagua sXIV* — *tirraga sXV* (cf. FichIVPM) — *teriaga* 1553 JBarD II.vi.iv.275 — *atriaga* 1562 JC | < lat. *thēriāca*, *thēriacē* (< gr. *thēriakē*’ (*antídosis*), *thēriakón* (*phármakon*), fem. e neutro, respectivamente, de *thēriakós* ‘relativo aos répteis venenosos’ (< *thēríon*, dimin. de *thē’r* ‘animal selvagem, réptil venenoso’).

4. O suf. *-aco*² concorre, particularmente nos gentílicos, com outros sufixos, que ora atribuem aos derivados os mesmos significados, ora significados (ou simples matizes semânticos) diferentes.

4.1 De mesmos significados:

-aco / *-ano*: *austriaco* / *austriano* , *corintíaco* / *corintiano* , *egipciaco* / *egipciano*, *siríaco* / *siriano* .

-aco / *-ense*: *bosníaco* / *bosniense* (*bosnense*).

-aco / *-ico*: *helespontíaco* / *helespôntico* , *níliaco* / *nílico* / *nilótico*.

-aco / *-io*: *bosníaco* / *bósniio* , *corintíaco* / *coríntio* , *egipciaco* / *egípcio* , *lesbíaco* / *lésbio* , *paradisíaco* / *paradísio* , *siríaco* / *sírio*.

4.2 De significados ou de matizes semânticos diferentes:

-aco / *-ano*: *lesbíaco* / *lesbiano* .

-aco / *-ico*: *lesbíaco* / *lésbico*.

II. Morfologia

5. Cumpre sinalar que o suf. port. *-aco*², com *a* átono (tal como o suf. lat. *-ācus* e o gr. *ākós*), une-se sempre a radicais com a vogal de ligação *-i-*, na qual recai o acento tônico do derivado: *corintíaco*, *maníaco*, etc.

5.1 O voc. *triaga*, com o acento tônico deslocado do *-i-* para o *-a-*, constitui uma exceção a essa regra (ver 3.1).

5.2 Não deve representar o suf. *-aco*² a terminação homófona e homógrafa de *ábaco*, vocábulo que é, provavelmente, de remota origem hebraica:

ábaco *sm.* ‘pequeno tabuleiro para cálculos aritméticos’ ‘parte superior do capitel de uma coluna’ | 1548 FOIP 159 | < lat. *ābācus* < gr. *ābax* -*akos* ‘pequeno tabuleiro coberto de areia, usado para cálculos aritméticos’ < hebr. *‘ābāq* ‘pó’.

6. Embora raros, há exemplos de adjetivos em *-acal*, oriundos da combinação dos sufixos *-aco* e *-al*:

amoniacal *adj.2g.* ‘relativo ao amoníaco ou à amônia’ | 1836 SC | < *amoníac*’o + *-al*.

teriacal *adj.2g.* ‘relativo à triaga’ | *theriacal* 1899 CF | < *teriac*- (rad. der. do lat. *thēriāca* ‘triaga’) + *-al*.

zodiacal *adj.2g.* ‘relativo ao zodíaco’ | 1836 SC | < *zodíac*’o + *-al*.

6.1 Não representa o suf. *-acal* a terminação homófona e homógrafa dos vocábulos adiante relacionados:

açacal *sm.* ‘*ant.* aguadeiro’ | *açaquaes* pl. sXV (cf. IVPM) | Dev. de *açacalar*, de origem árabe.

bacal *sm.* ‘*ant.* negociante de cereais, tendeiro’ | *bacall* 1512 (cf. Dalg.) | < hind. -ár. *baqqal*.

chacal *s.m.* ‘mamífero carnívoro da família dos canídeos, semelhante à raposa’ | 1838 *Arch. Pop.* II. 261 | < fr. *chacal* < turco *çaqal* < persa *šagāl* (= sânscr. *śrgālā*).

estomacal *adj.2g.* ‘relativo ao estômago’ ‘medicamento para a cura do estômago’ | 1600 JLuc fº 476 | < *estomac*- (rad. der. do lat. *stomācus* ‘estômago’) + *-al*.

monacal *adj.2g.* ‘relativo aos monges ou às monjas e à vida monacal’ | a1623 (cf. MS⁵) | < lat. ecles. *monachālis* (< *monachus* < gr. tardio *monachōs* ‘monge’, à letra, ‘solitário’ < *monós* ‘só’).

III. Vitalidade e produtividade

7. Com pouquíssimas exceções (ver *ambrosíaco*, *austriaco* e *bosníaco*), o suf. *-aco*² só ocorre em vocs. port. que já vieram formados do latim e / ou do grego.

7.1 Raro e de pouca vitalidade, o suf. *-aco*² não é, nem nunca foi, produtivo em português. Particularmente com relação aos geônimos, são muitíssimo mais frequentes e produtivos os sufixos *-ano*, *-ense*, *-ico* e *-io*, que com ele concorreram na formação de alguns dos gentílicos aqui estudados.

IV. Conclusão

8. Este estudo (que ainda está sujeito, naturalmente, a uma revisão minuciosa) é parte integrante de um projeto que vimos preparando para a elaboração de um dicionário histórico e etimológico dos elementos de formação do vocabulário português. Seleccionamos um sufixo de menor importância, a fim de não ultrapassarmos os limites necessariamente restritos de um artigo de revista. Vale observar que os formantes constituem um capítulo muito importante da história do vocabulário português. Afigura-se-nos, portanto, da maior urgência o preparo de uma obra bastante ampla, abrangendo, inclusive, seus diferentes aspectos históricos (origem, difusão, vitalidade e produtividade), além, naturalmente, do seu confronto com os sufixos equivalentes nas demais línguas românicas.

OBRAS CITADAS

Arch. Pop. = *Archivo Popular: Leituras de Instrução e Recreio. Semanario Pintoresco*. Lisboa, 7 volumes, 1837-1843.

CA = Caldas Aulete, Francisco Julio. *Diccionario Contemporaneo da Lingua Portuguesa*. Lisboa, 2 volumes, 1881.

CF = Cândido de Figueiredo. *Nôvo Diccionário da Língua Portuguêsa*. Lisboa, 2 volumes, 1899.

Dalg. = Dalgado, Sebastião Rodolfo. *Glossário luso-asiático*. Coimbra, 2 volumes, 1919-1921.

DV = Frei Domingos Vieira. *Grande diccionario portuguez ou Thesouro da lingua portugueza*. Porto, 5 volumes, 1871-1874.

FcastH = Fernão Lopes de Castanheda. *História do Descobrimento e Conquista da Índia pelos Portugueses*. Livro 1º, 1551; livros 2º e 3º, 1552; livros 4º e 5º, 1553; livros 6º e 7º, 1559; livro 8º (póstumo), 1561. Edição moderna, de acordo com a *princeps*, por Pedro de Azevedo e Laranjo Coelho, Coimbra, 1924-1933 [8 livros em 4 volumes].

FichIVPM → IVPM.

FOIP = Francisco de Holanda. *Da Pintura Antigua*. Livro I - Parte Theorica. Livro II - Dialogos de Roma. Edição completa d'esta celebre obra [1548] commentada por Joaquim de Vasconcellos. Segunda edição da Renascença Portuguesa. Porto, 1930.

GVic = *Copilaçam de todalas obras de Gil Vicente* [c1471- c1536]. Lisboa, 1562.

- IELP = A[ntônio] G[eraldo da] Cunha. *Influências eslavicas na língua portuguesa* [Separatas dos vols. VI, VII, VIII e IX da Revista da Academia Fluminense de Letras] Niteroi, 1953-1956.
- IVPM = Antônio Geraldo da Cunha. *Índice do Vocabulário do Português Medieval*. Fundação Casa de Rui Barbosa. Vol. 1 [A] Rio de Janeiro, 1986. - Vol. 2 [B-C], 1988. - Vol. 3 [D], 1994 [No fichário (FichIVPM), arquivado na Fundação Casa de Rui Barbosa, estão incluídas cerca de 170.000 fichas datilografadas com a transcrição das passagens que documentam os vocábulos medievais, incluídos, naturalmente, os que se iniciam pelas letras E, F, G ... V, X, Z].
- JBarD = João de Barros. *Décadas: I. Asia de Ioam de Barros dos fechos que os Portugueses fizeram no descobrimento & conquista dos mares & terras do Oriente ...* Lisboa, 1552; II. *Segunda decada da Asia ...* Lisboa, 1553; III. *Terceira decada da Asia...* Lisboa, 1563.
- JC = Jerônimo Cardoso: Hieronymi Cardosi Lamacensis. *Dictionarium ex Lusitanico in Latinum Sermonem*. Vlissyponne. Ex officina Ioannis Aluari typographi Regij. M.D.LXII.
- JLuc = *Historia da Vida do Padre Francisco de Xavier [...]* do Padre Ioam de Lucena [...] Em Lisboa [...] 1600.
- MS², MS⁵, MS⁶ = Morais Silva, Antônio de. *Diccionario da lingua portugueza*. 2ª ed., 2 volumes, 1813 [=MS²]. - Idem, 5ª ed., 1844 [=MS⁵]. - Idem, 6ª ed., 1858 [=MS⁶].
- PAvei = Fr. Pantaleão de Aveiro. *Itinerario da Terra Sancta ...* Sétima edição conforme à primeira [de 1593]. Revista e prefaciada por Antônio Baião. Coimbra, Imprensa da Universidade, 1927.
- SC = Solano Constâncio, Francisco. *Novo diccionario critico e etymologico da lingua portugueza*. Paris, 1836.

CIRIGÜELA

Edmilson Monteiro Lopes
Acad. Cearense da Língua Portuguesa

À memória do Mestre insigne
Enéas Martins de Barros.

Não raro, ao precisar alguém escrever a palavra em epígrafe, suspende a caneta indeciso: “s-e”? “s-i”? “c-e”? “c-i”? Que saibamos, apenas dois léxicos a registram: o *Dicionário Mor da Língua Portuguesa* (1.1) e o *Novo Dicionário Brasileiro Melhoramentos* (2.1). Um e outro arriscaram as formas *serigüela* e *cerigüela*. Como quem diz: É impossível que uma das duas não esteja certa... E estão ambas erradas. De plano, não poderia haver essas duas escrituras. O “c”, cedilhado ou não, alterna com “z”, jamais com “s”: fácil, faço - fazer; conducente, condução - conduzir; preço, precioso - prezar; velocidade, velocíssimo - veloz; décimo, decimal - dez; lúcido, lucerna - luz; ducen-tésimo - duzentos. E assim por diante. Logo, jamais poderia acontecer que uma palavra começada por “s” tivesse forma variante iniciada por “c”, em português.

Já tratamos, mais resumidamente, da etimologia e conseqüente grafia do vocábulo *cirigüela* (3.1). Voltamos ao assunto por duas razões: A primeira é que recebemos vários pedidos de cópias do nosso trabalho. Isso ocorreu após a divulgação a ele dada por Carlos Drummond de Andrade. O imortal poeta precisou escrever a palavra em estudo. Teve dúvida quanto à grafia. Não a tendo encontrado no dicionário, pediu, numa de suas crônicas publicadas no *Jornal do Brasil*, que, quem soubesse o informasse. O ilustre Prof. Adriano da Gama Kury, autor de gramáticas e livros outros sobre o idioma pátrio, todos de subido valor, escreveu-lhe dando notícia da nossa pesquisa e do resultado dela. Logo o poeta, em crônica publicada no mesmo jornal, edição de 7 de maio de 1983, divulgou a informação recebida.

Em nosso estudo “Modesta Contribuição para o Vocabulário Ortográfico da Academia Brasileira de Letras” (4.1), apresentado no II Encontro Nacional da Academia Brasileira da Língua Portuguesa, sugerimos a mesma grafia. Constatou-se na edição que se seguiu (5.1.). Não dizemos que por causa da nossa sugestão, porque o verbete saiu incorreto: cirigüela, sem o trema. A falta desse diacrítico levará sem dúvida à pronúncia viciosa do vocábulo, dando-se a “gu” o valor fonético do dígrafo.

A segunda razão é que o prosseguimento da pesquisa nos trouxe novos elementos que nos parece conveniente serem divulgados.

A PLANTA

A lição é do eminente botânico cearense Renato Braga:

“CIRIGÜELA - *Spondias purpurea* Linn. (*Spondias myrabolanus* Jacq., *Spondias Mombin* Descourt.), da família das Anacardiáceas.

Árvore pequena, de tronco grosso e tortuoso, um tanto esparramada, com a casca branco-acinzentada e gretada. Folhas de 10/20cm de comprimento, compostas de 5-12 pares de folíolos oblongo-elípticos, pontuados ou arredondados nos vértices, inteiros ou ligeiramente serrados. Flores castanho-purpúreas em pequenas panículas dispostas ao longo dos ramos. Originária da América tropical, muito cultivada no México e na América Central”(Braga 6.1)

A FRUTA

“Frutos isolados ou em cachos de 2-3, ovais ou oblongos, de 3-5 de comprimento, variando na cor entre o vermelho-vivo e o amarelo, com a casca lisa, fina, cobrindo uma polpa amarelada, sucosa, comumente açucarada, que reveste um caroço grande, branco e suberoso.

Fruto comestível ao natural, e sob a forma de geléia, compota e como refrigerante”(Braga 6.2)

O NOME

A palavra *cirigüela* (não esquecer o trema) provém do espanhol *cirgüela*, forma variante de *ciruela*. Vem esta do latim *cereola* (*cereolus*, a, um) = da cor da cera virgem, amarela, a ameixa. *Cereolus*, a, um é diminutivo de *cereus*, a, um. (Saraiva,7.1).

Informa-nos Francisco J Santamaria:

CIRGÜELA - F. ant. Ciruela. La forma antigua pertenece, según Cuervo (§ 689) a la “monserga vulgar” de Bogotá y proviene de la “levísima as-

piración que lleva consigo el diptongo UE, así al principio como en media de dicción”. *Aquí retiene todavía el vulgo esa forma* (grifos nossos); más parece que la cosa es antigua y vino de España. *Nuestro vulgo usa, pues, de un arcaísmo vulgar*” (Grifos nossos, para demonstrar que a forma variante é usada vulgarmente no México) (Santamaria 8.1).

Observe-se a incerteza de Santamaria, sobre a procedência da variante *cirgüela*: “*parece* que la cosa es antigua y que vino de España”. Conseguimos elucidar essa dúvida. Esta forma é realmente antiga e proveio da Espanha. É o que nos assegura R. Menéndez Pidal:

“Usada la expresión *cereola* por Columela y por Plinio, para designar la “cerea pruna” de Virgilio, de color cera, prevaleció en el Centro de España para designar ese fruto de cualquier color: *ciruela* en Castilla, *cirgüela* en Murcia y Aragón, *cirola* en Galicia; pero quedó desconocido en el resto de la Romania.” (Pidal 9.1)

Como vemos, tem razão Santamaria em discordar de Cuervo no que toca à origem, no tempo e no espaço, da variante *cirgüela*. Não provém ela do linguajar bogotano. É forma corrente em Múrcia e Aragão.

No Novo Continente é usada na Colômbia, no México, em outros países da América Central e Insular. De lá nos veio a planta; com ela, a saborosa frutinha e o nome. Note-se que, na Espanha, tanto *cirgüela* como *ciruela* designam a ameixa. Na América é que os dois termos passaram a nomear a nossa *cirgüela*. Era costume dos portugueses e espanhóis dar a frutas e a animais das terras a que chegavam em suas navegações nomes de frutas e animais da sua terra, que com aqueles achavam parecidos:

“... & estas deviam ser as áves que os judeus chamavam pavões pela semelhança, assim como nós pomos às frutas da Índia os nomes das frutas da Europa, que de algum modo se parecem com elas.” (Sousa 10.1).

Mais de um fato lingüístico corrobora a opinião de Cuervo no tocante ao aparecimento da consoante velar sonora /g'/ (guê), na passagem de *ciruela* para *cirgüela*:

- 1º) Esta epêntese do /g'/ antes do ditongo crescente UE(/we/) não é caso virgem na fonética do castelhano. O latim *manuale* deu em espanhol *mangual*; *minuare* deu *minguar*. (11.1). Alteração fonética igual ocorreu em português, com as mesmas palavras. (Cunha 12.1).
- 2º) As palavras espanholas (e portuguesas) de origem germânica receberam o mesmo /g'/ antes dos ditongos crescentes UA, UE, UI (/wa/, /we/,

/wi/): *gualda*, do germânico *walda*; *gualardón*, de *widarlôn*; *güelfo*, de *Welf*; *guerra*, de *werra*; *guisa*, de *wisa* etc. (11.2). (Em português: *gualdo*, *galardão*, *güelfo* ou *guelfo*, *guerra*, *guisa*). (Cunha 12.2).

- 3º) Há em espanhol palavras que apresentam a letra “h” inicial antes dos mesmos ditongos crescentes, em desacordo com os respectivos étimos latinos que não o têm: *huebos* (lat. *opus*); *huebra* (lat. *opera*); *huero* (lat. *orcu*); *huérfano* (lat. *orphanu*); *huero* (do grego *óurioun*, com espírito brando); *hueso* (lat. *osso*), *huevo* (lat. *ovu*). (11.3).
- 4º) Fato idêntico deparamos no francês: *huile* (lat. *oleu*); *huis* (lat. *osti*); *huit* (lat. *octo*); *huitre* (lat. *ostrea*) etc. (Augé 13.1).

Só uma aspiração antiga explica esses fatos.

A história das línguas, principalmente a do indo-europeu na trajetória até as línguas modernas dele provenientes, mostra que a tendência da aspiração foi atenuar-se, geralmente até desaparecer. Haja vista o “h” aspirado francês, cujo único vestígio, hoje, é não admitir a elisão (*le haricot* e não *l'haricot*). A “levíssima aspiración”, de que fala Cuervo, pode ter sido, em período anterior, mais acentuada.

Tem precedente o aparecimento de uma consoante velar (que é a mesma gutural) (Jota e Dubois) (14.1), como resultado da aspiração. O pronome indefinido latino *nihil* mais de uma vez aparece escrito *nichil* – *ínikil* – no *Itinerarium Aetherae*. (15.1). Se é certo que o latim não tinha fonemas aspirados, o fato pode vir da língua-mãe, o itálico, que os tinha, com certeza. (Meillet e Vendryes) (16.1). Consta que os latinos não conseguiam executar a aspiração de palavras gregas por não estar ela nos seus hábitos fonéticos. (Câmara 17.1). Na escrita, porém, a registravam rigorosamente (h, ph, th, ch). Seja como for, aí estão, para confirmar a realidade do fato (*nihil* - *nichil*), os vocábulos portugueses *aniquilar* e *nicles*, ambos procedentes de *nihil*, pronunciado *ínikil*. (Machado 18.1).

Resta elucidar o aparecimento do segundo /i/, de *cirigüela* (espanhol) para *cirigüela* (português). Enquanto os brasileiros, em quase todo o País, pronunciamos o /r/, em final de sílaba, como constritivo velar surdo (ex. *barco*), e no fim de palavra, quase o omitimos (ex. *mar*), em espanhol é ele proferido com toda a carga de vibrame alveolar sonora, quase /ri/.

Provavelmente, isto fez com que os ouvintes brasileiros percebessem *cirigüela* como *cirigüela*, com o acréscimo do /i/ depois do /r/.

CONCLUSÃO

1. A *Spondia purpurea* Linn., da família das Anacardiáceas, provém dos países da América Central e Insular.
2. De lá veio para o Brasil o arbusto referido.
3. Em vários daqueles países é ele e seu fruto denominado *cirgüela*, forma variante de *ciruela*.
4. No Brasil, tem o nome de *cirigüela*.
5. Há fatos linguísticos que explicam de sobejo as pequenas alterações verificadas.

Não pode haver dúvida de que a palavra espanhola *cirgüela* é o étimo da portuguesa *cirigüela*, a qual assim deve ser escrita.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS LOCALIZAÇÃO DAS CITAÇÕES

1. Oliveira, Cândido de - *Dicionário Mor da Língua Portuguesa* - Livromor Editora Ltda São Paulo, s/d. 1. Verbetes indicados.
2. Prado e Silva, Adalberto (organização geral) - *Novo Dicionário Brasileiro Melhoramentos* - 6. ed. - Melhoramentos ed. São Paulo, 1970. 1. Verbetes indicados.
3. *Revista da Academia Cearense da Língua Portuguesa* - Secretaria da Cultura do Estado do Ceará - Fortaleza, 1981. 1. p. 55.
4. Publicado na revista *Aspectos*, nº 14 - Secretaria de Cultura do Estado do Ceará - Fortaleza, 1978. 1. p. 38.
5. *Vocabulário Ortográfico da Língua Portuguesa* - Academia Brasileira de Letras - Block Editores S.A - Rio de Janeiro, 1981. 1. Verb. indicado.
6. Braga, Renato - *Plantas do Nordeste, Especialmente do Ceará* - 2. ed.- Imprensa Oficial Fortaleza, 1960. 1. p. 198, 2.p. 199.
7. Saraiva, F. R. dos Santos - *Novíssimo Dicionário Latino-Português* - 7. ed. - H. Garnier Rio - Paris, s/d. 1. Verb. indicado.
8. Santamaria, Francisco J. - *Diccionario de Mexicanismos* - 1 ed. - Porrúa S.A. - Mexico, 1959. 1. p. 246.

9. Pidal, R. Menéndez - *Orígenes del Español* - 7ª edición - Espasa Calpe S.A. - Madrid, 1972. l. p. 393 (§ 83).
10. Sousa, Pe. Francisco de - *Oriente Conquistado a Jesus Cristo* - Lello & Irmão - Porto, 1978. l. p. 712. (A 1ª ed. é de 1710).
11. Diccionario de la Lengua Española - *Real Academia Espanhola* - 18ª edición - Madrid, 1956. l. Verbs. indic. 2. Verbs. indic. 3. Verbs. indic.
12. Cunha, Antônio Geraldo da - *Dicionário Etimológico Nova Fronteira* - 1ª ed. - Nova Fronteira - Rio, 1982. l. Verbs. indic. 2. Verbs indic.
13. Augé, Paul - Larousse - Librairie Larousse - Paris, s/d - Tome Troisième.
14. Jota, Zélio dos Santos - *Dicionário de Lingüística* - ed. Presença - Rio, 1976;
15. Dubois, Jean e outros - *Dic. de Lingüística* - Ed. Cultrix Ltda - São Paulo, 1978. l. Verb. "Gutural". em ambos.
16. *Itinerarium* (ou *Peregrinatio*) *Actheriae*. Utilizamos o *Journal de Voyage*, introduction de Hélène Pétrè - Les Editions do Cert. - Paris, 1948. l. ps. 127 e 143. (8.2 e 12.6).
17. Meillet, A. - Vendryes, J. - *Grammaire Comparée des Langues Classiques* - 4ª ed. Librairie Ancienne Honoré Champion - Paris, 1966. l. ps. 56 e 71 (§ 78 e § 100).
18. Câmara Jr., J. Mattoso - *Princípios de Lingüística Geral* - 4 ed. - Livraria Acadêmica - Rio, 1969 l. p. 58, nota 4 (rodapé).
19. Machado, J. P. - *Dicionário Etimológico da Língua Portuguesa* - 2ª ed. - Editorial Confluência - Lisboa e São Paulo, 1967. l. Verbs . respectivos.

AS IDÉIAS LINGÜÍSTICAS DE FERNÃO DE OLIVEIRA

José Lemos Monteiro
UFC - UECE - UNIFOR

Resumo

Pretende-se neste estudo destacar a importância da descrição gramatical realizada por Fernão de Oliveira, analisando-se os aspectos principais de sua proposta alfabética, de sua percepção da estrutura fonológica do português quinhentista e da forma como tratou os processos de formação de palavras. A análise ressalta o caráter surpreendentemente inovador das idéias lingüísticas de Fernão de Oliveira, surgidas numa época em que se nutria um respeito quase servil pela doutrina clássica greco-romana.

Abstract

The aim of this study is to show the importance of Fernão de Oliveira's grammatical description. It analyses the main aspects of Fernão de Oliveira's orthographic doctrine, his perception of the phonemic structure of 16th century Portuguese language, and the way he treated the processes of word formation. This analysis shows Fernão de Oliveira's surprisingly creative linguistic ideas that appeared at a time when grammarians paid a lot of respect to the classic tradition.

1. Introdução

...milhor he que ensinemos a Guine ca que sejamos ensinados de Roma (Oliveira, 1536:21)

Vários são os aspectos pelos quais a leitura da obra dos gramáticos portugueses do século XVI se torna ainda hoje útil e interessante.

Em primeiro lugar, possibilita uma série de comparações quanto à evolução das idéias gramaticais, ocasionando freqüentemente surpresas quando, por exemplo, se percebe que muitas das intuições ou descobertas dos lingüistas modernos já foram pressentidas ou até bem elucidadas pelos renascentistas.

Em segundo lugar, uma análise do vocabulário e da sintaxe da época permite detectar pontos de semelhança com certas características conservadoras do português do Brasil. Trabalhos como os de Révah (1958a, 1958b e 1959), Teyssier (1966), Hart Jr. (1955 e 1959) e Monteiro (1989), entre outros, já se beneficiaram bastante do testemunho desses gramáticos e apresentaram interpretações consistentes para o que existe de verdade na afirmativa de que o português do Brasil revela traços arcaizantes¹ face ao de Portugal. Uma análise do vocabulário e da sintaxe fornece igualmente informações valiosas para a história da língua portuguesa, documentando fatos que nem sequer parecem ter deixado vestígios².

Finalmente, no discurso de nossos primeiros gramáticos, é possível flagrar uma série de fenômenos de variação que nos permitem datar, com relativa precisão, a época em que se estabeleceram certas mudanças lingüísticas.³ Por isso mesmo, parece-nos incontestável a seguinte afirmação de Révah:

1 A título de ilustração, lembramos que o falar caipira apresenta várias pronúncias que costumam ser documentadas pela grafia dos nossos gramáticos. Entre os exemplos aduzidos por I. S. Révah (1959:284), citamos as formas *ũa*, *argũa*, *ninhũa* e *lũa*. As formas modernas *uma*, *alguma*, *nenhuma* só aparecem definitivamente nos textos do século XVII.

2 Veja-se, a propósito, esta informação que se lê na Gramática de João de Barros: “O segundo, u, sérve na composiçã das dições & antigamente seruia per sy de auêrbio local, como quando se dizia, u uás, u móras: do quáil iá nam usamos” (46 r). Com certeza, o mesmo advérbio de lugar que tem plena vitalidade no francês moderno.

3 Tal, por exemplo, o caso da supressão da vogal temática do infinitivo do verbo *pôr* e seus compostos, que no discurso de João de Barros se apresenta flexionado como *poremos*, *compondo* etc., a par de *poeremos*, *compoendo*, *compoer*, *poendo*, *poemos* etc. Ou a pronúncia *dixe* por *disse*, que ele registra na seguinte passagem: “Antithesis, quer dizer postura de letera hũa por outra: como quando dizemos, dixе, por, disse” (35 r). Estes mesmos fenômenos e outros análogos são documentados em Fernão de Oliveira: algumas vezes, ele emprega *dixe*

Os antigos gramáticos portugueses são também os precursores dos dialetólogos modernos: freqüentemente eles nos fornecem indicações (às vezes precisas) sobre pronúncias populares ou regionais que subsistiam, em sua época, com as da *língua-padrão*.⁴

Todavia, o que ora nos motiva a leitura da obra de Fernão de Oliveira não é especificamente nenhuma dessas razões, senão que apenas o intuito de destacar o seu espírito de criatividade, num período em que só o ato de pensar na elaboração de uma gramática já teria que pressupor um sentimento de submissão e reverência ao modelo latino.

Um de nossos objetivos é, pois, o de identificar as soluções propostas para a elaboração, urgente na época, de um sistema ortográfico que assinalasse as peculiaridades do português face às demais línguas românicas e ao próprio latim. Um outro consiste em realçar algumas das idéias que nos revelam uma postura teórica bastante consistente, sobretudo no que diz respeito à estrutura fonológica e aos mecanismos de formação de palavras. Se não fazemos uma análise condizente com o que a obra merece, pelo menos rastreamos nela o que nos parece inovador e que por isso deve causar surpresa a todos os que a lêem.

2. Estrutura da obra

A obra de Fernão de Oliveira apresenta o título de *Gramática*, sem que o autor a tenha considerado como tal. Com efeito, ele a denomina apenas de *anotação*: “Esta he a primeyra anotação que Fernão de Oliveyra fez da lingua Portuguesa”⁵ (p. 13). O texto inteiro se constitui de cinquenta breves capítulos,

em vez de *disse*, afirma que o plural de *sol* é *soles* (“fara soles e não soys” – p. 100) e, sobre a forma *poer*, dá o seguinte depoimento: “este verbo ponho pôes. faz o seu infinitiuo ã .or. dizêdo .por. o qual todauia já fez poer e ainda o assi ouuim’ a alghūs velhos” (p. 104). Ele também fornece a data para a entrada de empréstimos que se introduziram em sua época, como se vê no seguinte exemplo: “E arcabuz ha sete ou oytanos pouco mais ou menos que veo ter a esta terra com seu nome dantes nunca conhecido nella” (p. 66). Registra, além disso, variantes dialetais, como as formas do singular *pã* e *cã*, em vez de *pão* e *cão*, que explicam os plurais *pães* e *cães*, “dos q̃s antigamête era o seu singular .pã. câ. cujo testemunho aindagorada antredouraminho” (p. 99).

- 4 Mais les anciens grammairiens portugais sont aussi les précurseurs des dialectologues modernes: assez souvent ils nous fournissent des indications (parfois précises) sur des prononciations populaires ou régionales coexistant, à leur époque, avec celles de la *língua-padrão* (Révah, 1959:274).
- 5 As citações que fazemos obedecem à terceira edição (1933), feita de harmonia com a primeira (1536) sob a direção de Rodrigo de Sá Nogueira. O texto contém erros, mas parece bem melhor que o da segunda edição (1871), organizada pelo Visconde de Azevedo e Tito de Noronha. Além dessas edições, a *Grammatica da Lingoa Portuguesa* foi reproduzida em 1954 por Olmar Guterres da Silveira e, em 1975, por Maria Leonor Carvalhão Buescu.

a maioria dos quais dedicados à fonética e à ortografia, alguns à lexicologia e morfologia, ficando a sintaxe ou *côstrução* com pouco mais de uma página.

Trata-se de uma série de reflexões, não raro bastante perspicazes, em que se notam repetições ou deslizes próprios de uma obra ainda incompleta. À primeira vista, não se percebe por isso um intuito de sistematização, a julgar pela própria disposição dos assuntos tratados. No início há um preâmbulo com uma definição de linguagem e certas considerações sobre a formação das línguas. Em seguida, já aparecem algumas indicações acerca do “modo de falar dos portugueses” e da formação do reino. E só depois da referência à etimologia dos nomes Lisboa, Lusitânia, Portugal, e de um resumo sobre os primeiros reinados é que existe o propósito de se definir a *gramática* e descrever os fatos lingüísticos.

Por causa dessa feição de obra inacabada, em que se flagra uma desproporção entre os assuntos estudados, com o nível fonológico privilegiado face aos morfológico e sintático, fica-se na dúvida de atribuir à obra o *status* de gramática. E daí surge a polêmica, ainda atual, de decidir entre Fernão de Oliveira e João de Barros, este último bem mais completo e organizado, qual foi realmente o primeiro gramático da língua portuguesa.

Buescu (1983:18) é de parecer que a legitimidade da designação de *Gramática*, atribuída ao levantamento sistemático dos mecanismos da língua, só pode verificar-se na obra de João de Barros. E diz que o próprio Fernão de Oliveira assim pensaria, já que expressou em várias passagens a intenção de produzir um trabalho mais amplo e ordenado.

Outros estudiosos se posicionam contra essa tese e dão a prioridade a Fernão de Oliveira. Mesmo a alegada falta de sistematização é contestada, desde que, conforme argumentou Rogério Bessa (1979/80), suas idéias não estão dispostas de forma tão caótica ou aleatória, mas obedecem a um plano de distribuição, apenas um tanto diferente do elaborado por João de Barros. E ressaltamos que a existência desse plano é confirmada no depoimento final do autor:

...como escreui sem ter outro exemplo antes de mi, e isto muito mais escusara o defeito da ordem que tiue em meu proçeder se foy errada [...] eu confesso que o não escreui com malicia (p.108).

De qualquer modo, mereça ou não o título de primeiro gramático português, Fernão de Oliveira produziu uma obra que supera tudo o que, em sua época, se fez em toda a România. Quem diz isso é Coseriu (1975:4), acrescentando que, através de uma clara intuição da funcionalidade lingüística e da distinção entre os esquemas funcionais e sua realização, ele antecede seu tem-

po na descrição da língua em geral e se destaca como um dos estudiosos mais originais de todo o Renascimento.

É lógico que nem tudo o que faz parte de seu texto pode ser avaliado positivamente. Assim, por exemplo, como outros gramáticos ou filólogos do passado e até do presente, Fernão de Oliveira não possui conhecimentos seguros de etimologia (diz, por exemplo: “mulher se chama porq̃ e molle e velho porq̃ vio muito” – p. 64) e suas idéias sobre a história da língua são em geral bastante ingênuas ou equivocadas.

Mas, por outro lado, são admiráveis muitas de suas reflexões baseadas na perspectiva sincrônica que adota, em especial, no campo da fonética. Sua fundamentação teórica não se resume na leitura dos gramáticos latinos, a quem escrupulosamente sempre cita. Ele também demonstra conhecer em profundidade, além de Nebrija, os ortografistas espanhóis Vanegas, Busto e Robles. Todavia, pela agudeza e minuciosidade de suas observações, supera a todos, mesmo a Nebrija, na descrição articulatória dos fonemas portugueses.

2.1. A proposta alfabética

Coube a Fernão de Oliveira, como não poderia deixar de ser, a tarefa de tentar estabelecer um sistema ortográfico para o português, num período marcado por hesitações que tornavam a escrita um verdadeiro caos. É que, ao lado do propósito de se respeitar a origem latina da língua, percebia-se a existência de traços especiais da fonologia portuguesa, que requeriam um tratamento diferenciado. Como conciliar o princípio etimológico com tantas divergências de ordem fonética foi, por conseguinte, um problema de proporções talvez somente agora imagináveis. E, diante disso, as propostas de solução, por mais coerentes que fossem, não puderam ser a princípio aplicadas com rigor, nem mesmo pelos seus próprios autores.

Assim, a teoria ortográfica desenvolvida por Fernão de Oliveira não se harmoniza com a prática por ele seguida. Ao preconizar que se adote uma grafia regular e simples [“mas sigamos hũa çerta regra d’escrever / e a mais fácil” (p. 32)], esbarra em sérios obstáculos e ele próprio parece ser o primeiro a não obedecer ao princípio que formulou.

Sob esse aspecto, Rolando Morel Pinto (1962) censura no texto de Fernão de Oliveira a ocorrência das mesmas palavras grafadas de modo diverso, com um emprego das maiúsculas verdadeiramente caótico. Critica também a pontuação adotada, em que os sinais parecem estar dispostos de forma arbitrária, inclusive uma barra oblíqua que de vez em quando aparece, sem uma função específica. Comentário análogo é feito por Ludmila Freeman (1965),

para quem a proposta de Fernão de Oliveira, apesar de moderna pelo intuito de simplicidade e adequação da escrita aos fonemas portugueses, jamais foi executada coerentemente, nem sequer por ele mesmo. E Aníbal F. Henriques (1933), em estudo apendicular à terceira edição da *Grammatica da Lingoagem Portuguesa*, faz um levantamento das principais incoerências gráficas, entre elas o uso do *j* pelo *g* ou do *y* pelo *i*, o problema das geminadas e do *h* etimológico, além do mau emprego dos sinais de pontuação.

Queremos logo ressaltar que esse distanciamento entre a teoria e a prática deve ter alguma justificativa, desde que não ocorreu apenas em Fernão de Oliveira. João de Barros, de forma análoga, estabelece regras que não cumpre. Tal, por exemplo, a da utilização do *ç* antes de qualquer vogal ou a proposta de eliminação da letra *q*. Os símbolos criados para a grafia das vogais freqüentemente são esquecidos e o emprego dos sinais de pontuação também não deixa de ser bastante confuso.

Tais deslizes são tão flagrantes que podem ser percebidos por qualquer leitor. Entretanto, cremos que não se deve ser tão severo, realçando-se apenas o lado ilógico ou absurdo que deixam transparecer, uma vez que podem ter sido motivados por fatores nem sempre esclarecidos, entre os quais deficiências da própria época, que não merecem todas ser atribuíveis ao autor. É comum, a esse propósito, que os pioneiros de nossa sistematização ortográfica tenham explicitamente feito concessões ao uso, admitindo múltiplas grafias para um único vocábulo. E tais concessões persistiram por muito tempo. No estudo que realizamos sobre a *Ortografia* de Álvaro Ferreira de Véra, de 1631 (Monteiro, 1995), pudemos constatar esse mesmo fenômeno.

Por outro lado, é preciso ter em mente que a imprensa era novidade e, por isso, contava com enormes dificuldades operacionais. É fácil admitir que as tipografias da época não estavam bem aparelhadas para reproduzir com fidelidade o que seria a verdadeira intenção dos autores. Ainda em 1671, Franco Barreto se queixava ao leitor de sua obra, *Ortografia da Lingua Portuguesa*, da falta de caracteres na oficina impressora, razão pela qual em seu livro algumas palavras que deveriam ter sido escritas com *u* foram compostas com a letra *V*. E Antônio Balle, na carta de apresentação ao *Verdadeiro Método de Estudar*, de Verney (1746:14), carta dirigida aos Padres da Companhia de Jesus, dá o mesmo depoimento:

Os que imprimiram o primeiro tomo não tinham U vogal, maiúsculo pequeno, e assim serviram-se deste U para vogal e destoutro V para consoante.

É de se pensar também que os tipógrafos deviam opor certas resistências à introdução de símbolos que contrariassem o uso. Nesse sentido, Teyssier

(1966), ao enumerar exaustivamente as oscilações nos textos de João de Barros, não culpabiliza exclusivamente o autor mas responsabiliza em grande parte a resistência do tipógrafo em aderir a novos critérios. Isto justificaria o fato de estar a vogal anterior aberta [e] representada no princípio da *Cartinha* por *ae*, páginas adiante por *e* com um *c* subscrito (símbolo preferido pelo autor) e nas *Décadas* já aparecer representada por um simples *e*, sem qualquer notação de abertura.

Finalmente, cumpre não esquecer que a falta de revisões criteriosas sempre tem sido um dos maiores responsáveis pelos erros mais imprevisíveis, aliás como acontece ainda hoje. Todos esses fatores, aliados a outros que não conseguimos imaginar, podem servir de elementos para explicar por que tantas e tamanhas incoerências aparecem nos textos de todos os ortografistas portugueses, justamente naqueles textos em que se estabeleciam os princípios ou regras de escrever de forma precisa e onde, portanto, não deveria haver lapsos de grafia.

Feitas essas ressalvas, queremos destacar resumidamente os pontos básicos que definem o sistema de representação gráfica proposto por Fernão de Oliveira. O alfabeto por ele enunciado contém trinta e quatro letras, incluindo nesse rol os dígrafos *ch*, *lh*, *nh*, *rr* e *ss*, introduzindo os símbolos α , ε , ω e y , e expurgando o *k*. Como, porém, ele considera o *h* um simples “sinal de aspiração” e o til um sinal de abreviação, termina dizendo que são trinta e duas as letras do alfabeto português. Adiante, parece também rejeitar a letra *q*, empregando uma argumentação bastante lúcida:

...nos da nossa lingua sentimos isto que estas syllabas .ca e coa e co e cu. bem podê escusar essa letra .q. como cadeyra. coando começo cuberto: e també estoutras. ce e ci. como ceyxume e cina: se não q̃ aos vulgares sera trabalhoso (p. 43).

É que Fernão de Oliveira não perdia de vista o princípio da simplificação ortográfica, não querendo admitir que um fonema fosse representado de duas ou mais maneiras diferentes ou que uma único símbolo pudesse valer para fonemas distintos. Os grafemas deveriam ter o mesmo número dos fonemas: “hão de ser tantos como as pronúncias” (p. 25). Assim, ele não via nenhum problema em que a letra *c* simbolizasse o /k/, antes de qualquer vogal: *ca*, *ce*, *ci*, *co*, *cu*. Por que, antes de *e* ou *i*, usar o dígrafo *qu*?

A solução de utilizar a letra *c* em vez do *k* ou do dígrafo *qu*, segundo o próprio autor, foi inspirada em Quintiliano. Mas a aversão ao dígrafo *qu* foi sentida também por Varrão, Prisciano e Isidoro. E Nebrija, em sua obra *Reglas de Orthographia en la Lengua Castellana*, retomou a discussão, afirmando que *k* e *qu* não têm qualquer utilidade na língua castelhana.

A idéia inicial de Fernão de Oliveira é, pois, a de que são inúteis o *q* e o *k*, já que existe o *c*. Mas, na impossibilidade de se expurgar o *q*, propôs que pelo menos se eliminasse o dígrafo *qu*: “não se escreuesse se não assi: qeixume e qina” (p. 44). O grande obstáculo para ele é que o peso da tradição termina agindo no sentido de que as inovações, por mais lúcidas que sejam, causem dúvidas: “o costume val muito / sem o qual a escritura por ventura ficaria duuidosa” (p. 44).

Outra medida proposta em função do princípio de que a cada fonema deve corresponder um único grafema foi a do emprego do til em vez do *m* e do *n*, toda vez que estes não forem pronunciados, ou seja, quando estiverem apenas indicando a nasalidade da vogal:

...por tanto não escreueremos ensinar com .n. na primeira syllaba nem embargar cõ .m. a imitação dos latinos poys nos taes lugares antre nos não sentimos essas letras: mas nessas e outras muitas partes escreuamos til (p. 47).

Face ao sistema hoje adotado, são essas as idéias que julgamos mais discrepantes. Se agora, depois de tantos séculos, passado já o impacto que possam ter causado, fizemos uma análise bem objetiva, poderemos chegar à conclusão de que, se tivessem sido aceitas, com possíveis reparos, nossa ortografia seria bem mais coerente do que é nos dias atuais.

2.2. A descrição fonológica

As unidades fônicas do português são identificadas por Fernão de Oliveira como *letras*, de acordo com a tradição e terminologia de sua época. Mas ele distingue cuidadosamente a pura representação gráfica (*figura, sinal*) do fone correspondente (*pronunção, força, virtude*). Diz ele, por exemplo:

As figuras destas letras chamão os Gregos *caracteres*: e os latinos *notas*: e nos lhe podemos chamar *sinaes*. Os quaes hão de ser tantos como as *pronunçiações* a q̃ os latinos chamão *elementos* (p.25).

O que de imediato surpreende é que o conceito estrutural e os critérios de reconhecimento dos fonemas já fazem parte do arcabouço teórico de Fernão de Oliveira. Ele não só leva em conta a realidade acústico-articulatória, como também se baseia na presença de traços distintivos que se associam à mudança de significado dos itens confrontados:

O proprio de cada letra entendemos a particular pronunção de cada hũa: e o comũ chamamos aquela parte da pronunção e força em que se hũa parece cõ a outra [...] e cada dia acharemos

nella mudança não somente no som da melodia: mas tãbẽ nos sinificados das vozes: porq̃ so mudar hũa letra: hũ acento ou som e mudar hũa quantidade de vogal grande a pequena: ou de pequena a grande: e assi tãbem de hũa cõsoante dobrada em singela: ou ao cõtraio de singela em dobrada: faz ou desfaz muito no sinificado da lingua (p. 31-2).

Mas é na descrição articulatória de cada fonema que ele se revela extremamente meticoloso e preciso. Observemos de início como são descritas as vogais:

- a - a sua pronũciação e cõ a boca mais aberta q̃ das outras vogaes e toda a boca igual;
- ẽ - parece hũa boca bẽ aberta com sua lingua no meyo;
- e - a sua voz não abre ja tãto a boca e se descobre mais os dẽtes;
- i - pronũciasse cõ os dentes quasi fechados: e os beiços assi abertos como no .e. e a lingua apertada cõ as gẽgibas de bayxo: e o espirito lançado cõ mais impeto.
- õ - tem a mesma pronũciação [do o] cõ mais força e espirito: e todauia [...] alghũ tanto mays mouimẽto na boca;
- o - a sua pronũciação faz [...] a boca redonda dentro e os beiços encolhidos em redõdo;
- u - aperta as queixadas e prega os beiços não deixando antreles mais q̃ so hũ canudo por õde sae hum som escuro o qual he a sua voz. (p. 32-33).

Como se vê, os traços que caracterizam articulatoriamente as vogais são percebidos e diferenciados, formando-se uma escala que vai desde a maior abertura da boca (na prolação do /a/) até o maior fechamento, assinalando-se de um lado o gradativo estreitamento do /e/ ao /i/ e de outro o arredondamento do /o/ ao /u/.

São identificadas então oito vogais orais. E Fernão de Oliveira observa que o português só possui cinco *figuras* para representá-las [“temos oyto vogaes na nossa lĩgoa mas nã temos mais de çinco figuras” (p. 28)] e, por isso, sugere novos símbolos para o alfabeto: α para o “a pequeno”; ε para “e grande” e ω para “o grande”. Portanto, uma nítida percepção da diferença entre grafema e fonema.

As denominações *grande* e *pequeno*, que serão retomadas por João de Barros, não dizem respeito à noção de quantidade, mas ao timbre. Teyssier (1966), a propósito, observou que todos os exemplos dados por Fernão de Oliveira nos mostram que as *grandes* são na realidade vogais *abertas* e as

pequenas são vogais fechadas.⁶ E isto podemos comprovar com a seguinte citação:

Temos a grãde como almada e α pequeno como α lem α nha: temos ϵ grande como festa e e pequeno como festo: temos ω grande como fermwosos e o pequeno como fermoso⁷ (p. 28).

Nesse ponto, Fernão de Oliveira chega a fundamentar a oposição entre os fonemas vocálicos α - a, e - ϵ , o - ω com o fato de que estes sons podem ocorrer no mesmo contexto fonológico, entendendo pois que não se trata de simples casos de alofonia:

E isto porq̃ nos não podemos saluar cõ os latinos dizendo q̃ a consoãte ou consoãtes e letras q̃ vão a diante fazem grande ou peq̃na a letra vogal q̃ fica: mas vemos q̃ cõ hũas mesmas letras soa hũa vogal grande as vezes e as vezes pequenas (p. 28).

Não é difícil associar esta passagem com o princípio da distribuição complementar que, séculos mais tarde, seria utilizado pelo estruturalismo para a distinção entre fonemas e alofones. Tanta consistência doutrinária e expositiva se deve antes de tudo ao fato de Fernão de Oliveira ter sempre presente o sistema lingüístico – como no caso das regras de distribuição – e ressaltar, ainda que mais ou menos intuitivamente, o caráter funcional desse sistema. Assim sendo, a técnica da comutação com base em pares mínimos, utilizada ainda hoje em dia como um dos métodos mais práticos de identificação dos fonemas, já é por ele dominada, como o faz para reconhecer o traço de nasalidade das vogais:

...não he a mesma voz vila e vilã: mas o til q̃ lhe posemos muda a calidade do .a. d'claravoz em escura e meteo mais pellos narizes (p. 41).

Mas, além de classificar as vogais portuguesas com base em critérios tão precisos, Fernão de Oliveira percebeu o caráter assilábico da semivogal /y/, às vezes denominada de consoante. E assim, embora a letra y conste de seu alfabeto, ele não a inclui na escala das vogais.

...a mi me parece ser .y. e não .i. vogal porq̃ ella não faz syllaba por si: nẽ tã pouco .j. cõsoãte na força que lhe nos demos (p. 36)

6 “Mais les exemples qu’il donne nous montrent que les “grandes” sont en réalité des voyelles *ouvertes* et les “pequenas” des voyelles *fermées*” (Teyssier, 1966:136).

7 Esta informação contradiz a hipótese de que, ainda nos fins do século XVI, o masculino plural dos adjetivos terminados pelo sufixo *-oso* fosse pronunciado com o timbre fechado, tal como no singular. Tal hipótese se baseia, conforme relata Teyssier (1966:160), numa observação de Duarte Nunes de Leão em sua *Orthographia* (1576).

É de lamentar, insistimos, que essa percepção, com a conseqüente proposta de introdução de símbolos próprios para distinguir as vogais portuguesas, o que por certo teria dado muito maior consistência ao nosso sistema ortográfico, não tenha sido aceita nem sequer compreendida por outros que interferiram nos destinos de nossa ortografia. A começar de Gândavo (1574), incapaz de perceber que o timbre constituía um traço distintivo das vogais portuguesas e que, por causa disso, erroneamente classificou-as em seis: *a, e, i, o, u, y*. A mesma incapacidade revelou a autoridade de Duarte Nunes de Leão (1576) que, referindo-se ao /e/, determinou:

He letra vogal simplez, & não de duas maneiras, como algũs cuidão, que fazem .e. pequeno [...], & .e. grande (fol. 6).

No que foi seguido por Álvaro Ferreira de Véra (1631):

...he letra simplez; & não de duas maneiras, como algũs cuidão, fazendoa hũa voz grande; & outra pequena (fol. 8).

E não foi só no esquema das vogais que Fernão de Oliveira revelou agudeza de percepção. Com relação ao sistema consonantal, muitas das descrições articulatórias por ele ensaiadas, expressas num estilo que nos parece pitoresco, são surpreendentemente exatas e aceitáveis até hoje. Ele assinala, por exemplo, a quase similaridade das consoantes homorgânicas, inferindo que são fonemas que se diferenciam por um único traço, tal como atualmente se interpreta:

...as consoantes .b. e .p. são muy semelhantes / e .c. com .g. tem muita vezinhença / e .d. com .t. f. com .v / l. com .r. singelo ç. com .z / e .s. ou .ss. j. e .x. (p. 44)

Observemos algumas oposições:

/b/ - /p/

Pronũciasse a letra .b. antros beyços aytados lançado para fora o bafo com impeto: e quasi com baba (p. 33).

A força ou virtude do .p. e amesma q̃ a do .b. se não quetraz mays espirito (p. 34).

/k/ - /g/

.c. Pronunçiasse dobrãdo a lingua sobre os dentes queyxaes: fazendo hũ çerto lombo no meyo della diante do papo: casi chegando cõ esse lombo da lingua o çeo da boca e empedindo o espirito: o qual per força faça apartar a lingua e faças e quebre nos beyços com impeto (p. 34).

A pronunçiação do .g. e como a do .c. cõ menos força do spirito (p. 34).

/t/ - /d/

O .t. tẽ a mesma virtude do .d. com mays espirito (p. 35).

A pronũciação da letra .d. deita a lingua dos dentes d'çima com hũ pouco de espirito (p. 34).

/x/ - /j/

Ao .x. nos lhe chamados çis mas eu lhe chamaria antes xi porq̃ [...] pronunçiasse co as queixadas apertadas no meyo da boca / os dẽtes jũtos a lingua ancha dentro na boca e o espirito ferue na humidade da lingua (p. 35).

.j. consoante [...] a sua pñũciação e semelhãte a do .xi. cõ menos força (p. 36).

/f/ - /v/

A pronũciação do .f. fecha os dẽtes de çima sobre o beiço de bayxo (p. 34).

A força de .v. consoante e como a do .f. mas cõ menos espirito (p.36).

/r/ - /R/

Pronũçiasse o .r. singelo cõ a lingoa pegada nos dẽtes q̃yxaes de çima e sae o bafo tremendo na põta da lingua. Do .rr. dobrado a pronũciação e a mesma q̃ue a do .r. singelo se não q̃ este dobrado arranha mays as gẽgibas de çima: e o singelo não treme tão (p.35).

Anotemos mais algumas descrições:

O .s. singelo [...] q̃ndo a pronũçiamos aleuãtamos a põta da lingua pera o çeo da boca e o espirito assouia pellas ilhargas da lingua.

A pronũciação do .z. zine antros dentes çerrados com a lingua chegada a elles: e os beyços apartados hũ do outro: e e nossa propria esta letra.

A pronũciação do .l. lambe as gẽgibas de çima co as costas da lingua achegãdo asbordadas della os dẽtes q̃ueyxays (p. 35).

Não há fonólogo moderno que não fique impressionado com tantas minúcias descritivas, num período em que a própria noção de fonema era algo quase impensável. Assim, face à agudeza das observações de Fernão de Oliveira, Coseriu (1975:11) não lhe poupa elogios, assinalando que se trata da primeira descrição articulatória sistemática e completa do sistema de consoantes de uma língua românica, descrição que não é só a melhor de sua época mas também a melhor durante longo tempo depois de seu aparecimento.

2.3. A descrição morfológica

Os gramáticos renascentistas denominavam de *etimologia* ou *analogia* o estudo da forma da palavra (*dição*), enfocando aí muito do que hoje se inscreve dentro do escopo da morfologia. O propósito básico era o de perceber a constituição ou modo como se formam os vocábulos, bem como o de constatar regularidades no sistema lingüístico.

Infelizmente, Fernão de Oliveira não dedicou a esse nível morfológico a mesma atenção dada ao fonológico. Não elaborou, como poucos anos mais tarde o fez João de Barros, uma teoria das partes do discurso, embora tenha distinguido os verbos dos nomes, entendendo os substantivos e adjetivos como espécies desses últimos, e feito alusões aos pronomes, artigos, advérbios, preposições e conjunções. E quase nenhuma atenção deu ao estudo da sintaxe, alegando que tinha uma obra já iniciada sobre o assunto. Mas, por outro lado, sua explanação sobre os processos de flexão e formação das palavras representa uma grande contribuição ao estudo sincrônico do português quinhentista.

Basta que nos detenhamos na diferenciação que, sob este aspecto, estabelece para as palavras que compõem o léxico português. De início, ele faz uma oposição entre *dições nossas* e *dições alheias*, explicando que, enquanto estas constituem os chamados empréstimos, aquelas são os vocábulos nativos. Quanto às *dições alheias*, é de ressaltar sua atitude friamente científica, ao não pregar um purismo exarcebado mas, de modo contrário, ao admitir que elas são fonte de enriquecimento do léxico e que, por isso mesmo, aos poucos devem deixar de ser *alheias* para se tornarem *dições comuns*:

...despoys pello tẽpo a diãte cõformandoas cõ nosco chamarlhemos
nossas / porq̃ desta maneira forão as q̃agora chamamos comũs
(p.68).

Ele opta, pois, pelo aportuguesamento, desde que as palavras estrangeiras já tenham sido perfeitamente adaptadas ao sistema fonológico português:

...quando vem ter antre nos tã longe de sua terra: já lhes não lembra a sua ortografia: e nos as fazemos conformar com a melodia das nossas vozes: e cõ as nossas letras lhes podemos servir (p.30).

Ou, reforçando o mesmo princípio em outra ocasião:

...os q̃es como nossos os auemos de tratar e pronunçar e cõformar ao som da nossa melodia: e ao sentido das nossas orelhas (p. 66).

Se ainda não se transformaram em *dições comuns*, por serem muito recentes, ensina que não se deve submetê-las à ortografia portuguesa. Mas também, em vez de evitá-las, é importante usá-las, para que então possam ser devidamente aportuguesadas:

...se não qndo ainda forem tão nouas antre nos que seja neçessareo pronunçialas co a melodia de seu naçimento: mas nos trabalhemos qnto poderemos de as amasar e cõformar co a nossa (p. 51).

Tais idéias são inovadoras até em comparação com o que pensam alguns gramáticos da atualidade. E note-se que foram expressas numa época em que havia um forte sentimento de defesa e glorificação do idioma, manifestado na maioria dos textos renascentistas, inclusive na obra de Fernão de Oliveira.

Há que ressaltar ainda que a compreensão da língua como um sistema aberto e em constante renovação não se deduz só em face da tolerância em relação aos empréstimos. Mais do que isso, Fernão de Oliveira percebe que é dentro do próprio sistema lingüístico que se encontram os processos básicos de enriquecimento do léxico e classifica-os de forma bem clara e válida ainda hoje.

Com efeito, depois de contrastar as *dições novas* (neologismos) com as *dições velhas* (arcaísmos), ele opõe às palavras primitivas (*dições primeiras*) as derivadas (*dições tiradas*) e às simples (*dições apartadas* ou *singelas*), as compostas (*dições juntas*). E acrescenta uma nova oposição que bem pode ser entendida como a concepção de um novo tipo de processo de formação vocabular, distinto da derivação e da concepção. Trata-se das *dições mudadas*, que se produzem a partir das *dições próprias*. Ou seja, Fernão de Oliveira talvez tenha concebido que um vocábulo se transforma em outro, tal como ocorre no mecanismo da chamada derivação imprópria, toda vez que sofrer alteração no significado, para designar algo novo que não tem “nome ou voz própria” (p. 81) e mantém com o vocábulo de que provém uma relação de similaridade.

Em tudo, o que se destaca mais uma vez em seu discurso é a perspectiva sincrônica que norteia sua descrição da estrutura e formação dos vocábulos. Empregando com muita frequência a técnica da comutação, ele dá vários exemplos de segmentações impossíveis em virtude da falta de qualquer correlação semântica.

Assim, tomando a forma verbal *amaríamos*, explica que não se pode interpretá-la como um vocábulo composto de *ama* e *ríamos*, uma vez que, embora cada um desses elementos possa ser visto como *dição apartada* (*ama*, ‘nome de mulher q cria ou verbo imperativo’ e *ríamos* ‘pretérito imperfeito de rir’) facilmente se percebe que não há perfeita vinculação semântica. E, ao referir-se aos prefixos, que para ele fazem parte do processo de composição, sabe distinguir perfeitamente em que situação um segmento pode ou não ser isolado. Ensina que em *contrafazer* não há nenhum problema na separação dos componentes, porque ambos existem isoladamente. Mas nota que em *refazer* e

desfazer a situação é outra, porque os elementos *re-* e *des-*, se apartados, nada significam. E resolve o problema, dizendo que “abasta q̃ hũa q̃lquer daspartes da cõposição possa sinificar” (p. 71), solução que a nosso ver deve ser estendida para a isolabilidade de qualquer forma presa, conforme discutimos em Monteiro (1991).

Ainda com relação à técnica de separação dos prefixos, vale ressaltar que Fernão de Oliveira não costuma perder de vista a recorrência aos vocábulos a que eles se acrescentam. Desse modo, diz que em *apanhar*, *açoutar* e *abertura* a vogal inicial não constitui prefixo, ao contrário do que ocorre em *acorrer*, *aparecer* e *aconselhar*. A explicação que dá é correta, e parece-nos que ele também não considera prefixo a vogal protética que não modifica o significado conceitual da palavra, como em *(a)levantar* e *(a)baixar*. Deduzimos isto por causa da inclusão de *abastança* e *acerto* entre os exemplos que cita de vocábulos em que o segmento inicial não é interpretado como prefixo.

Outra observação digna de registro é a que demonstra que o mecanismo derivacional não se sujeita a regras tão previsíveis quanto o flexional. Ao discernir, apoiando-se em Varrão, as características de ambos os processos, mostra o caráter assistemático das regras de derivação, apontando lacunas e assimetrias na organização do léxico e quase formulando a hipótese do bloqueio, muito tempo antes de Aronoff (1976). Eis, a título de ilustração, a seguinte passagem:

...dizemos sarnoso e não sarnêto mas ao contrairo chamamos ao cheo d'sarapulhas sarapulhênto e não sarapulhoso. e de pedras dizemos pedregoso. mas d'area areêto. e de po nê poento nê pooso / mas ã outra figura e sinificação êpoado. [...] e os nomes verbaes: assi: tâbẽ são diferentes: porq̃ de ler dizemos lição: e de orar oração: mas de amar e honrrar dizem' amor e hõrra (p.87).

Em suma, Fernão de Oliveira tem uma visão estritamente descritiva, apontando o que de fato pertence ao uso da língua em sua época. Se há algumas falhas em sua exposição, não comprometem a coerência de sua análise ou, em geral, são mais aparentes do que reais. Nesse sentido, quando fala em declinações, fornece pistas mais do que suficientes para que entendamos que não está usando o termo com o mesmo valor de flexão casual que tinha para os gramáticos latinos. Da categoria de caso em português ele sabe muito bem que só existem vestígios: “temos casos em tres pronomes: os quaes são .eu. me. mi. tu. te. ti se. si.” (p. 102).

4. Conclusão

Qualquer leitor de Fernão de Oliveira não pode deixar de admirá-lo pela criatividade e segurança doutrinária que revela ao interpretar os fatos do português quinhentista. Tal segurança sem dúvida advém de um longo e paciente trabalho de leitura atenta das fontes em que se baseou. Só para se ter uma idéia de quantas ele consultou, enumeramos alguns autores latinos que aparecem citados: Catão, Catulo, Cícero, Diomedes, Marciano Capela, Plínio (o Velho), Probo, Quintiliano, Salústio, Suetônio, Varrão e Vitrúvio. E há outros tantos gregos, bem como o testemunho de vários portugueses, inclusive João de Barros. E há naturalmente Antônio de Nebrija, em quem muito se inspirou mas o superou.

José Pedro Machado (1945:55 s), no longo estudo preliminar que escreveu para a quarta edição das *Origens da Língua Portuguesa*, de Duarte Nunes de Leão, considera Fernão de Oliveira um dos mais importantes filólogos renascentistas. O mesmo julgamento é o de Silveira Bueno (1958:245) e Olmar Guterres da Silveira (1954). Por seu turno, Leonor Buescu (1983:15) destaca-lhe o espírito de rebeldia, em ter rompido com o conservadorismo doutrinário que imperou desde a tradição clássica greco-latina. E Coseriu (1975) faz-lhe uma louvação completa, afirmando que não há em toda a Renascença um gramático que possa superá-lo, tal a agudeza de suas observações e a solidez de suas teorizações.

Talvez seja o caso de lembrarmos agora que a lingüística experimentou um grande avanço com a descoberta de Pânini. E a obra de Fernão de Oliveira quase nos dá a convicção de que certos problemas que angustiam os lingüistas do presente poderiam ter uma luz mediante a leitura dos gramáticos do passado. Que eles, sim, sentiram a nossa língua quase no instante de sua formação.

Referências bibliográficas

- ARONOFF, Mark (1976). *Word Formation in Generative Grammar*. Cambridge, Massachussets, MIT.
- BARRETO, Ioam Franco (1671). *Ortografia da Lingva Portuguesa*. Lisboa, Officina de Ioam da Costa. 279 p.
- BARROS, João de (1540). *Gramática da Língua Portuguesa; Cartinha, Gramática, Diálogo em louvor da nossa linguagem e Diálogo da Viciosa Vergonha*. Reprod. facsim., leit., introd. e anot. por Maria Leonor Carvalho Buescu. Lisboa, Faculdade de Letras, 1971. 482 p.

- BESSA, J. Rogério F. (1979/80). "A formação de palavras na visão dos gramáticos portugueses do século XVI". *Revista de Letras*. Fortaleza, 2/3 (2/1): 32-58.
- BUENO, F. da Silveira (1958). *A Formação Histórica da Língua Portuguesa*. 2ª ed. Rio de Janeiro, Acadêmica.
- BUESCU, M. Leonor Carvalhão (1983). *Babel ou A Ruptura do Signo: a gramática e os gramáticos portugueses do século XVI*. Lisboa, Imprensa Nacional – Casa da Moeda. 363 p.
- COSERIU, Eugenio (1975) *Sprache und Funktionalität bei Fernão de Oliveira*. *The History of Linguistics*. Lisse/ Netherlands, Peter de Ridder Press. 26 p.
- FREEMAN, Ludmila Cermak (1965). *A History of Portuguese Orthography since 1500*. University of Pennsylvania. 123 p. (Tese de Doutorado)
- GÂNDAMO, Pêro de Magalhães de (1574). *Regras que Ensinam a Maneira de Escrever e Orthographia da Lingua Portuguesa*; com hum Dialogo que a diante se segue em defensam da mesma lingua. Ed. prep. por Maria Leonor Carvalhão Buescu. Lisboa, Officina de Antonio Gonsalvez., 1981. XX + 72 p.
- HART Jr., Thomas (1955). "Notes on sixteenth-century portuguese pronunciation". *Word*, France, 11(3):404-15.
- (1959). "The overseas dialects as sources for the history of portuguese pronunciation". Separata das *Actas do III Colóquio Internacional de Estudos Luso-Brasileiros*. Lisboa, 1:261-72.
- HENRIQUES, Aníbal Ferreira (1933). "Breves notas sobre Fernão de Oliveira e a sua Gramática". In: OLIVEIRA, Fernão de (1536). *Grammatica da Lingoagem Portuguesa*. 3ª ed. prep. por Rodrigo de Sá Nogueira. Lisboa, José Fernandes Jr., pp. 113-42.
- LIÃO, Duarte Nunes do (1576). *Orthographia da Lingoa Portvgvesa*. Lisboa, João de Barreira impressor. 78 fol.
- (1606). *Origem da Lingua Portuguesa*. 4ª ed. prep. por José Pedro Machado Craesbeeck. Lisboa, Pedro de Azevedo, 1945. 363 p.
- LOURO, Estanco (s/d). *Gramáticos Portugueses do Século XVI*: F. de Oliveira, J. de Barros, P. de M. de Gândamo, D. N. de Leão. Lisboa, Ressurgimento. 31 p.
- MONTEIRO, José Lemos (1989). "Dialetoлогия e diacronia". *Revista de Letras*. Fortaleza, 14 (1/2): 183-203.

- (1991). *Morfologia Portuguesa*. 3ª ed. São Paulo, Pontes, 1991. 220 p.
- (1995). “A Ortografia de Álvaro Ferreira de Vera”. *Letras*. Campinas, 14 (1/2) : 186-208.
- NAGEL, Rolf von (1969). “Die Orthographieregeln das Pêro de Magalhães de Gândavo”. In: *Aufsätze zur portugiesischen Kulturgeschichte*. Herausgegeben von Hans Flasche, Aschendorffsche Verlagsbuchhandlung, Münster Westfalen, 9:110-35.
- NEBRIJA, Antonio de (1492). *Gramatica Castellana*. Texto establecido sobre a edição *princeps*, introd. e notas de Pascual Galindo Romeo e Luis Ortiz Muñoz. Madrid, Ed. de la Junta del Centenario, 1946. 303 p.
- OLIVEIRA, Fernão de (1536). *Grammatica da Linguagem Portuguesa*. 2ª ed. publ. por diligências e trabalho do Visconde D’Azevedo e Tito de Noronha. Porto, Imprensa Portuguesa, 1871. 120 p + VIII.
- (1536). *Grammatica da Lingoagem Portuguesa*. 3ª ed. prep. por Rodrigo de Sá Nogueira, seguida de um estudo e de um glossário de Aníbal Ferreira Henriques. Lisboa, José Fernandes Jr., 1933. 142 p.
- (1936). A “*Grammatica*” de Fernão D’Oliveyra. Texto reprod. da 1ª. ed. por Olmar Guterres da Silveira. Rio de Janeiro, Colégio Pedro II - Tese de Concurso, 1954.
- (1936). A *Gramática da Linguagem Portuguesa*. Introd., leit. atual. e notas por Maria Leonor Carvalhão Buescu. Lisboa, Imprensa Nacional – Casa da Moeda, 1975. 145 p.
- PINTO, Rolando Morel (1962). “Gramáticos Portugueses do Renascimento”. Separata da *Revista de Portugal*. Lisboa, 27:286-303.
- REVAH, I. S. (1958a). “João de Barros”. *Revista do Livro*. Rio de Janeiro, p. 61-71.
- (1958b). “L’évolution de la prononciation au Portugal et au Brésil du XVI^e siècle à nos jours”. *Anais (do) Primeiro Congresso Brasileiro de Língua Falada no Teatro*. Rio de Janeiro, Biblioteca Nacional; MEC. pp. 387-402.
- (1959). “Comment et jusqu’à quel point les parlers brésiliens permettent-ils de reconstituer le système phonétique des parlers portugais des XVI^e - XVII^e siècles”. Separata das *Actas do III Colóquio Internacional de Estudos Luso-Brasileiros*. Lisboa, 1:273-91.
- TEYSSIER, Paul (1966). “La prononciation des voyelles portugaises au XVI^{ème} siècle d’après le système orthographique de João de Barros”. *Annali* –

Atti del Secondo Convegno Italiano di Studi Filologici e Storici Portoghesi e Brasiliani. Napoli, Instituto Universitario Orientale, 8(1):127-97.

VÉRA, Álvaro Ferreira de (1631). *Orthographia ou Modo para Escrever Certo na Lingua Portuguesa*. Lisboa, Mathias Rodriguez. 48 fol.

VERNEY, Luís Antônio (1746). *Verdadeiro Método de Estudar*. Ed. org. por Antônio Salgado Jr. Lisboa, Sá da Costa, 1949, v. I. 278 p.

HONRAR O PORTUGUÊS COMO LÍNGUA MATERNA

Francisco Gomes de Matos
UFPE

Olavo Bilac, “príncipe dos poetas brasileiros”, legou-nos expressiva obra e muitos pensamentos inspiradores, dentre os quais a célebre exortação *Ama com fé e orgulho a terra em que nasceste*. Para os professores de português como língua materna, implícita naquela afirmação está a frase *E a língua que herdaste*. Com efeito, é através da aquisição e do uso da língua portuguesa que cada pessoa integrante da Comunidade dos Países de Língua Portuguesa – CPLP – constrói sua identidade lingüística *transnacional* e pode desfrutar de seus direitos e cumprir seus deveres comunicativos. Neste final de século XX, significativamente marcado pela proclamação, em Barcelona (06/06/1996), da *Declaración Universal de Derechos Lingüísticos* (disponível através da Internet em <http://www.troc.es/mercator/dudl-bg.htm>), compete-nos indagar:

Temos sabido honrar o Português como nossa língua materna?

À luz dos princípios oriundos de nossa *Pedagogia da Positividade: Comunicação Construtiva em Português* (Recife, Editora da UFPE, 1996), formulemos uma resposta, aqui modificada, originalmente apresentada em Oficinas Pedagógicas para Professores de Português. O formato adotado para essa exemplificação é o da *lista para reflexão e aprofundamento*, elaborada sem a intenção de hierarquizar itens quanto à sua relevância, pois percebemos os *deveres profissionais dos professores* como intercomplementares, num conjunto sistêmico. Como toda enumeração, a seguinte é aberta, cabendo à criatividade dos colegas ampliá-la, a fim de que mais abrangentemente reflitam os contextos educativos em que interagem com seu *próximo lingüístico: os alunos*. Com base na crença de que o *comunicar é compartilhar*, poderiam os colegas desafiar seus alunos a explicitarem como eles estão/deveriam estar honrando sua língua materna. Assim, em espírito de partilha e cooperação, poder-se-ia chegar a uma percepção integrada, coletiva – *alunos e professor(a)* – da questão aqui tratada, para o devido aproveitamento durante o ano letivo, pois as implicações de um levantamento atitudinal dessa natureza serão facilmente identificadas e postas em prática na sala de aula e em outros contextos.

Uma lista para reflexão e (inter)ação. Pergunte-se:

Como professor(a) de português língua materna, sei honrar meu idioma nacional, cumprindo as responsabilidades abaixo:

(1) Referir-se à Língua Portuguesa, à aprendizagem e ao ensino da mesma, *sempre positivamente*, na Escola e em outros contextos de interação social e profissional.

(2) Ser modelar como usuário de Português, ao falar e ao escrever, versatilizando e adequando seus usos, como *um poliglota em sua própria língua*, para citar o pensamento lapidar de Evanildo Bechara.

(3) Ser um usuário confiante, esclarecido, crítico mas empático, de obras de referência e de uso escolar, como dicionários, gramáticas, histórias da língua, manuais de estilo, livros didáticos e outros recursos auxiliares do ensino-aprendizagem.

(4) Pertencer a uma associação de classe – municipal, estadual ou nacional – na qual a busca permanente de uma maior eficácia no ensino do Português esteja alicerçada na reivindicação de direitos humanos profissionais (econômicos, sociais, culturais, lingüísticos). Dispomos no Brasil de algumas entidades promotoras de ensino e pesquisa cada vez mais relevantes e produtivos: três exemplos brasileiros são o Instituto de Pesquisas Lingüísticas Sedes Sapientiae para Estudos de Português (fundado pela saudosa professora Madre Olívia), na PUC-SP; o Instituto de Língua Portuguesa do Liceu Literário Português (Rio de Janeiro) e a Sociedade Brasileira de Língua e Literatura (Rio de Janeiro). Registre-se que já existe uma Sociedade Internacional Português Língua Estrangeira – SIPLE – atualmente sediada na Universidade Federal Fluminense e que a criação de uma Associação Brasileira de Professores de Português (Língua Materna) está próxima de tornar-se realidade.

(5) Conscientizar-se da crescente importância mundial da língua portuguesa: demograficamente somos a sexta língua com maior número de usuários nativos (170 milhões). Usamos o idioma de uma comunidade, a CPLP – que já dispõe de uma Associação das Universidades de Língua Portuguesa – AULP. Esta publica uma utilíssima Revista Internacional de Língua Portuguesa (Lisboa). Registre-se que o Brasil está prestes a lançar, sob os auspícios do Ministério da Educação e do Desporto, um Exame de Proficiência de Português para Estrangeiros – Projeto CELPE-Bras, da Secretaria de Ensino Superior – SESU. Esforços para a internacionalização de nossa língua estão sendo empreendidos em vários países, através de entidades públicas e também privadas. Lembraríamos o trabalho feito pelos Leitorados (portugueses e brasilei-

ros) e pelos Centros de Estudos Brasileiros. Cabe, também, lembrar o papel importante que cada cidadã(o) da CPLP deve desempenhar, ao visitar outros países que não de língua portuguesa: o de promotor(a) de nosso idioma e da respectiva cultura. Assim, o milhão de brasileiros residentes nos Estados Unidos poderia constituir uma atuante comunidade, em favor de nossa difusão lingüística nos currículos escolares, principalmente o universitário. Igualmente estratégico é contribuir para a implantação de cursos de Português para fins Profissionais, cuja demanda tende a crescer, no contexto do Mercosul.

(6) Empenhar-se em cumprir suas responsabilidades comunicativas da maneira mais dignificante e edificante, aplicando o princípio de que o *comunicar-se bem em português* também significa *comunicar-se para o bem interpessoal, comunitário*. Saber optar por um vocabulário construtivo, que reflita valores éticos, morais, espirituais e que contribua para uma *paz comunicativa* entre pessoas, grupos, comunidades. Para isso, muito poderá contribuir uma percepção esclarecida dos valores das variantes (de pronúncia, de grafia e sintáticas, semânticas, pragmáticas), particularmente as *problemáticas*. Cf. a propósito o inspirador livro de Emmanuel dos Santos, *Certo ou Errado? Atitudes e Crenças no Ensino da Língua Portuguesa*. Rio, Graphia Editorial, 1996.

(7) Desafiar-se a ensinar a língua e literatura de maneira integrada, motivando os alunos a lerem prazerosamente, ao mesmo tempo que identificam propriedades discursivas de textos. Promover o gosto pela leitura é, ao mesmo tempo, motivar para a descoberta de nossas criações literárias em língua portuguesa.

(8) Selecionar material didático com base em perspectivas interdisciplinares que reflitam cosmovisões e realidades atuais. Os novos Parâmetros Curriculares Nacionais orientam sobre essa interdisciplinaridade, tanto no trabalho pedagógico quanto no trato de temas ali chamados de *transversais*: questões de natureza ética, moral, ecológica, política, tudo em benefício do(a) cidadã(o) como portador de *de direitos* e das correspondentes *responsabilidades*.

(9) Conviver com os alunos numa atmosfera de compreensão, respeito mútuo, cooperação e oportunidade de co-crescimento como usuários de língua portuguesa. O avaliar o desempenho lingüístico – mais que um simples atribuir notas ou conceitos – pode ser humanizado, através de propostas de trabalho que propiciem, aos alunos, oportunidades de *aprender refazendo, relendo, re-escrevendo*, sendo reconhecidos e incentivados por essas releituras e reescrituras.

(10) *Orgulhar-se de sua identidade lingüística*, pois como tão bem expressou Eça de Queirós, *Na língua verdadeiramente reside a nacionalidade* (A Correspondência de Fradique Mendes, 1900).

Retomemos e parafraseemos o inspirador pensamento Bilaquiano:

Saibamos honrar com fé e profissionalismo nossa terra, nossa cultura, nossa língua materna, o Português.

REGISTRO BIBLIOGRÁFICO

CARNEIRO, Agostinho Dias (Org.). *O Discurso da Mídia*, Rio de Janeiro, Oficina do Autor, 1996, 154 p.

O presente volume contém os seguintes ensaios ou artigos: “Para uma nova análise do discurso”, por Patrick Charaudeau; “Processo Enunciativo: análise de alguns atos de linguagem”, por Giani David Silva / Hugo Mari / Paulo Henrique A. Mendes; “Discurso e informação televisionada: evoluções estratégicas”, por Guy Lochard; “Jornal televisivo: estratégias argumentativas na construção da credibilidade, por Maria Aparecida Lino Pauliokonis / Leonor Werneck dos Santos / Sigrid Castro Gavazzi; “Análise discursiva de um gênero televisual: a entrevista no talk show Jô Soares 11 e Meia”, por Ida Lúcia Machado; “Argumentação no jornalismo escrito”, por José Carlos Santos de Azeredo / Regina Célia Cabral Angelim; “Contribuição ao estudo do modo argumentativo de organização do discurso: análise de um texto jornalístico”, por Helênio Fonseca de Oliveira; “Discurso e mensagens publicitárias”, por Jean-Claude Soulages. Note-se a extensão dos títulos de alguns artigos e a tendência para a pluricolaboração. Dois dos autores supracitados, Patrick Charaudeau e Jean-Claude Soulages são franceses e tiveram os textos traduzidos para o português. Os demais são brasileiros. Convém observar que a palavra *mídia* é grafia da pronúncia inglesa do vocábulo *media*. *Media* é o plural latino de *medium* e significa simplesmente “meios”. A nossa pronúncia *média* está muito mais próxima da latina do que a anglicana *mídia*. Já que não somos anglófonos e sim lusófonos, vamos libertar-nos desse colonialismo cultural, que só nos deprecia, e escrever e dizer *média*.

O presente volume, como se vê, é uma coletânea de trabalhos referentes à análise do discurso, versão modernizada da lingüística da *parole* já anunciada por Saussure, disciplina que, aliás, ainda não tem objeto nem metodologia definidos.

*

BARROSO, Henrique. *O Aspecto Verbal Perifrástico em Português Contemporâneo (visão funcional / sincrônica)*, Porto, Porto Editora, 1994, 187 p.

Embora um pouco tardiamente (mas não faz muito o presente volume nos chegou às mãos), pela atualidade do tema e pelo seguro tratamento que lhe deu o autor (no Prefácio, o Prof. Doutor Herculano de Carvalho o considera de “real mérito”), o presente estudo tem lugar neste Registro.

A categoria verbal do aspecto se apresenta formalmente diferenciada em várias línguas, quer pelo radical (temas do *infectum* e do *perfectum*, em latim), quer pela. afixação (em russo as formas verbais do *perfectivo* são prefixadas e as do *imperfectivo*, não).

Nas línguas românicas a categoria do aspecto não é caracterizada por um processo morfológico, como o acima descrito, e sim lexicologicamente, por meio de verbos ditos “auxiliares”. Todavia o Prof. Mattoso Câmara Jr., em *História e Estrutura da Língua Portuguesa*, sustenta que “A oposição entre aspecto perfeito e imperfeito mantém-se intacta* na primeira zona pretérita, onde se distinguem mórfica e semanticamente uma forma como *amabas*, port. *amavas*, e outra como *ama(ui)sti*, port. *amaste* (1975:131)”.

O Prof. Barroso salienta, no título, que o seu estudo é “sincrônico e funcional”, mas não deixa de incluir no trabalho, um capítulo, o IV, ainda que breve, sobre a “Origem das perífrases verbais aspectuais”.

Em sua bibliografia tematicamente selecionada inclui vários autores brasileiros, como Said Ali, Celso Cunha, Gladstone Chaves de Melo, Mattoso Câmara Jr., Ataliba T. de Castilho. Dentre os autores de textos utilizados na exemplificação, há também brasileiros: Machado de Assis, José Lins do Rego, Érico Veríssimo. O modelo teórico e metodológico escolhido foi o do Prof. Eugênio Coseriu e o de seu antigo discípulo Wolf Dietrich.

Adverte o Prof. Barroso que o grupo perifrástico é sempre constituído por um verbo auxiliar, que se conjuga integralmente, e um verbo auxiliado, que só pode aparecer em suas formas nominais: infinitivo, gerúndio ou part. passado (p. 59). Estuda a seguir a realização gramatical do aspecto verbal. Reparte essa realização em a) de expressão flexional e b) de expressão perifrástica. Considera esta última como “a realização ótima da categoria do aspecto em português contemporâneo”. O capítulo central é o III, que praticamente repete o título da obra. Aí distingue o A. os seguintes tipos de aspecto: a) *Visão paralizadora* (seis subcategorias), b) *Fase* ou *Grau* (sete subcategorias), c) *Colocação* (três subcategorias), d) *Repetição* (uma subcategoria; aqui a subcategoria se confunde com a categoria), e) *Duração* (uma subcategoria (idem), f) *Resultado* (duas subcategorias), g) *Cumprimento* ou *Acabamento*.

Como se vê, classificação minuciosa, que revê um espírito preocupado em não deixar incompleta a sua análise. Realmente trabalho meritório, como já acentuara o Prof. Herculano de Carvalho, que se há de incorporar à bibliografia básica respeitante ao aspecto verbal em português.

*

ANAIS DO XXVIII CONGRESSO BRASILEIRO DE LÍNGUA E LITERATURA, Rio de Janeiro, Sociedade Brasileira de Língua e Literatura, 1996, 258 p.

Contou o presente número com o apoio Cultural da FAPERJ, UERJ e Fundação Calouste Gulbenkian.

O Congresso teve de dividir-se em várias secções, a saber: A - Homenagem ao escritor português Pedro Tamen; B - Teoria da Literatura; C - Língua Portuguesa e Crítica Textual; D - Estudos Camonianos; E - Estudos Galego-Portugueses; F - Análise Iconográfica e Cancioneiro Popular; G - Temas de Literatura Portuguesa e Literatura Brasileira; e mais duas partes, sob forma de Apêndice: I - Literaturas Africanas e II - Línguas Indígenas Brasileiras, constante este de um só trabalho, o da Prof^a Ionne Leite: "As línguas da família tupi-guarani: uma proposta de análise".

Um tanto a esmo, e só para dar ao leitor uma idéia do conteúdo destes *Anais*, enumeraremos alguns artigos, pois nos falta espaço que evitasse omissões: "Psicanálise e Memória", por Antônio Sérgio de Mendonça; "O discurso feminino e a transgressão", por Helena Parente Cunha; "A palavra *Crítica*", por Luiz Costa Lima; "A moderna Crítica Textual, o problema das variantes formais e o *usus scribendi* de Camões"; por Barbara Spaggiari; "Sobre a Crítica Textual moderna: fator dinâmico e recodificação", por Maurizio Perugi; "Sobre as atuais dimensões da Crítica Genética", por Philippe Willemart; "Palavras iniciais sobre os estudos galego-portugueses"; por Reynaldo Valinho Alvarez; "Estudos galego-portugueses em pauta no Dia de Santiago", por Maria do Amparo Tavares Maleval; "Comicidade e sátira no cancioneiro de Noel Rosa"; por Antônio Martins de Araújo e Castelar de Carvalho; "O teatro do Padre Anchieta: recursos dramáticos para a evangelização", por Nicolás Extre Tapia e Ouísa Trias Folch"; "As vozes da narrativa no romance MAÍRA", de Darcy Ribeiro, por Leodegário A. de Azevedo Filho; "MAYOMBE, uma epopéia angolana", por Rosita Silveirinha Paneiro Corrêa.

À Sociedade Brasileira de Língua e Literatura e ao seu Presidente, Prof. Dr. Leodegário A. de Azevedo Filho, os nossos parabéns por mais essa etapa brilhantemente vencida na vida da SBL, a caminho da terceira década de existência.

*

DORIA, Escragnolle. *Memória Histórica do Colégio de Pedro Segundo*, Brasília, Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Nacionais, 1997, 302 p.

Em 1937 completava o Colégio Pedro II o primeiro centenário de sua fundação. Como parte das comemorações, escreveu o eminente historiador Escragnolle Doria, então catedrático da Instituição, a supracitada *Memória Histórica*, que em pouco se esgotou. Em 1990, o Prof. Antônio José Chediak, Diretor-Geral do Colégio, sentindo a necessidade da recuperação de tão importante obra., houve por bem nomear uma Comissão presidida pelo Catedrático Emérito, Prof. Roberto Bandeira Accioli, com a finalidade de reeditar o trabalho esgotado e dar-lhe continuidade até à época presente (ou seja, de 1938 em diante). Terminado, porém, o seu mandato, coube ao Prof. Wilson Choeri, atual Diretor-Geral, dar continuidade ao Projeto, que agora veio a lume, em primorosa edição do INEP, graças em boa parte à eficiência de seu Presidente, Profª Maria Helena Guimarães de Castro.

Divide-se a *Memória* nas seguintes partes: Prefácio (Wilson Choeri), Apresentação, Projeto de Atualização da Memória. Histórica do Colégio Pedro II, Luiz Gastão d'Escragnolle Doria: Apontamentos Biobibliográficos, Bibliografia de Escragnolle Doria, Texto da publicação original de 1937, Índice Onomástico.

Esta publicação se torna peça da maior importância para o estudo da história da educação no Brasil, onde o Pedro II ocupa posição exponencial, pelo alto nível cultural do seu corpo docente que lhe permitiu conceder o título de Bacharel em Ciências e Letras, aos alunos que se tivessem alçado ao sexto ano, coroamento dos estudos de nível médio (ainda não dispúnhamos de curso superior de Letras). Privilégio que desfrutava por ser o estabelecimento padrão de ensino médio para todo o país.

*

150 anos com EÇA DE QUEIRÓS. *Anais do III Encontro Internacional de Queirosianos*, Centro de Estudos Portugueses, USP, São Paulo, 1997, 735 p.

Eça de Queirós foi um dos escritores mais lidos e admirados no Brasil em sua época e ainda hoje conta com grande número de devotos e estudiosos de sua obra. Este alentado volume, resultante das atividades culturais do III Encontro Internacional de Queirosianos, promovido pelo Centro de Estudos Portugueses, da Universidade de São Paulo, é disso demonstração.

O volume contém todos os trabalhos entregues para publicação (em número de 86), que focalizaram os mais diferentes aspectos da produção literária do celebrado ficcionista. Compareceram professores e pesquisadores de Por-

tugal, da Itália, da França, da Inglaterra e também, como é óbvio, de vários Estados do país. Na sessão de abertura, falaram Elza Miné (Brasil) e Carlos Reis (Portugal) e, na de encerramento, Eduardo Lourenço (Portugal) e Isabel Pires de Lima (Portugal). Na preparação dos textos, optou-se pelo respeito tanto às normas ortográficas brasileiras como às portuguesas, consoante a grafia dos originais. O mesmo em relação à forma de grafar Eça de Queirós/Queiroz.

O evento contou com a participação assídua de escritores, professores, estudantes, além de grande número de interessados.

*

HISTORIA E ANTOLOGIA DA LITERATURA PORTUGUESA (Séculos XIII-XIV), Fundação Calouste Gulbenkian, Serviço de Biblioteca e Apoio à Leitura, Série HALP, n° 2, junho 97; n° 3, setembro 97, Lisboa.

Consta a Série HALP de Fascículos ou Boletins distribuídos gratuitamente com o *Jornal de Letras*, de Lisboa, o melhor jornal literário do momento em língua portuguesa. Precedem o texto antológico “Notas Prévias” assinadas por Isabel Allegro de Magalhães, a quem incumbe a editoração dos fascículos. Trata-se, neste primeiro fascículo, de tentativa de divulgação da poesia medieval portuguesa, sem prejuízo de sua feição científica. Da “Nota Prévia” do 1º fasc., colhemos as seguintes informações: a) De 500 e poucas *Cantigas d’Amigo*, foram selecionadas 73; b) De quase 700 *Cantigas d’Amor*, escolheram-se 20; c) Das 431 *Cantigas d’Escarnho e Maldizer*, extraíram-se 75. Os textos das *Cantigas d’Amigo* foram retirados da edição Rip Cohen, de próxima publicação (o editor cedeu os textos, como amostragem, à presente Antologia); os das *Cantigas d’Amor* seguem as edições críticas de Carolina Michaëlis de Vasconcelos e de José Joaquim Nunes, e os das *Cantigas d’Escarnho e Maldizer*, a de Manuel Rodrigues Lapa, edição revista e aumentada de 1970, nova publicação em 1995. Incluem-se também 12 *Cantigas de Santa Maria*, de Afonso X, o Sábio, na ed. Walter Mettman, 1ª 1959-1972, 2ª 1986-89. Acompanha um *Glossário*, retirado ou adaptado dos seguintes glossários: de J.J. Nunes, nas edições críticas das *Cantigas d’Amigo* e *d’Amor*; de Rodrigues Lapa, na ed. crítica das *Cantigas d’Escarnho*; de Walter Mettman, nas *Cantigas de Santa Maria*; de Carolina Michaëlis, edição crítica do *Cancioneiro da Ajuda*, isso quanto ao primeiro Boletim.

O segundo fascículo é dedicado à prosa. Contém textos do *Livro de José de Arimatéia* (extraído da antologia de Helder Godinho *A Prosa Medieval Portuguesa*; o texto pertence à edição de Ivo Castro, ainda no prelo, por cessão especial do autor); da *Demanda do Santo Graal* (extraído da edição de Irene Freire Nunes); *Horto do Esposo* (extraído da ed. crítica de Bertil Maler), *Bí-*

blia Medieval Portuguesa: Histórias d'Abreviado do Testamento Velho, segundo o Mestre das Histórias Escolásticas (extraído de texto apurado por Serafim da Silva Neto, vol. I); *Vidas e Paixões dos Apóstolos* (texto extraído da edição crítica de Isabel Vilares Cepeda); *Vida de Társis* (Ms. alcobacense, texto crítico de Ana Maria Martins, em *Rev. Lus. Nova Série* (4), 1982-83, p. 16-17); *A Vida de uma Monja* (Ms. alcobacense, a mesma fonte do anterior, p. 18-19).

Há breves estudos introdutórios, a saber: *Aspectos da Prosa Medieval Portuguesa*, por Hélder Godinho (excerto); *Novela de Cavalaria*, por Ettore Finazzi-Agró; *Matéria da Bretanha ou Literatura Arturiana*, por Ivo Castro; *Introdução à edição de "A Demanda do Santo Graal"*, por Irene Freire Nunes; *O "Horto do Esposo"*, por Mário Martins; *Bíblia*, por José Antunes, e *Hagiografia*, por Aires Augusto Nascimento.

O *Glossário* é extraído dos que estão nas edições da *Demanda do Santo Graal*, na *Estoria de Dom Nuno Alvrez Pereyra* e na *Antologia da Prosa Medieval*, organizada por Hélder Godinho. Finaliza uma "Bibliografia Sumaria".

Só nos resta louvar mais uma vez essa desinteressada contribuição da Fundação Calouste Gulbenkian à cultura portuguesa, que tanto já lhe deve.

*

FEIJÓ SOBRINHO, Pedro da Silva. *Comunidade dos Países de Língua Portuguesa*, Rio de Janeiro, Revan, 1997, 206 p.

Consta o presente volume de um Prefácio, Introdução, seis capítulos (I- As transformações mundiais; II- As relações culturais da CPLP; III- As relações político-diplomáticas da CPLP; IV- As relações econômicas da CPLP; V- Os fatores endógenos e exógenos e as possibilidades de cooperação multiforme da CPLP; VI - Considerações finais), sete Anexos, Notas, Bibliografia.

O Autor é natural de Angola, mestre em Relações Internacionais pela Universidade de Brasília e Bel. em Ciências Sociais pela Escola Superior do Partido Dr. Agostinho Neto, de Angola.

O Prefácio, intitulado "A CPLP: um processo em construção" é assinado por Fernando Augusto Albuquerque Mourão. O livro, com pequenas alterações, reproduz a dissertação apresentada ao Instituto de Ciência Política e Relações Internacionais da Universidade de Brasília, para obtenção do grau de Mestre.

Pode-se tomar como ponto de partida para a institucionalização da CPLP o Tratado de Amizade e Consulta assinado por Portugal e Brasil em 1955. Criava-se assim o eixo que iria possibilitar a emergência oficial da Comunidade. O segundo passo foi o da criação de um Instituto Internacional da Língua

Portuguesa, em São Luís do Maranhão, Brasil, em 1989, sob a inspiração do Embaixador José Aparecido de Oliveira, com a presença de Chefes de Estado do Brasil, Portugal e países africanos. Em 1992, Portugal criava o Instituto Camões, destinado a “protagonizar uma resposta integrada e moderna aos imperativos de defesa da língua e valorização da cultura portuguesa”. Realizaram-se depois varias reuniões entre Ministros da Educação e Cultura dos sete países da Comunidade, como fases preparatórias para a institucionalização da Comunidade. Finalmente, em 17 de julho de 1996 dá-se em Lisboa a institucionalização da Comunidade.

Temos de reconhecer que a criação da CPLP logrou fraca repercussão entre os países supostamente interessados. Todavia a maré montante da globalização, ameaçando engolir soberanias e culturas, irá tornando cada vez mais imperiosa e almejada a consubstanciação dessa união de valores arraigados no solo de uma história comum. E, para isso, o presente volume vem trazer alento e confiança.

*

MARQUES, Núbia. *João Ribeiro Sempre*, Aracaju, Universidade Federal de Sergipe, 1996, 226 p.

Consta o presente livro de cinco capítulos, a saber: O pensamento de João Ribeiro, O que pensam sobre João Ribeiro, João Ribeiro vida e obra, Auto-retrato de João Ribeiro. Segue-se Bibliografia.

João Ribeiro, autor sergipano, bem merece a atenção e carinho de seus conterrâneos. Muito estudou, muito aprendeu, a sua inteligência e cultura tornaram-no um dos vultos mais eminentes de nossa galeria de sabedores, mormente levando em conta o meio acanhado de então (datas extremas: 1860-1934), mesmo vivendo no Rio de Janeiro, então capital do país. Grande parte de sua vida dedicou-a ao jornalismo, sempre mal pago, mas do qual necessitava para suprir seus meios de subsistência. Nunca foi estritamente um neogramático, embora não se tivesse descurado da fonética histórica. Mas o que mais o empojava era surpreender a criatividade na linguagem. Daí o seu, pendor para os estudos folk-lóricos, a paremiologia, os ditos populares. Conhecia, no entanto, muito bem os clássicos e foi mesmo um precursor entre nós desses estudos com a sua *Seleção Clássica*. O que não obstou a que, mais tarde, em *A Língua Nacional*, tivesse declarado ser a língua portuguesa no Brasil livre em seus próprios movimentos; aliás são conhecidas as suas tendências pró-idealismo vossleriano. Tristão de Athayde, em *Primeiros Estudos*, chegou a dizer que João Ribeiro escrevia história com idéias e não com os fatos. E o disse como elogio e não como censura. Quis assim distinguir o historiador do historiógrafo.

É esse escritor polimorfo (ou polígrafo, como preferem outros), que nos traz agora a Profª Núbia Marques, num preito de admiração, saudade e justiça. Como quase simultaneamente o fizera Hilma Ranauro, em sua competente e bem documentada *Contribuição à Historiografia dos Estudos Científicos da Linguagem no Brasil*. É o João Ribeiro redivivo, para falar com Antônio Houaiss.

*

LIMA, Sônia Maria van Dijck & FIGUEIREDO Jr. *Cartas de Gilberto Freyre*, João Pessoa, FUNESC, 1997, 75 p.

Trata-se da correspondência passiva entre Gilberto Freyre e José Lins do Rego, ao todo 116 cartas escritas no período entre 1924 e 1956. O trabalho faz parte de um Projeto denominado “Ateliê de José Lins do Rego”, coordenado pela Profª Sônia Maria van Dijck Lima, e é constituído pelo catálogo das cartas enviadas por GF a JLR no período supracitado. As cartas pertencem à Fundação Espaço Cultural da Paraíba, que as recebeu por doação do saudoso romancista. A essas cartas apôs a Profª Sônia Maria esclarecedoras notas de pesquisa, que enriquecem a coletânea. Este é o quarto volume de uma série dos catálogos do arquivo José Lins do Rego.

O empenho da Universidade Federal da Paraíba em manter viva a memória cultural brasileira só merece louvores, agora com este, volume entregue à competência dos professores Sônia Maria van Dijck Lima e Nestor Figueiredo Jr.

*

ARAGÃO, Maria do Socorro Silva de & SOARES, Maria Elias (org.). *A Linguagem Falada em Fortaleza* (Diálogos entre Informantes e Documentadores), Mestrado em Lingüística e ensino da língua portuguesa, Centro de Humanidades, Universidade Federal do Ceará, Fortaleza, 1996, 483 p.

Consta o presente volume das seguintes partes: Apresentação, pelas Coordenadoras; Histórico do *Projeto Dialeto Sociais Cearenses*; Organização das Entrevistas; Normas de Transcrição; Transcrição das Entrevistas (o corpus do trabalho). O breve histórico do Projeto é da autoria da Profª Cláudia Roncarati.

O objetivo do Projeto é a criação de Bancos de Dados disponíveis para estudos de alunos, professores e pesquisadores. Com base nos dados já acumulados, está sendo desenvolvido o projeto “Despalatalização e Conseqüente

iotização no falar de Fortaleza” (*trabaiá* por *trabalhar*, p. ex.) e se acham já elaborados dois novos projetos: “As vogais pretônicas no falar de Fortaleza” e “As proparoxítonas na linguagem popular de Fortaleza”. Na “Apresentação”, falam as coordenadoras num “acervo dos mais significativos para o estudo dos falares cearenses”, o que parece alargar o âmbito da pesquisa do socioleto para o dialeto. Quanto aos entrevistados devem ter de 10 a 43 anos, não ter nenhuma instrução (analfabetos) ou possuí-la do 1º grau (primário e ginásio) até o 2º grau (não entra o nível superior). A classe social é B (média) ou C (baixa). Como a pesquisa tem em vista a língua falada, pode-se dizer que o material colhido pertence ao nível coloquial distenso, para falar com Mattoso Câmara Jr.

Percorrendo rapidamente o material coligido, encontramos formas coloquiais como *né* (por *não é*), *tá* (por *está*), *assistir uma parte* (por *a uma*), *lá não tem* colégio (por *não há*), *Se arruma* (por *Arrume-se*), entre várias outras. Como se vê, “incorrekções” iguais às praticadas por falantes do mesmo nível de instrução do Rio de Janeiro (e certamente de quase todo o Brasil). O que confirma, mais uma vez, a observação pré-documental da unidade lingüística do Brasil, mesmo em nível coloquial.

Maria do Socorro Aragão e Maria Elias Soares são dois expressivos exemplos da seriedade dos estudos e pesquisas que vem desenvolvendo Universidades do Nordeste, como as federais da Paraíba e Ceará.

*

CULTURA, *Revista de História e Teoria das Idéias* (II Série). Publicação, anual do Centro de História da Cultura da Universidade Nova de Lisboa, vol. VIII, 1996, 280 p.; vol. IX, 1997, 450 p.

A revista foi fundada em 1982 pelo Prof. José Sebastião da Silva Dias e agora inicia nova fase. Seu atual Diretor é o Prof. José Esteves Pereira. Os dois volumes desta segunda série são alentados e muito ricos de colaborações. Os temas vão desde a Filosofia (Zília Osório de Castro, Lucian Holscher (em inglês), Viorel Guliciuc (em francês), à Economia (José Esteves Pereira), à Política (Zília Osório de Castro), à Religião (várias em mesa-redonda), no primeiro volume; no segundo volume, todos os assuntos giraram em torno da problemática do livro e da leitura. Sirvam de exemplo os seguintes artigos: “Fronteiras da história do livro” (Artur Anselmo), “Que todas as pessoas façam rol de todos os livros que tiverem” (Rita Marquilhas), “False imprints: identifying the publishers of surreptitious french works of the eighteenth

century” (David S. Smith), “Verdadeiro Método de estudar” (Teresa Payan Martins), “La révolution de la lecture au XIII^e siècle: mythe ou réalité?” (Roger Chartier).

São revistas como *Cultura* que definem o padrão acadêmico já atingido pela Universidade Nova de Lisboa.

*

REVISTA DA ACADEMIA CEARENSE DE LÍNGUA PORTUGUESA, anos 9-11, n° 9, 1988-1990, Fortaleza, Ceará.

O Presidente da Academia é o escritor Carlos d’Alge, bastante conhecido nos meios intelectuais do país. Neste número assina a apresentação da revista, onde se colhe a informação de que o n° 9 homenageia o professor José Marques da Cruz, português de nascimento, mas que exerceu o magistério no Brasil, onde formou numerosos discípulos, não só em sala de aula, mas também, e não em menor número, através dos ensinamentos hauridos em seus livros didáticos, à época dos mais difundidos nos meios escolares do país. O n° 9 também se associa às comemorações pela passagem do nascimento de Fernando Pessoa.

Assinam os artigos do presente número os mais categorizados mestres de língua portuguesa do Ceará: Antenor Gomes de Barros, Antônio Pessoa Pereira, Batista de Lima, Carlos d’Alge, Edmilson Monteiro Lopes, Hélio Melo, Itamar Espíndola, José Rogério Fontenele Bessa, José Lemos Monteiro, Myrson Lima, Sinésio Cabral, Waldemar Alves Pereira.

Fortaleza possui valoroso núcleo de estudiosos da língua portuguesa, testemunho de que continua vivo o culto da língua pátria, entre os que sabem que é na produção literária que se encontram disseminadas as mais altas formas de expressão do patrimônio espiritual de um povo. E disso é prova a existência na bela capital cearense de uma Academia de Língua Portuguesa.

*

REVISTA BRASILEIRA, fase VII, janeiro a março 1997, ano III, n° 10.

A *Revista Brasileira* é órgão oficial da Academia Brasileira de Letras e tem por Diretor o acadêmico João de Scantimburgo. O presente número homenageia a memória do Pe. Antônio Vieira, pelo transcurso do terceiro centenário de sua morte. Consta o presente número dos seguintes artigos: João de Scantimburgo, “O tempo em sermão do padre Antônio Vieira”; Pe. Armando

Cardoso, “O padre Antônio Vieira, missionário da Amazônia”; Pe. Hélio Abranches Viotti, “Vieira através de sua brasilidade”; Rev. José Gonçalves Salvador, “O padre Antônio Vieira e os cristãos-novos”; Leodegário A. de Azevedo Filho, “Arte, tópica e método de Vieira no Sermão da Sexagésima”; Sílvio Elia, “O enigma da *Arte de Furtar*”.

Há duas transcrições: uma do falecido acadêmico Ivan Lins, de convicções positivistas, intitulado “Atualidade do Padre Antônio Vieira, S.J.” e outra do saudoso e eminente gramático baiano, Ernesto Carneiro Ribeiro, sob o título “O padre Antônio Vieira, clássico da língua portuguesa”, condensação de conferência pronunciada no Instituto Histórico e Geográfico da Bahia. (seguem-se excertos de *Sermões*, *Cartas* e *Livros* do Padre Antônio Vieira S.J.): “A poesia de Miguel Reale”, pelo Embaixador José Augusto Seabra, e o discurso do Acadêmico Herberto Sales, por ocasião do recebimento do título de Doutor *honoris causa*, outorgado pela Universidade Federal da Bahia.

Este número é a reverenciada homenagem ao grande pregador jesuíta, que passou momentos altamente significativos de sua vida missionária em nosso país, onde veio a falecer, prestada pela mais relevante instituição cultural brasileira.

*

REVISTA LUSO-BRASILEIRA DE LETRAS, n° 4, 1996.

Esta revista é órgão oficial da Academia Luso-Brasileira de Letras. A Revista não tem Diretor e sim Coordenadores, que são os acadêmicos Kepler Alves Borges, Presidente da instituição, e Francisco Silva Nobre, assessor da Presidência.

Colaboram neste número: Sylvia da Costa Alves Borges (“A imprensa luso-brasileira e nossa Academia”), F. Silva Nobre (“Turismo pelo Brasil”), Arnaldo Machado (“Saudação em sessão festiva”), Ítalo de Saldanha da Gama (“O ouro do mundo e o judeu errante”), Kepler Alves Borges (“O verbo na linguagem jurídica”), Dagmar Lourenço (“O amor é lindo”), José Fernando Miranda Salgado (“Relações Luso-Brasileiras”), Cléa Gervason Halfeld (“O novelo da vida”), Marta Nolding (“Convite à leitura dos *Diálogos de Amor*, de Leão Hebreu”), Thereza Bittencourt Renha (“Fernando Pessoa”), Geraldo Halfeld (“Bruxismo”), Ovídio da Cunha (“A Mulher, o Mito e a Civilização”). O número contém ainda “Discursos Acadêmicos” (por Antero de Macedo, discurso de posse, e de Joaquim Simões de Faria, saudação ao novel acadêmico). O astrônomo Ronaldo Rogério de Freitas Mourão assina ainda um artigo em que se ocupa com “A Astronomia e a Astrologia em *Os Lusíadas*”. Completa o número uma secção dedicada à *Poesia*.

A Academia Luso-Brasileira de Letras vem, desde a fundação, percorrendo uma trajetória de incansável labor em prol de uma constante e fraternal convivência cultural entre as duas irmãs atlânticas.

S.E.

**

GONÇALVES, Francisco Rebelo. *Obra Completa*, vol. I, Lisboa, Fundação Calouste Gulbenkian, 1995, XXIX + 857 págs.

Em muito boa hora o Serviço de Educação da Fundação Calouste Gulbenkian, tão proficientemente dirigido pela figura ímpar do Prof. Doutor José Vitorino de Pina Martins, inclui no plano de suas edições a reunião dos livros e artigos – muitos dos quais esparsos em publicações de difícil acesso ao público estudioso, além de alguns inéditos – desse notável humanista que foi Rebelo Gonçalves – de nome completo Francisco da Luz Rebelo Gonçalves –, nascido em 1907 e falecido em 1982. Reparte-se o volume pelas seguintes seções: *Estudos maiores e menores; Notas, prefácios e recensões; Humanismo e Humanidades Clássicas hoje; Inscrições, Composições poéticas em grego, latim e português*. Iniciou suas atividades de docência universitária em Lisboa, depois em Coimbra e finalmente em Lisboa, desempenhando durante alguns anos também funções de magistério na então recentemente criada Faculdade de Filosofia e Letras da Universidade de São Paulo. Discípulo dileto de José Maria Rodrigues, José Joaquim Nunes e José Leite de Vasconcelos, na Faculdade de Letras de Lisboa, dono de sólida formação científica, de rica memória e de extraordinária atividade de trabalho, logrou, por concurso, ser o mais jovem doutor e catedrático da Faculdade onde estudara. Legou ao ambiente universitário português dois Institutos de Estudos Clássicos (Coimbra e Lisboa) e duas revistas de peso internacional, *Humanitas* (em Coimbra) e *Euphrosyne* (em Lisboa).

A extensa obra dedicada às línguas clássicas, à portuguesa e à Camonística, num largo espaço de mais de quarenta anos, será coligida em três tomos, dos quais este I está dedicado à Filologia Clássica. Como acentuou o Prof. Doutor Raul Miguel Rosado Fernandes na longa, substanciosa e crítica introdução à figura e à obra do notável humanista, seus trabalhos deixam facilmente delineada a influência positivista que lhe incutiram seus melhores mestres da Universidade de Lisboa, revelada na preferência, com sólida preparação filológica, da história comparada da língua latina e da grega, da etimologia, da ortografia e da lexicologia clássicas e vernáculas, da acuidade na solução de intrincados problemas de crítica e interpretação textual (onde

não faltava “um enorme gosto por descobrir a chave dos enigmas que se põem à erudição”), sem falar na elegância e facilidade com que escrevia o latim e o grego, “mantendo assim viva a tradição dos meios universitários europeus na primeira metade deste século”.

Não se pode concluir este registro do vol. I da *Obra Completa* de Rebelo Gonçalves sem uma palavra especial ao carinho e devoção de sua filha, a competente Prof^a Doutora Maria Isabel Rebelo Gonçalves, da Universidade de Lisboa, ao reunir os estudos, ordená-los e prepará-los para publicação.

Se este I volume vem enriquecido com a introdução do Prof. Doutor Raul Miguel Rosado Fernandes, será o II, dedicado aos estudos de Língua Portuguesa, introduzido pelo Prof. Doutor Justino Mendes de Almeida, e o último, que coligirá os ensaios atinentes a Camões e aos estudos camonianos, contará com a apreciação crítica do Prof. Doutor José Vitorino de Pina Martins.

Fazemos daqui votos para que os outros volumes venham logo à luz para proveito de quantos estudam seriamente a Lingüística e a Filologia Clássica e Românica.

*

AGUIAR, Martinz. *Repasse Crítico da Gramática Portuguesa*. 2^a ed. Fortaleza, UFC, Casa de José de Alencar, 1996.

Ainda que tardiamente – pois só agora, na Bienal do Livro de São Paulo – tomamos conhecimento da saída deste livro do grande Mestre que foi Martinz de Aguiar, uma das maiores glórias dos estudo lingüísticos no Ceará, registramos o aparecimento da 2^a ed. desta valiosa obra. Saída a 1^a edição do livro em 1922, como trabalho *ad libitum* apresentado à Congregação do Liceu do Ceará, logo marcou o *Repasse Crítico* a posição vanguardeira do Autor, atravessando as barreiras do seu Estado natal e ganhando a admiração e respeito dos centros acadêmicos mais em projeção do país. Sua crítica à conceituação de advérbio logo mereceu transcrição na *Gramática* superior de João Ribeiro uma das fontes mais autorizadas da época, mas muito parcimonioso em citação de autoridades. O Sul desde cedo acostumou-se a apreciar o talento do professor cearense, pela exatidão dos ensinamentos e pela coragem com que defendia seus pontos de vista. Pela Organizações Simões do Rio de Janeiro fora publicado, em 1955, esse punhado de importantes informações que são as *Notas de Português de Filinto e Odorico*. Tive o prazer de conhecer de perto esse mestre e essa figura humana admirável, que nunca saiu do Ceará, mas que procurava estar a par do que se publicava dentro e fora do país. Fruto desta amizade, tão proveitosa e cara para mim, explica-se a gentileza de me ter

dedicado a 2ª edição de suas *Notas e Estudos de Português* (Rio de Janeiro, Fundação Getúlio Vargas, 1971).

Falecido Aguiar em 1974, seu filho e incansável batalhador para conseguir a publicação das suas obras completas, o Dr. Alcimo Cavalcante de Aguiar, empenhou-se na preparação dos originais, revistos e consideravelmente aumentados, e, por iniciativa minha, enviou-mos a fim de conseguir publicá-los pela Presença, do Rio de Janeiro, uma vez que praticamente esta Editora se especializara em patrocinar obras filológicas e lingüísticas, pelo carinho devotado a este gênero de estudos do editor Gregore Dobrinesco, há pouco falecido. Foram baldados todos os esforços, pela dificuldade de encontrar subsídios financeiros. Agora, pelo entusiasmo do filho Alcimo, coordenador da edição, e desse incansável intelectual, Antônio Martins Filho, a quem tanto devem a Educação e a Cultura do Ceará, uma parte da almejada coleção das *Obras Completas* – o *Repasse Crítico* – vem à luz quase dez anos depois de preparados os novos originais, agasalhada pela Coleção Alagadiço Novo, enriquecida ainda com prefácio tão afetivo quanto erudito do conterrâneo de Aguiar o Professor Hélio Melo.

Os jovens estudiosos que não conhecem Martinz de Aguiar vão passar a admirá-lo não somente pela original grafia etimológica do seu *Martinz com z*, mas pela originalidade de muitas das suas lições, algumas das quais são hoje postas em relevo pelos modernos estudos lingüísticos. Só para citar apenas uma neste breve registro, é o caso de sua opinião sobre *porque* (e reflexos nas grafias *por que* e *porque*), cuja fundamentação está hoje defendida por autoridades como Emilio Alarcos Llorach e Eugenio Coseriu.

Praza aos céus encontre editor seu ilustre filho Alcimo para as *Obras Completas*, cujo originais estão de há muito preparados, a fim de que persistam as boas lições do inesquecível Amigo e excelente Mestre Martinz de Aguiar.

*

MACEDO, José Tavares de. *Obras Inéditas: Ensaio sobre o Estudo Histórico das Línguas e Elementos de Grammatica Portuguesa*. Edição de Ivo Castro. Lisboa, Associação Portuguesa de Lingüística, 1996.

A presente edição crítico-genética dirigida pelo conhecido e competente lingüista e filólogo Ivo Castro, com a colaboração de alunos do Curso de Mestrado em Lingüística Histórica do Departamento de Lingüística Geral e Românica da Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa, só foi possível graças a um feliz acaso: ao comprar um maço de manuscritos à Livraria

Almarjão, no Natal de 1995, encontrou o editor os originais de duas obras lingüísticas de José Tavares de Macedo, cuja redação se situa, aproximadamente, entre 1831 e 1835. A descoberta passou imediatamente por um trabalho preparatório que tornasse possível a presente edição em tempo breve. Chega-nos num momento excepcional da historiografia lingüística portuguesa, em que gramáticos, ortógrafos e lexicógrafos, antigos e modernos, editados ou inéditos, têm seus livros e manuscritos à luz do dia e suas bases teóricas reestudadas pelo crivo das modernas orientações lingüísticas. José Tavares de Macedo, que nasceu em Torres Vedras em 1801, escreveu na mesma quadra de atuação de Couto e Melo, Nunes de Andrade, Ribeiro dos Santos, D. Francisco de S. Luís, Mendonça Falcão (que reviu a 6ª ed. do *Dicionário* de Moraes) e Torres de Almeida, entre outros, e, como sócio efetivo da Academia Real de Ciências, na classe de Ciências Morais, Políticas e Belas Letras, teve como companheiro a Alexandre Herculano, entre outros, na seção de História e Antiguidade. Ignorado ou mal conhecido dos historiadores da gramaticografia portuguesa, aparece citado em Simão Cardoso (*Historiografia gramatical: 1500-1920*) por causa dos *Elementos de Orthographia Portugueza*, obra que faz de Tavares de Macedo, conforme lição de Ivo Castro (*A Demanda da Orthografia*, 1987, p.204), “um dos primeiros defensores em Portugal de uma reforma ortográfica de sentido sônico” (p. XIII da Introdução destas *Obras Inéditas*). Tavares de Macedo exerceu o cargo de deputado, esteve preocupado com problemas relativos à política do ensino, ao comércio, aos temas agrícolas, à relações de Portugal com as colônias, e, além de mais variados assuntos, da década de 50, foi secretário da comissão encarregada de procurar os ossos de Camões.

Deste laborioso espírito, Ivo Castro e sua equipe de colaboradores oferecem-nos estes dois inéditos (*Ensaio sobre o Estudo Histórico das Línguas e Elementos de Grammatica Portugueza*), permitindo-nos assim entrar em contacto com mais um representante do pensamento gramatical de Portugal do século XIX. Cumpre-se, desta maneira, a pretensão da Associação Portuguesa de Lingüística ao idear os Cadernos de que estas *Obras Inéditas* de José Tavares de Macedo constituem o 2º: contribuir para a elaboração de uma História da Lingüística em Portugal.

E.B.

NOTICIÁRIO

No dia 18 de maio último, comemorou o Real Gabinete Português de Leitura o 161º aniversário de sua fundação. Nessa oportunidade tomou posse a Diretoria eleita para o período de 1998/2000. Como Presidente foi reeleito o Dr. Antônio Gomes da Costa, que viu assim reconhecida a dedicação, competência e criatividade com que se tem havido à frente da mais antiga e prestigiosa instituição cultural portuguesa no Brasil. Presidiu a sessão o Dr. José Lello, Secretário de Estado das Comunidades Portuguesas.

*

Nos dias 18 e 19 de abril em curso, realizou-se no Rio de Janeiro, o V Encontro das Comunidades Luso-Brasileiras. A sessão de abertura ocorreu no Real Gabinete Português de Leitura, sob a Presidência do Embaixador de Portugal no Brasil, Dr. Francisco Knopfli. O Ministro das Relações Exteriores do Brasil, Embaixador Luiz Felipe Lampreia, enviou aos participantes uma mensagem, da qual destacamos o seguinte trecho: “Para as comunidades luso-brasileiras, que tão importante contribuição têm dado ao progresso deste país, um dos desafios mais importantes será justamente o de preservar as raízes e tradições portuguesas que nos enriquecem”. A sessão de encerramento deslocou-se para o Liceu Literário Português, quando foi aprovada a Carta do Rio de Janeiro, consubstanciando as conclusões do Encontro. O texto integral da Carta, um marco nas relações culturais, em sentido amplo, luso-brasileiras, já foi publicado pela Federação das Associações Portuguesas e Luso-Brasileiras e Conselhos das Comunidades Luso-Brasileiras. O texto é muito rico e contém felizes direções de trabalhos futuros, que não podem deixar de interessar a todos quantos desejam o revigoramento do sentido de nossa formação histórica. Brevíssimos exemplos ilustrativos: editar e difundir cartilhas sobre a história básica luso-brasileira (importantíssimo, dado que é constrangedora a distorção ideológica de fatos de nossa história em compêndios postos nas mãos de inocentes crianças em algumas ou várias de nossas escolas); promover a reedição da *História da Colonização Portuguesa*, coordenada por Carlos Malheiro Dias;

dar continuidade aos estudos sobre *Memória da Emigração Portuguesa* que já estão a ser realizados no Rio de Janeiro e em São Paulo; compromisso de celebrar o centenário do escritor Ferreira de Castro, cuja presença na Amazônia foi marcante em sua obra de romancista. No que toca ao idioma, “foi ressaltado o trabalho que já vem sendo desenvolvido por muitas instituições, inclusive os Gabinetes de Leitura, os Elos Clubes e o Liceu Literário Português, cujo Instituto de Língua Portuguesa já adquiriu, por seu trabalho e pesquisas, grande prestígio a nível internacional”. Na sessão de encerramento, foi lida e aplaudida mensagem do Instituto de Língua Portuguesa, assinada pelo Com. Manuel Paulino e demais membros da Diretoria, sobre “Sentido e Missão da Comunidade dos Países de Língua Portuguesa”, cujo texto vai transcrito em outro lugar desta edição.

*

O nosso colega, Prof. Evanildo Bechara, foi eleito Conselheiro junto à *Revue de Linguistique Romane*, a internacionalmente mais prestigiosa publicação no âmbito dos estudos neolatinos. É o primeiro filólogo brasileiro a ser alvo de tal distinção, o que não só demonstra o nível já alcançado pelos estudos lingüísticos em nossa terra, mas também traz muita alegria aos seus amigos do Instituto de Língua Portuguesa, de que é um dos diretores.

*

No período de 27 a 31 de julho, fará a Sociedade Brasileira de Língua e Literatura realizar no auditório e salas da UERJ, o seu XXX (!) Congresso, que constará de conferências, mesas-redondas e comunicações livres. O programa já foi impresso e está sendo distribuído aos participantes. Farão conferências: os professores Antonio Braz Teixeira, da Universidade Autônoma de Lisboa: “A filosofia portuguesa no tempo de Camões”; Maria Helena Varela, da Universidade Federal Fluminense: “A terceira margem da língua portuguesa: a filosofia da luso-brasilidade”; Sábato Magaldi, da Academia Brasileira: “O teatro brasileiro moderno”; David S George (Illinois, U.S.A.): “A ficção de Edla van Steen em inglês”; Marina Machado Rodrigues, UERJ: “Confronto textual entre MA e RI”; Maurizio Perugi, da Univ. de Genebra: “Crítica das variantes na lírica de Camões”; Dalma B. Portugal do Nascimento, da Univ. Federal do Rio de Janeiro: “Arte e técnica da ficção e Lygia Fagundes Telles”; Leodegário A. de Azevedo Filho, UERJ: “Apresentação da obra em prosa de Cecília Meireles”.

Presidirá o Congresso o Prof. Dr. Leodegário A. de Azevedo Filho, Presidente da Sociedade Brasileira de Língua e Literatura (SBLI).

*

No dia 18 de maio, foi oficialmente inaugurada, com a presença do Dr. José Lello, Secretário de Estado das Comunicações Portuguesas, Dr. Antônio Gomes da Costa, Presidente da Federação das Associações Portuguesas e Luso-Brasileiras, Com. Manuel Paulino, Presidente do Liceu Literário Português e demais membros da Diretoria, a sala onde está sendo instalada a Biblioteca do Instituto de Língua Portuguesa. A sala recebeu o nome do Prof. Maximiano de Carvalho e Silva, como reconhecimento pelo seu contínuo e desvelado trabalho na organização e catalogação dos livros que se vão constituindo no acervo da Biblioteca. Na mesma ocasião também foi descerrada uma placa em homenagem aos demais professores membros da Comissão Diretora do ILP.

*

A senadora Benedita da Silva apresentou um projeto de lei que torna obrigatória a “língua brasileira de sinais” enquanto forma de expressão das comunidades surdas do país. Queremos, contudo fazer pequeno reparo no que diz respeito ao uso, no texto do projeto, do sintagma “língua brasileira”, uma vez que não é disso realmente que se trata.

O que existe é “língua-de-sinais”, expressão indecomponível, para designar um meio de comunicação de natureza visual-motora, destinado ao intercâmbio gestual entre pessoas surdas. É o *signal-language* dos ingleses. A forma correta será, pois, *língua de sinais brasileira*.

A professora Hilma Ranauro, que tem acesso à comunidade dos surdos-mudos e seus dirigentes, já os alertou a respeito da impropriedade da fórmula. Temos, pois, motivos para admitir que o lapso já tenha chegado ao conhecimento da autora do projeto e que, portanto, a correção será feita no devido tempo.

*

Realizou a ANPOLL (Associação Nacional de Pós-Graduação e Pesquisa em Letras e Linguística), no período de 9 (III Encontro Setorial do GT Historiografia da Linguística Brasileira) a 10 e 11 (XIII Encontro Nacional da ANPOLL) de junho último, na Universidade de Campinas, SP.

O III Encontro Setorial constou de duas partes: a) Comunicações; b) Produção Documental.

Foram as seguintes as comunicações: “Para uma história da *lingüística aplicada* no Brasil” (Ana Nilce Rodrigues Barasnevicius); “O Estruturalismo de Mattoso Câmara” (Ângela França); “Sílvio Elia e *O Problema da Língua Brasileira*” (Hilma Pereira Ranauro); “Fontes para a historiografia lingüística do Brasil Colonial” (Luciana Gimenez); “O paradigma de Serafim da Silva Neto” (Olga Coelho); “Gênero e Lingüística Brasileira” (Telma Regina Bueno); “Os *Kirishitan Shiryô* e *A Arte da língua Iampam* (1604-1608)” (Eliza Atsuko Tashiro); “Para uma história das práticas lingüísticas” (Cristina Altman).

Integraram a parte documental os seguintes estudos: “Produção Documental de manuscritos relativos à História Indígena” (José Ribamar Bessa Freire); “Produção Documental jesuítica sobre América e Índia portuguesa nos séculos XVI e XVII” (John Monteiro); “Primeira pessoa do singular: estórias e histórias da Lingüística Brasileira” (Cristina Altman, coord.). Esta última contribuição consta de uma série de “entrevistas não estruturadas” realizadas pela Prof. Cristina Altman com estudiosos dos fenômenos da linguagem, a saber: Isidoro Blikstein, Francisco da Silva Borba, Dinah Maria Isensee Callou, Ataliba Teixeira de Castilho, Eugênio Coseriu, Maria Antonieta Alba Celani, Sylvio Edmundo Elia, Carlos Frachi, Ângela Kleiman, Erasmo de Almeida Magalhães, Luiz Antônio Marcuschi, Francisco Gomes de Matos, Rosa Virgínia Mattos e Silva, Haquira Osakabe, Aryon Dall’Igna Rodrigues, Paulino Vandresen, Carlos Votre, Leonor Scliar-Cabral, Mary Kato. Foi incluída palestra do Prof. Carlos Eduardo Falcão Uchoa, proferida na UFF, como forma de depoimento.

O XIII Encontro Nacional desenvolveu o seguinte temário: A) *Para uma historiografia da universalidade lingüística*; B) *Para uma historiografia da diversidade lingüística*; e pôs em discussão dois Painéis.

O tema A especificou-se no seguinte ponto: “As línguas bárbaras e peregrinas no Novo Mundo segundo os gramáticos jesuítas: uma concepção de universalidade no estudo de línguas estrangeiras” e teve por expositor a Prof^a Maria Carlota Rosa (UFRJ). Para o tema B, o aspecto escolhido foi “Fragmentos de um discurso antropológico em pleno reinado do discurso filológico” e teve por expositor o Prof. Carlos Eduardo Falcão Uchoa.

O painel “Questões de Método” contou como expositores os seguintes professores: José Marcelo F. Luna (UNIVALI), Ângela Vaz Leão (PUC-MG), José Borges Neto (UFPR), que se ocuparam respectivamente com as seguintes questões: Sobre um método para reconstrução do ensino de línguas; José Lourenço de Oliveira, leitor do seu acervo e O paradigma indiciário.

Do painel *Gramaticologia e Gramaticografia da Língua Portuguesa* foram expositores os seguintes professores: Evanildo Bechara (UERJ): “Os primeiros ecos do *Cours* de Saussure na gramaticografia brasileira”; Mercedes Hackerott (Unlb): “Contribuição de Bento Pereira à historiografia da gramática”; Neusa Bastos (PUC-SP): “Uma análise do discurso do gramático século XVIII”; Válder Kehdi (USP): “Para uma gramaticografia do português”; Ricardo Cavaliere (UFF): “Estudos sintáticos na gramática científica brasileira”.

*

No dia 04 de junho último, sob a Presidência do Cônsul Geral de Portugal, Doutor Luís Filipe Castro Mendes, foi feita a entrega do Prêmio Internacional D. João de Castro ao Embaixador Evaldo Cabral de Melo, no Palácio da rua de São Clemente. A recepção, que contou com a presença de ilustres personalidades de nosso mundo cultural, constituiu-se numa autêntica festa de conagração luso-brasileiro.

*

Editores, livreiros e amigos de Alberto de Abreu reuniram-se com os parentes do homenageado para, no último 24 de março, saudá-lo pelos seus 60 anos à frente da antiga Livraria Acadêmica e hoje Livraria Padrão, juntamente com os saudosos Garlos Griesbach, Henrique Álvares da Cunha e, mais recentemente, Alberto Lopes Vieira. Na oportunidade, foi-lhe oferecido um livro de *Homenagem* em que parentes, colegas de profissão, amigos e professores testemunharam seu apreço e gratidão pelo trabalho honesto, consciente e sempre atento do estimado Alberto de Abreu, numa casa editora que viveu e vive os melhores momentos da cultura cultivada no Rio de Janeiro e no Brasil.

*

Perde a língua portuguesa um extremado cultor na figura do Professor Napoleão Mendes de Almeida, falecido em 24 de abril último, em São Paulo, com 87 anos de idade, muitos dos quais dedicados a ministrar o latim e a sua língua materna. Nascido em 8 de janeiro de 1911, na cidade de Itaí, São Paulo, cursou na cidade natal o primário. A continuação dos estudos já foi na Capital, no início no Liceu do Sagrado Coração de Jesus e depois no Instituto Salesiano de Pedagogia e Filosofia de Lavrinhas, e, por fim, na Faculdade de Direito do

Largo de São Francisco. Foi dos primeiros, senão o primeiro, a criar curso por correspondência de português e latim em São Paulo. Escreveu *Gramática Metódica da Língua Portuguesa, Gramática Latina, Dicionário de Questões Vernáculas*, entre outros, além de colaborar assiduamente no *O Estado de São Paulo* com uma coluna sobre questões vernáculas.

*

Às 20:30 do dia 08 de junho do ano em curso, realizou o Real Gabinete Português de Leitura, em sua sede social, a tradicional comemoração do Dia de Portugal, simbolizado na figura maior do Poeta Luís de Camões.

A sessão foi aberta com a execução dos hinos nacionais de Portugal e do Brasil. Presidiu a solenidade o Embaixador de Portugal no Brasil, Dr. Francisco Knopfli. Falou em primeiro lugar o Dr. Antônio Gomes da Costa, presidente da instituição anfitriã, que pôs em destaque a contribuição dos portugueses para o engrandecimento da pátria brasileira, verdadeira extensão da pátria portuguesa, quer no período colonial, quer no independente. Foi orador oficial da cerimônia, o Dr. Jorge Coelho, Ministro da Administração Interna de Portugal, que dissertou, com o rigor dos conhecimentos e o saber de experiências feito, sobre os frutos auspiciosos da constante aproximação cultural e econômica entre as duas nações irmãs.

Foi também prestada carinhosa homenagem ao vitorioso Club de Regatas Vasco da Gama, pelo transcurso do centenário da sua fundação, na pessoa do seu Presidente Antônio Soares Calçada, a quem foi ofertado um pergaminho e a Medalha do Mérito da Federação das Associações Portuguesas. Agradecendo, falou o Presidente Soares Calçada, que interpretou os sentimentos da família vascaína ali presente. Ainda usaram da palavra os vereadores Wilson Leite Passos e Áureo Ameno que, na assembléia legislativa do Município, se têm distinguido por iniciativas que visam a um constante fortalecimento da comunidade portuguesa desta Leal Cidade de São Sebastião do Rio de Janeiro.

A parte artística ficou a cargo do Trio Mozart, que executou peças clássicas e também populares, como o chorinho *Carinhoso*, de Pixinguinha.

Encerrou a sessão o Embaixador Francisco Knopfli, que, em breves palavras, disse excelentemente do alto significado da solenidade, momento expressivo do sempre renovado conagração luso-brasileiro.

Ao Dr. Antônio Gomes da Costa os merecidos parabéns pela realização de mais esse ato de efetiva luso-brasilidade.

*

DIA DE PORTUGAL

No dia 08 de junho do ano em curso, foi comemorada do Rio de Janeiro, com duas solenidades, a data aniversária da nação lusitana.

No Palácio de São Clemente, sede do Consulado Geral no Estado, o Cônsul, Dr. Luís Felipe de Castro Mendes, recebeu, para um Porto de Honra, vários de seus ilustres concidadãos e numerosos amigos brasileiros. A reunião teve início às 12 horas e nela se ouviu a palavra do Ministro da Administração Interna de Portugal, Dr. Jorge Coelho. Prestigiou o evento com a sua presença o Embaixador de Portugal no Brasil, Dr. Francisco Knopfli.

COLABORADORES DESTES NÚMEROS

ANTÔNIO GERALDO DA CUNHA. Lexicógrafo e pesquisador da Fundação Casa de Rui Barbosa. Autor de dicionários histórico-etimológicos, vocabulários e índices vocabulares.

ANTÔNIO GOMES DA COSTA. Presidente da Federação das Associações Portuguesas e Luso-Brasileiras e Presidente do Real Gabinete Português de Leitura.

CARLOS DA COSTA ASSUNÇÃO. Licenciado em Letras, professor da Universidade de Trás-os-Montes (Portugal) que, entre outros temas, sob a direção competente do Doutor Amadeu Torres, se vem especializando na historiografia gramatical portuguesa.

EDMÍLSON MONTEIRO LOPES. Licenciado em Letras Clássicas pela Universidade Federal do Ceará, membro efetivo da Academia Cearense de Língua Portuguesa e autor de livros e artigos de sua especialidade, entre os quais, recentemente, os comentários críticos ao *Projeto da Ortografia Unificada da Língua Portuguesa* (Fortaleza, 1991) e *Outra Análise Crítica* (Fortaleza, 1993).

EVANILDO BECHARA. Professor Titular aposentado dos cursos de graduação e pós-graduação dos Institutos de Letras da Universidade do Estado do Rio de Janeiro e Universidade Federal Fluminense. Professor *Emérito* pela UERJ, onde atua presentemente como Professor Visitante.

FRANCISCO GOMES DE MATOS. Professor Adjunto 4 do Departamento de Letras da UFPE, ex-professor na PUC-SP e autor de vários livros e artigos, sendo o mais recente *Pedagogia da Positividade. Comunicação Construtiva em Português* (Editora UFPE, 1996).

GLADSTONE CHAVES DE MELO. Professor Titular aposentado de Língua Portuguesa da Faculdade de Letras da UFRJ, do Instituto de Letras da UFF e da Faculdade de Letras da PUC-RJ. Doutor honoris causa pela Universidade de Coimbra; professor visitante da Universidade de Coimbra e da Universidade de Tübingen (Alemanha). Autor de vários livros sobre Lingüística, Filologia e Estilística da Língua Portuguesa.

JOSÉ LEMOS MONTEIRO. Doutor em Letras. Professor Titular da UNIFOR. Professor aposentado da UFC e da UECE, onde ainda colabora nos programas de pós-graduação. Autor de vários livros e artigos nas áreas de Lingüística, Estilística e Crítica Literária.

MAXIMIANO DE CARVALHO E SILVA. Professor Titular aposentado de Filologia (Crítica Textual) do Instituto de Letras da UFF. Ex-diretor do Instituto de Letras da UFF e do Centro de Pesquisa da Fundação Casa de Rui Barbosa. Membro da Academia Brasileira de Filologia e do Círculo-Lingüístico do Rio de Janeiro. Autor de várias obras de sua especialidade.

RICARDO CAVALIERE. Professor Assistente de Língua Portuguesa da Universidade Federal Fluminense. Doutor em Língua Portuguesa pela UFRJ e autor de estudos de sua especialidade.

SÍLVIO ELIA. Professor nos cursos de pós-graduação do Instituto de Letras da Universidade Federal Fluminense. Antigo Catedrático de Latim do Colégio Pedro II e Titular aposentado de Lingüística da Faculdade de Letras da UFRJ.